

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n.º 52 — Abril, 1920

O Momento	REDACÇÃO	287
A Arte religiosa no Rio	M. MORAES DE ANDRADE	289
Bucho-de-piaba	ALBERTO RANGEL	294
Philosophia de J. Ingenieros	HENRIQUE GEENEN	303
Um episodio da Revolução Pernambucana em 1824	MARIO MELO	307
Na India	NAVARRO DE ANDRADE	311
Paiz de Ouro e Esmeralda	J. A. NOGUEIRA	321
Mães, por decreto	HERMES FONTES	325
Versos	S. GALEÃO COUTINHO	329
Afranio Peixoto	JACKSON DE FIGUEIREDO	332
Estudos da lingua portugueza	FRANCISCO ASSIS CINTRA	338
Academia Brasileira de Letras	ARTHUR MOTTA	344
Bibliographia	REDACÇÃO	356
RESENHA DO MEZ — Nota politica (<i>J. A. Nogueira</i>) — Aves de arribação (<i>Octavio Brandão</i>) — A aguia e o aviador — Lenine: o politico e o orador Idéas de governo (<i>A. Chateaubriand</i>) — Os reis dum dia (<i>João do Norte</i>) — Uma velha questão academica (<i>João Ribeiro</i>) — Geca Tatú, pesca- dor (<i>Adhemar Vidal</i>) — As taboletas em ver- naculo — Curiosa collecção zoologica (<i>R. v. I.</i>)		364
Caricaturas do mez		377

S. Paulo

1920

Rio



REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO.

Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.

Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Bello Horizonte.

Pernambuco: Mario Sette, Recife.

Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.

Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.

R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.

Paraná: Seraphim França, Coritiba.

Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manáos.

Rio Grande do Norte: Henrique Castriciano, Natal.

Parahyba: Alcides Bezerra, Parahyba.

ASSIGNATURAS

Anno 15\$000

Numero avulso 1\$500

Assignatura sob registro no correio: mais 2\$400 por anno.
As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
sempre em junho ou dezembro.

Os originaes não serão devolvidos

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 — SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1½ WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

Bloch

FAZENDAS

E TECIDOS

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

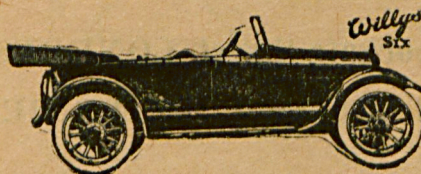
S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

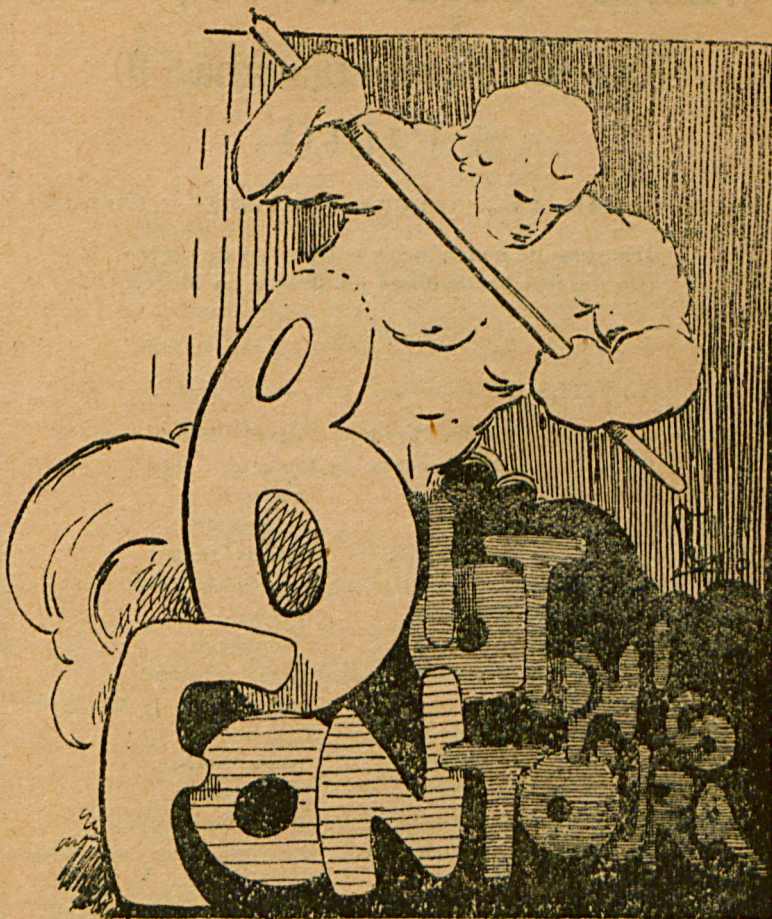
Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester, Bahia, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Montevidéo, Rosario de Santa Fé e Buenos Aires.
Capital Realizado £ 1.000.000	
Fundo de Reserva £ 1.000.000	

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA
CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

**COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"**



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIOTONICO cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura a fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . .	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . .	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne .	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . .	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia .	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10

Rua Boa Vista, 46

SÃO PAULO



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

Rua de São Bento N.º 89 e 91
SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

O PROJECTO ROLLO

O concurso aberto em S. Paulo para um monumento commemorativo da Independencia serviu para nos revelar a existencia de um peregrino artista. Nicolo Rollo, na casa dos vinte annos ainda, é já um esculptor completo, da mais alta envergadura. E' dessas organizações privilegiadas que rompem as tradições, não repisam as sendas trilhadas, e dão "algo nuevo" ao mundo. Um creador de belleza, em summa. Seu projecto de monumento é em si um monumento mais que sufficiente para, de um jacto, alçal-o á plana desses sublimes manipuladores do barro, que, á semilhança de Deus, tiram de sua massa informe as mais radiosas linhas, as mais perturbadoras formas.

Que vida, que força inaudita naquelles "bouquets" de musculos humanos, retesados na defesa, dos dois grupos lateraes! Que vigor victorioso de concepção, que elance magnifico no tom geral da obra, que harmonia na fusão das partes para o realce do conjuncto! Elle é um vencedor. Arrasta, e nos espectadores provoca o fremito da belleza pura. Não será, talvez, escolhido o seu projecto. Outros mais habeis saberão com truques manhosos apanhar a palma da victoria. Não importa. A victoria com V grande é sua, está declarada já no olhar de quantos param um momento deante do seu trabalho, e saem dalli com a retina impregnada da festa de belleza que elle é. E a cidade de

S. Paulo, infestada de Zagors indecorosos, sente-se orgulhosa de ter em seu seio, a levantar o vôo, um artista cujo nome está predestinado a circular pelo mundo, livre de fronteiras, como um eleito da Gloria.

A "Revista do Brasil", livre e desassombrada que é, vota com orgulho no seu projecto e faz preces a Apollo para que, uma vez na vida, o genio tenha sua recompensa.





A ARTE RELIGIOSA NO RIO

POR

M. MORAES DE ANDRADE

A sociedade colonial no Rio de Janeiro jámais attingiu o brilho bahiano, nem com a chegada dos vice-reis, nem mesmo com o repouso de pomba foragida que ahí tomou D. João VI. A riqueza era menor e a instrucção menos desenvolvida. A cidade alongava-se fina, no littoral, banhada pelo mais radioso dos sóes, na mais tediosa apathia. Nem siquer uma grande abastança incitava a eclosão calma duma arte.

A architectura, propriamente dita, não apparecia sinão, com rarissimas excepções, nos templos. Debret apresenta-nos typos de casas do Rio, em 1820, duma simplicidade grosseira.

Um beneditino allemão, Frei Ricardo do Pilar, foi o introductor da pintura no Rio, já na agonia do seculo 17. No mosteiro de S. Bento ha um Christo seu. Esse monge, divergem os autores sobre si deixou discipulos ou não. Eduardo Prado, em artigo sobre arte, inserto no "Le Brésil" de Sant'Anna Nery, afirma que sim; o snr. Laudelino Freire, no discurso de recepção no Instituto Historico Brasileiro o contradiz. O snr. Affonso de Taunay tem apenas uma phrase vaga a esse respeito. E' porém certo que o seguiram de perto José de Oliveira, a quem se deve o optimo tecto de S. Francisco da Penitencia; Leandro Joaquim, João de Souza, Manoel da Cunha, Brasiliense, Solano e outros ainda. Todos esses artistas — alguns dos quaes estiveram em Portugal e mesmo Oliveira Brasiliense em Roma — dedicaram-se com especialidade á pintura religiosa.

A sua unica fonte de lucro era a decoração das igrejas e das capellas. Não só as mansões dos ricos, mas o proprio palacio do rei-musico apresentavam-se em completa nudez ornamental: as igrejas apenas forneciam um campo, aliás vastissimo, á actividade da arte impubere. Mas o interesse das pinturas desses homens não é apenas historico, como determina um autor: têm ellas algum valor artistico, tambem. Os primitivos de Florença e de Siena, não valem apenas com serem o inicio de escolas nobilissimas, mas porque se lhes descobre entre o desenho incorrecto e o colorido ingenuo, algo de ideal, de inspirado, de puro — um vago perfume de arte, emfim. Todos esses artistas cariocas são para nós como outros tantos primitivos duma escola que, sejamos francos, ainda não attingiu uma real magnificencia.

Na esculptura citariamos um Gaspar Ribeiro, um Simão da Cunha e outros ainda, mas sobre todos avulta a figura de Mestre Valentim.

Filho de portuguez, contractador de diamantes e de crioula, Valentim da Fonseca por incidentes de fortuna veio de Minas aposentar-se no Rio de Janeiro. Pouco se sabe da sua vida. Nasceu pariá, viu Portugal — sonho doirado dos nossos patricios de então —; conquistou, em cambulhada, notoriedade, mulheres e o futuro; conheceu o fastigio, intitulado-se amigo do vice-rei Luiz de Vasconcellos, a quem aconselhava; e morreu pobre, como todos os artistas, numa viella que tinha o hygienico, mas pouco decorativo nome de rua do Sabão, no dia primeiro de Março de 1813. A unica data certa da sua vida é a da sua morte... Por uma ironia sem fineza quiz mostrar a Ventura que só uma coisa é certa, a morte, mesmo para os que vivem na admiração e na saudade dos vindouros. O seu corpo lá está, nas catacumbas da capella do Rosario. De toda a sua obra de esculptura, quasi que unicamente decorativa, a parte religiosa sobreleva de muito a profana. Si em Chagas a feitura da imagem é a especialidade do seu talento, si no Aleijadinho une-se ao genio do esculptor o genio do architecto, para o Mestre Valentim é a obra de talha que o enternece.

A Capella do Noviciado, na igreja de S. Francisco de Paula e todas as entalhaduras da Cruz dos Militares são exemplos do mais admiravel churriqueresco. Nota-se todavia na concepção artistica do celebre mulato uma certa propensão para a ordem e uma orientação mais educada que o levam a produzir obras mais pensadas e mais nobres sem a exaltação dos obreiros de S. Francisco na Bahia de S. Bento, no Rio. O Rococó na França não produziu trabalho mais gracioso, não



direi mais avultado, que a Capella de S. Francisco de Paula. A obra do autor do chafariz das Marrecas tem grande importancia artistica, comquanto tenha sido deprimida por um romancista patricio de firme nomeada. E' que o digno historiographo, levado talvez por um respeitavel amor aos seus avós, quiz formar da nossa situação artistica, anterior á vinda de Lebreton e companheiros, um segundo plano escuro, á Rembrandt, para que nelle resaltassem as figuras sympathicas de Grandjean de Montigny, de Taunay, de Debret. Gonzaga Duque, critico de arte dum impressionismo delicado e de fino gosto, escrevia de mestre Valentim que para o elevar "á conta de um grande artista, temos a sua obra de talha, todo esse sumptuoso poema barroco que se eternisa na Capella do Noviciado no tecto e paredes da Cruz dos Militares e que seria duma offuscante belleza si o ouro o recammasse, como o exigia o estilo em que foi concebido e executado". Si o esculptor foi imperfeito, si o Le Nôtre do Passeio Publico foi deselegante, o entalhador das molduras, o cinzelador dos alampadarios eleva-se a uma culminancia notavel — e a França que celebra nos seus livros de arte o humilimo artesão da grade de Nice, celebral-o-hia tambem. Mas Valentim da Fonseca nasceu mulato e brasileiro...

A architectura religiosa no Rio, embora não se tenha mostrado tão exuberante como na Bahia, nem tão original como a mineira, apresenta-nos alguns typos de belleza incontestes e uma obra-prima: a Cruz dos Militares.

De inspiração classica seria a Igreja do Morro do Castello si não fosse suspensa a sua construcção com o desaparecimento mysterioso dos seus empreiteiros em 1759.

Sob as ruinas das suas arcarias incompletas, entre as suas columnas corinthias, numa atmosphaera fantastica de lenda, vaga a figura esfingica de Pedro Franzini, aureolada de ouro, pisando sobre montões de moedas de ouro, sopesando nas mãos recurvas as vinte e quatro oitavas do diamante maravilhoso... Ha ainda interessantes ou notaveis: a igreja da Gloria, faceira e donairoza, quasi bi-secular; o convento de Santo Antonio, S. Bento, S. Francisco da Penitencia, o Carmo, N. S. da Candelaria. Fôra impossivel dar-vos uma apreciação de todas ellas; permittir-me-eis algumas sobre as mais celebres. O mosteiro de S. Bento e a igreja de S. Francisco obedecem a uma quasi que identica estesia. Si fizesse um parallelo entre os dois templos, começaria por comparar a urbanidade com que fui recebido pelo sachristão de S. Francisco e o trato anguloso do monge do mosteiro. Desde ahí appareceria a inferioridade deste para com o delicioso



igrejó. S. Bento é formidável, germanico: o entalhe que recobre totalmente as suas paredes é duma audacia germanica; as suas tres naves são dum mysticismo germanico; os dois admiraveis anjos com tocheiros são de estructura germanica; assim como os anjinhos de madeira das paredes são de uma feiura germanica. Tremendo no ar frio do templo, pisando o esqueleto de D. Victoria de Sá que lá repousa desde 1667, vendo correr por aquellas arcarias douradas toda uma corea tenebrosa de figuras tortas de Cranach e de tetricos seres sobrenaturaes de Dürer, só a medo pude observar as interessantes pinturas da capella-mór, extasiar-me ante os dois grandes anjos do arco-cruzeiro, tão vivos, tão cheios de mystica exaltação, e a obra de talha geralmente representando folhagens e flores estylisadas, duma grande belleza, por onde deslisavam cherubins feiosos, verdadeiros entes de Sabbat. Fugi. Fui respirar o ar carinhoso, brasileiro de Guanabara. O sol esplendia, doirando aqui e além o verde liquido das aguas; todo um rumor de vida alacre subia da urbe; campanarios apontavam ao longe para um céu claro onde habitava o Deus de Bondade... Então, olhando sorrateiro as tres largas portadas por onde sahira do negror do templo, estremeci. Menos parecia o casarão sinistro a custodia do Deus de Bondade que a caverna dos Nibelungos.

S. Francisco não: apesar de totalmente doirada, é affectuosa, é alegre, tem um ar familiar de quem diz: "Sente-se. A casa é sua". E' encantadora ao mesmo tempo que é bella. Ligada ao convento de Santo Antonio, a cujo flanco se apoia, é-lhe infinitamente superior. A' Ordem fundada por Luiz de Figueiredo e sua mulher, os religiosos do Convento cederam pequeno chão, para que nelle construíssem a sua capella; e a capellinha ainda lá está, separada da nave do convento por uma grade de ferro, com a sua Immaculada Conceição tri-secular, guardando no silencio do seu isolamento os restos mortaes do principe D. Pedro Carlos de Bourbon e Bragança. S. Francisco tem um aspecto exterior bisonho e desageitado. E' positivamente feia. Sem torre que a elevem, com um frontão exotico, infelicitaram-na ainda mais, quando numa das ultimas reformas que soffreu, a heresia de pintamonos idiotas cobriu-lhe o marmore do portal e das janellas de espessa camada de oleo!! Mas quem penetrar-lhe o interior, descortinará uma das obras mais sumptuarias que é possivel imaginar-se. Toda a igreja é recoberta de entalhes doirados e de pinturas. Francisco Xavier foi o tarentico que immortalisou o seu nome, cinzelando com uma perfeição sublime todos aquelles panejamentos, flores, folhas, buzios,



anjos; José de Oliveira ligou o seu ás pinturas do tecto. A obra de talha, toda revestida de folhas de ouro, mandadas vir de Lisboa, é uma das mais perfeitas que tenho visto. Nem as entalhaduras de Campinas, nem o altar-mór de Caeté, nem toda a capella-mór da matriz de Ouro Preto a superam em delicadeza e acabado. Poderá ser menos abundante em pormenores, menos rica de inspiração, menos audaciosa nos recortes: em nenhuma outra se depara tanto carinho no acabado, tanta graça e principalmente tanta perfeição nos anjos. Sobremodo notavel é a theoria dos anjinhos duma belleza ideal, celestiaes, purissimos, quasi que unica excepção em todo o entalhe nacional. Os nossos artistas em madeira representaram sempre mal a figura humanizada dos anjos; são como arabes pacientes na invenção dum motivo de decoração, mas incapazes quasi sempre de obter a belleza, esculpindo uma carinha de serafim. S. Francisco adianta-se muito, nesse terreno, das suas irmãs; e lá vi feições duma pureza tão irreal, que soffreriam confronto com os anjinhos dos mestres — seja Della Robbia ou Donatello, Rubens ou Raphael. Não exaggero. Comparo anjos com anjos: e buscareis em vão entre os cherubins do Presepio de Della Robbia ou entre as crianças da Ronda de Donatello belleza mais innocente que essa sublime carinha de madeira doirada que entesta o tumulto do Bourbon, na capella primitiva da Ordem.

Poderia ainda falar sobre a Cruz dos Militares e a Candelaria... Que me baste assignalar naquella a fachada classica em que o seu desenhista, o brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, autor tambem da Cathedral de Buenos Aires, realizou o milagre de ser gracioso e severo, sem feminilidade e pretensão. Dentro guarda, hediondamente pintada de branco, a obra de mestre Valentim. A Candelaria, talvez hoje o templo mais custoso do Brasil, tem em Portugal uma irmã: a basilica da Estrella de Lisboa. Attribuem-na a um certo Marcelino, revoltado alumno de mestre Valentim, porém Marques Pinheiro affirma ser o projecto do engenheiro portuguez Francisco João Rocio.

Seja-nos permittido fazer agora uma pequena rectificação ao snr. Ricardo Severo, quando diz “espelhar-se” a Candelaria na igreja lisboeta. A estrutura das duas responde a um typo commum no Renascimento; ou então a Basilica da Estrella é que se espelharia no templo nosso, porquanto a Candelaria iniciava suas obras no dia 6 de Junho de 1775, ao passo que o templo d'além-mar começou a construir-se quatro annos mais tarde.

(Continúa)





BUCHO - DE - PIABA

POR

ALBERTO RANGEL

Pelo meio d'essa areia sequiosa e sapetal mesquinho, torrados de sol, situou-se, quem o dissera? o porto da villa historica, onde se carregavam as canoas e falúas para levar ao oceano, que é o grande absorvedouro para a transformação das riquezas, os amarrados de couro, as caixas de assucar, os paus de tinturaria e as barras de ouro... Haviam-no em verdade dotado de um cáes e de uma rampa, que por signal nunca foram definitivos, tendo enriquecido os chefetes locais nos consecutivos reparos da construcção official e precaria. A pedra teria dado consistencia á obra e era toda a polpa de um cerrote proximo; mas, preferira-se a madeira, porque tinha esta a vantagem de apodrecer, sendo preciso uma vez por outra com proveito eleitoral substituir ou emendar as vigas mestras ou os pranchões do taboleiro...

Tão zelosos d'esse melhoramento deixaram no entretanto apagar-se o rio, que se vingara atulhando e engulindo o porto, — um velho ganglio onde se entrelaçavam os interesses da producção e do commercio, cruzando as suas palpitações de vida vascular.

Do almotacé colonial ao superintendente municipal de hoje, julgavam todos dever a agua prestativa ser eterna na obrigação de passar, e na devida conta, irrigando o feudo dos Tavares, dos Mendes e dos Gonzagas, arrastando as cargas e renovando a gordura dos lenteiros. Inattendendo-se as legitimas considerações de progresso, as quaes estavam mais nos cuidados distribuidos ao talvegue e ás nascentes, que na estacada e vistosa plataforma de um apeadeiro, o resultado foi minguar o rio desamparado, esclerosar-se e seccar, fugindo com a sua

lympa fecundativa a fortuna e bôa estrella da antiga e prospera localidade.

Quando a visitei, nella havia numerosos moradores, mas quasi todos pauperrimos e malacafentos, pois tinham os mais ricos e ambiciosos se deslocado para outros pontos, fugindo á agonia do burgo viuvo da sua agua corrente. Extenuada e entupida a arteria fluvial, as casas melhores desmoronaram nas taipas, cujo escalavro ninguem mais susteve, e proliferaram na mesquinhez e tristura os mocambos onde se exinania o habitante entre os mucufos e a cuia da manema para a jacuba quotidiana. A "malicia" e o carrapicho cresceram nas ruas, as roças importantes viraram jurubebaes...

A igreja foi a unica que guardou a compostura de se conservar a mesma com o peso dos annos. Construcção de caçadores de diamante e ouro, no pouso em caminho do bateio, déram-lhe os aventureiros das minas hombros fortes de granito e caipuna para enfrentar o Tempo alliado ao relaxamento dos homens e ao rigor das intemperies... Os santos dos tres altares mantinham-se ainda a pé firme, pimponeando as sedas puidas dos mantos e as cravações vasiaas onde scintillaram as joias pouco desapparecidas... Certa imagem tinha um alfange de lado a lado no pescoço e sorria o bemaventurado ainda assim, com o ferro que se lhe atravessava nas goélas...

Informou-me da historia da capella e escassos recursos da freguezia o sacristão, conhecido pela antonomazia de Buchode-Piaba, estrabico, sexagenario e coxo, dado á costa nessa igrejola de interior, depois de rolar pelo mundo, tal um mastro de mezena arrebatado pelo temporal para a majestade da amplidão, o balanço na vaga e o encalhe na praia... Um d'esses mestiços de tres sangues, em que se póde prefinir o typo do brasileiro futuro, absorvido no caldeio do seu cruzamento integral.

Fadario verdadeiramente extravagante obrigara-o a todas as profissões: coringa de barçaça, boiadeiro, estivador e cabo de policia, tendo-se visto mesmo cafuleteiro num contracto de baleias no Itapuan, fazedor de barbaquá em Guarapuava, depois sambaquieiro em Iguape; armara violas em Sant'Anna dos Ferros e trançara balaios em Dores do Rio Verde. Estava reduzido a "coroinha" na baixada fluminense, mas campeara nos mondongos e terroadas de Marajó, almocrevara no Assú, apanhara salsa no Xarayes, lavrara turmalinas cafungando-se no baixo Arassuahy, chincara rezes e fôra peão de contrabandistas na Serrilhada...



Onceiro desabusado, indo atrás de um sussú-tunga, topara na chapada dos Veadeiros uma onça-tigre a qual lhe arrancara uns lapos do joelho, não se livrando a féra de ir morrer mais longe com o ferro, que elle, o suruganga e zagaieiro, tivéra a tenencia de lhe embutir entre as cerneiras. D'alli por deante não houve mésinha que lhe servisse. A perna encurtara de vez e fizera o caiongo sómente bom para sacudir as teias de aranha que ensanefavam os nichos das imagens e varrer a bosta dos morcegos na toalha, na sacra e nos castiçaes do altar. No entretanto essa perna inservivel, por tolhida e sêcca, fôra conhecida no meio da jagunçada pela "canella de ferro". Bicho com effeito servira alguns annos de estafeta em Itabaiana, onde batia vinte leguas de sol a sol, levando um pouco de passôca no fundo do patuá. E ligeiro como um saiará. Alli, como o via, estava um sambango; só prestava mesmo para tatú comer...

Do insulamento no interior ás perdições de contagio nas praias maritimas, tão diversos recursos de vida e variedade de adaptações o levaram a bem comprehender a vastidão do seio onde pudera mexer-se á vontade sem acotovelar os outros... Penetrara todo o paiz e aspira-o por assim dizer por todos os póros, educando-se na angustia e revolta contra a carga insupportavel de males sociaes, que a terra não merecia.

A pelle rija e tanada de matteiro experimentara a variedade dos climas, envergando no norte o peitoral de couro e no sul atando nas entrepernas a baeta colorada do chiripá. O coração do andejo gastara-se no attrito com todas as classes do paiz, do senador ao babaquara do sertão, do preto de ganho á Sua Excellencia o Governador, tendo-lhes annotado as divergencias, os preconceitos e incapacidade, e soffrido de seus abusos e inconsequencias.

Na ignorancia de analphabeto abrira-se-lhe comtudo o grande livro das cousas, com o qual o seu espirito aquilatara de todos os interesses e miserias da sociedade disputante e desvinculada em que vivera. Comprehendendo-lhe os defeitos acceitara a possibilidade de certos remedios, pela advinhação do senso commum, na pratica dos annos corridos a todos os ventos e ao sabor de todos os contactos.

Os legisladores não dispunham da sciencia de Buchode-Piaba. Tinham lido e "andado na praça" mas não tinham visto... Citavam Quinto Curcio, Nieburh, Tarde, Novicow, Le Bon e outros; com essa poetagem não tinham sahido dos meios fios das avenidas e constituíam-se os directores do mundo que ignoravam, guieiros barbatando á frente do re-

banho esparso de que ignoravam a constituição, a marcha e os destinos...

Bucho-de-Piaba não pertencia á galeria dos privilegiados do Ensino Official, dos doutores dos Congressos, dos sabiões das Academias e Laboratorios e grão-mogóes do Fisco e da Administração. Elle, o bucuva, era simplesmente o povo que soffria e procurava a cura, mesmo que fosse na fumaça de um pagé, no esconjuro de algum mina catimbauseiro... — Anda tudo torrado. Um verõesão damnado! Os milhos todos chôcharam e os pastos que é só rozeta e guanxuma, dizia-me elle, puxando a perna e batendo com os tamancos de tatibuia nos degraus carunchados e oscillantes da escada do campanario. Vossa senhoria ficará contente de olhar de cima...

Nesse razo de baixada a torresinha mal caiada da igreja de Santa Pulcheria dava ao sacristão um par de azas de andorinha. Morcegos chirreavam nas traves de socanga do tecto, inquietos por sacudirem em rapidos torneios na meia treva da casa de oração os trapos das negras cartilagens. Pela abertura do arco onde se pendurava o sino, a villota apparecia poetica e tristonha, salpicada de espadasas carregadas das purpuras das flôres. E assim se derramava na vargem, que por sua vez morria longe, ao pé das linhas diffusas de uma serra bem serrilhada e azul.

Bucho-de-Piaba, ensoffrego por dar a lingua, ia indicando os accidentes da paisagem ,espetando-os com o dedo grosso e entrevado de gotta, sob a saia de bronze do sino, que lhe servia ás palavras de reforço acustico numa caixa de resonancia.

O sobradinho azul, de varanda em derredor, vizinho ás guabirobeiras, pertencia ao coronel Gervasio Gonzaga, senhor de todos os campos, roçados, capoeiras e mattos virgens que iam se perder na lagoa da Estiva e nas vertentes do Caçuritiba. Era esse individuo que mandava chover desde as Tres Cordas até o Pau da Onça. Ninguem mais senão elle tocava nos dinheiros da receita dos impostos. O suor do povo sumia-se naquelle precipicio. Das suas coleras e antipathias não havia nem appellação nem agravo. Perseguindo o antagonista, fazia-o morrer de fome ou trocar de municipio. Intervinha nos processos judiciarios e no preço dos mercados. A cadea publica era-lhe uma dependencia das fazendas, uma succursal dos seus armazens e invernadas. Empurrava para dentro d'ella a quem não lhe respeitasse o codigo das imposturas. Juiz que lhe resistisse, ou desse sentença sem o ouvir, não tinha quem lhe vendesse uma cuia de farinha. Usava por



igual do suborno e da violencia. Para fundar a olaria ou botar a moenda, tinha-se que pedir licença ao "seu" Coronel; quem desejasse vadiar fosse para junto d'elle guardar-lhe o toucinho do costado. Votar no governo e dizer-lhe amen aos caprichos e rapinanças, seriam as obrigações de quem lhe respirasse a aura. A "influencia" do interior era o estrago do Brasil, os matapaus que arrocham e não deixam viçar as madeiras que prestam... O Coronel Gervasio gostava de fallar sempre nas leis, mas era apenas para se dar os ares importantes de um arbitro severo da sua penosa applicação. Elle as conhecia, porque as encommendava, quando não as fazia; não seria bobo de pear a si mesmo... E o Bucho despedia, dentre os cilios, raios que pareciam arrancar chispas ás vidraças do sobradinho das guabirobeiras, incendidas pelo sol da tarde.

Em veia de eloquencia persuasiva e flagelladora, elle continuou a expôr os males em que se degradava a povoação, onde, por signal, se lhe findavam os dias entre nauseas e revoltas.

No poente ajuntavam-se as nuvens em manchas de vermelho esmagado a golpes furiosos de espatula, no fundo de uma tela azul ferrete.

— Está enxergando acolá naquella volta de estrada, onde está parado um cavallo debruado, á sogá num pé de pinhão de purga?

Era a venda do Saturnino, onde se vendia a canna, a outra má sorte d'esse povo: — o caxixi, a pinga amaldiçoada, a mangereba reimosa, a piloia, a sinhaninha, a tiúba, o restillo, a geritiba, que vilificava os freguezes e amadores, o mata-bicho que assassinava o bicho homem. Nos fundos d'essa bicoca corria o quino até amanhecer. A bisca e o solo eram altos privilegios do Vigario, dos Intendentes e do Collector; o truque, o vispora, o bozó e a vermelhinha, o emprego dos vadios e viciosos mais réles, com as fichas, os cartões, os dados ou baralho seboso de mão em mão. A jogatina na decrepitude da villa alastrava mais que a bouba, o amarellão e a bexiga. O mau passatempo devorava tudo. Ainda havia gente nas festas do arraial porque a Camara dava licença para o "jaburú" e o "pinguelinho". Andava-se a morrer de fome e sem um pedaço de niagem para cobrir as partes, sonhando-se com o numero da loteria ou seguindo o "aliphante". O Vigario ria-se quando Bucho-de-Piaba lhe lembrava que Deus poderia mandar chover polvora tres dias e depois mandar um raio em cima para limpar os crimes da terra. Dizia o tonsurado que elle não se importasse com os outros, que tratasse de pôr verde-paris nos cupins, que não consentisse



a cachorrada dos matutos urinar nos portaes, que o deixasse socegado á sésta sem defunto para encommendar... O mais era isso mesmo. Nosso Senhor haveria de perdoar se não dêsse um geito... E o malandrão, á boquinha da noite, afundava na casa da Chica Mingau, a se empazinar dos quitutes d'esse coirão... Não era atôa que o chamavam Bucho-de-Piaba; não guardava cousa alguma, sabendo ia publicando... Antigamente o povo dissipava, retornou o velho acolyto, hoje não só gastava o que tinha, ia mais longe, era o archi-prodigo, empenhando até a mulher e os filhos se encontrasse a quem. A vara de apagador ia nesse revoltado á maneira do baculo dos primeiros bispos...

Assim outra desgraça lhe apparecia materializada no cinematographo. E o coixo e zanaga, mostrando de face ás mararaías de umâ praça enfeitada de bandeirolas, lanternas e cartazes, um barracão de empanada, irrompeu furibundo. Toda a mocidade da roça andava a estragar-se com essa marmota de biralhas estrangeiras, dansando e amostrando os peitos, aos abraços e gatimanhas de descaradas... Gente que nunca vira cousa alguma nessas brenhas ficava gira de entusiasmo, deslumbrada com o maleficio. E o recato acabara-se e todas as sinhásinhas se metteram a imitar as comicas das invenções vagabundas d'essa perdição. Elle não via maior destroço. Era a praga do luxo e dos modos desabusados, acabando o juizo nos homens, a innocencia nas crianças e a seriedade nas mulheres. Ninguem protestava contra a machina de corromper o povo nessa vertigem de enganar os olhos. Mesmo o senhor vigario já tinha imaginado aproveitar d'essa endromina na semana santa. Cruzes! Tibi! Vou-te! Abrenuncio! O cinema estava acabando de apodrecer o mundo com as micagens de uns saltimbancos impalpaveis e mudos. O Tinhoso não podia ter descoberto cousa mais aperfeiçoada para tentar as consciencias e perder os fracos. A "machinage" do Tentador tinha a astucia de não fallar e de dizer tudo o que não prestasse e pegava nas eras e as ajuntava a bobinal-as numas horas de função e ia pelos ares fóra mettendo mares, terras e céos nuns covados de téla animada por um raio de luz corrido da fresta do moinho, que o proprio Cafute movia com as unhas e o rabo. Não se podia matar ou roubar pessoa alguma, mas tinha-se licença de ir mostrando o modo de fazer mal aos outros! Bucho embirrava com esse "adivertimento damnhador", que estava afrouxando o resto da vergonha e do socego do mundo. Essas goyabeiras, além, por detrás d'aquelles muros de fundação do hospital, que não fóra avante por ter-se sumido o patri-



monio com a fuga do thesoureiro da Camara, podiam contar que elle não mentia. Bucho-de-Piaba sabia de tudo. Era um caco velho, um caxerenguengue, mas d'esse cantinho enxergava mais que um urubú-rei, voando "por riba" do Itatyaia...

Fallando sempre para descontar os silencias, a que seria constantemente obrigado na sua vida de retiro e de quaresma, o sacristão discorria sobre outro cancro que, segundo seu parecer, roia a povoança. E elle informava coruscante e solícito. Pegado aquelle cuitéseiro estava um copé de pindoba. Era o mocambinho do preto Geraldo, tocador de urucungo. Quanta gente consultava o velho mandraqueiro! Todos corriam atrás da gallinha preta e do sapo esturricado que o embusteiro ia benzendo, junto de um calunga mais repulsivo que a Rita Perereca, e no qual o intrujão espetava um papel de agulhas e outro de alfinetes. Nessa esbromação os donativos iam enchendo o panacú do bruxeiro.

— Meu amigo! Quem der cabo d'essas miserias e flagellos salvará o melhor povo do globo, disse, batendo no hombro do capenga, para dar-lhe uma certa pausa á furia moralista que o congestionava.

Descarnado e alto, com a pelle do rosto repuchada nas saliencias malares, os olhinhos vesgos que pareciam de louca branca embutida dos grãos negros e luzentes do crubixá, os pêlos compridos e repontados da pêra em cerdas de caitetú enfurecido, Bucho tinha a expressão de um idolo boscarejo e totemico, qualquer cousa de curupira e de ariranha.

Elle espevitou as sedas asperas do queixo e foi contando:

— Depois de ter causado muito damno, nas lingadas e saiveiros do cães do Rio de Janeiro, um preto malê, mandingueiro em Caririnha, descobriu que eu possuia mau olhado. Verifiquei depois os maleficios. Fui botando os olhos no gato de estima de nhâ Bemvinda do Varjão e o bicho morreu logo alli de um engasgo; o ultimo pinto da ninhada da comadre Rufina fui eu que matei, a barulhada dos meus passos espantou o papagaio, que deixou cahir um restolho de milho mesmo na cocuruta do coitadinho... 'tá provado, cousa em que boto o "oio" "seu" doutor está perdida. Se prospera, vem a rebordosa; dá logo a cafanga e se acaba. E discriminando as razzias de seu poder destructor, Bucho tinha um quê de bruxo e de cerval. Passo aqui até de madrugada, olhando para vêr se lhes venço a damnificação com o meu azar. Ouvi lêr numa folha que as ondas da tal telegraphia sem fio marcham melhor de dia que de noite, com a influencia dos olhos da gente para o tangro-mangro hade ser tambem a mesma cousa. Vigiando horas e horas durmo pouco e aproveito o



tempo, adeantou mais o Piaba. Fumo á vontade e atijo os bugalhos para acabar com essas calamidades... Referia-se á Policia, ao Jogo, á Bebida, á Superstição e Devassidão, ás cinco cabeças do Vicio nacional, ervas damninhas que elle acabava de localizar e tentaria extirpar, atacando-se aos seus orgãos de proliferação pelos dotes especiaes e rarissimos de aniquilamento centralizados nas pupilas de urucubaca.

Até quando o sol allumia no cabeço d'aquelles penedos faço o possivel, continuou o coxo sacristão. Vejo entretanto o mal prosperar, meus olhos de cuica parece que perderam a prenda, mas "ateimo"... Não risco ser preso, porque ninguem acredita que eu possa vencer a maldade com a biruanha. Estou fazendo obra do Altissimo, "seu" doutor. Assim elle fizesse mesmo que o meu poder de encangar e acabar com a "sevan-dije" servisse p'r'a cousa mais importante que rachar os vidros, dar a gomma nas plantas e o mal dos cascos no gado alheio...

Anoitecera sem os meios tons precursores do crepusculo. Deliam-se encolhidos na obscuridade, como temendo a sagrada irritação do Bucho-de-Piaba o sobradinho do Coronel, a taverna do Saturnino, o antro dos feitiços do Geraldo e o cinema "Ideal".

E o fero sacristão a agachar-se, espipando os olhos zarelhos e encarapuçado pelo bojo do sino, tomava a attitude de uma gargula na torre. Elle que nunca ouvira fallar do *Libro del Aojamiento o Fascinologia* de Henrique de Vilhena, apromptava-se á operação mysteriosa de metapsychose, em que se acreditava o possivel agente de um bemdito demonio, capaz de armar a exterminação dos orgãos do Despotismo, da Embriaguez, da Ignorancia e da Corrupção, projectando os raios ignotos das pupilas tristes, onde se lhe dependurava toda a alma protestataria contra os dissolventes sociaes de sua terra amada.

— Outra gente recomporia tudo, encorajei-me a affirmar, dispondo-me a descer do observatorio d'esse João Baptista vociferante e **jettatore**.

— De onde, "seu" doutor, suspirou enlanguescido o apontador das lazeiras patrias, voltando para mim a face que era uma mascara de vincos.

— Talvez da China ou da Nigrícia, respondi, alargando fóra de conta a chorographia do meu interlocutor.

Bucho-de-Piaba, a fio comprido na soleira da arcada, balançou a cabeça de gavião-panema:



— Vosmincê 'stá mamparreando... Só se fôr d'aquelle fogueirão de pito acceso no escurão. E apontou o rubinete de um astro pendente lá pelos altos da treva.

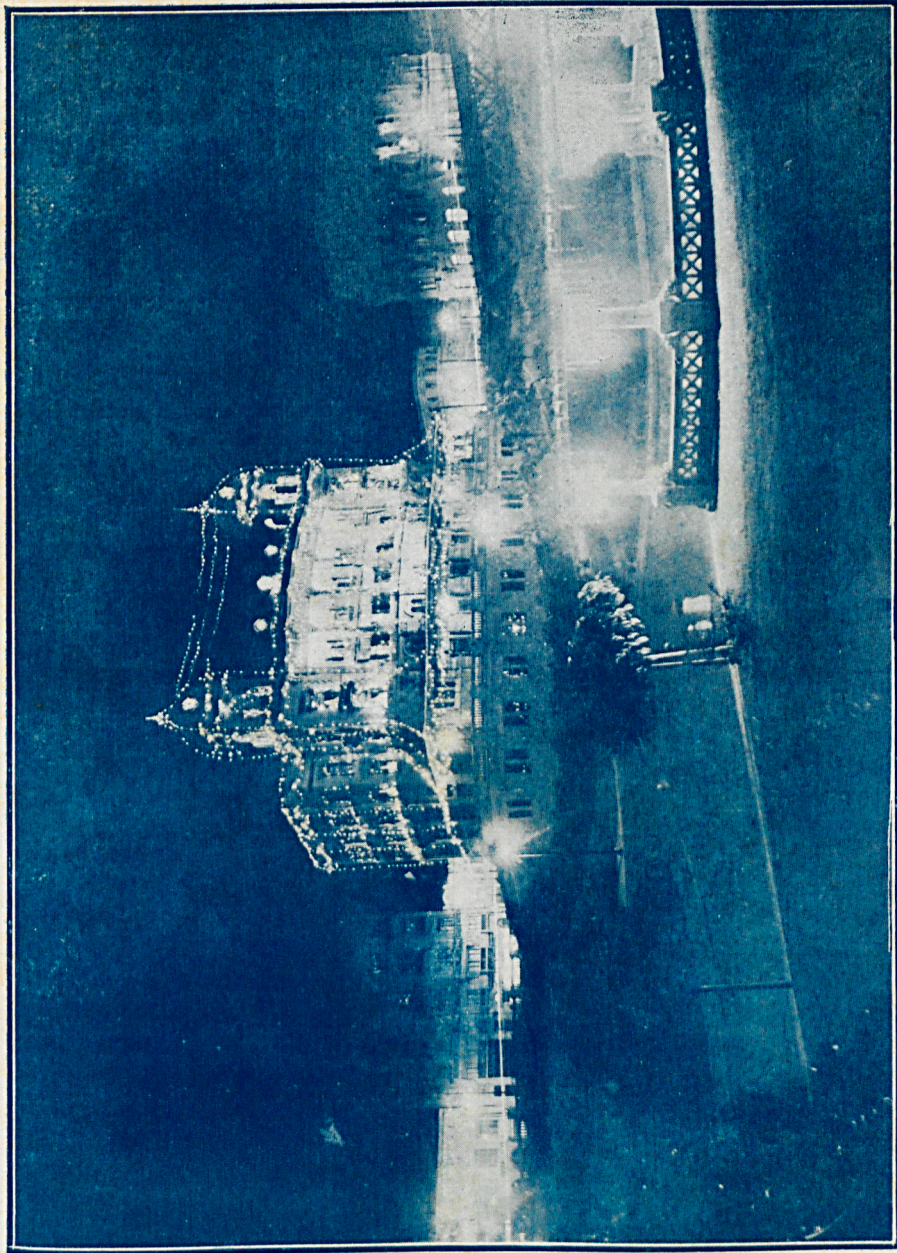
— Demorei-me a olhar a noite sacudida dos vôos dos caborés. Repentinamente um clarão desabrochou no seio fusco da çasaria em roda; e logo uma, duas e mais linguas de fogo saltaram cada vez mais extensas, franjando-se na lambedura do céu. Grossas pelotas de fumo abafaram-nas um instante, depois as chammas irromperam innumeraveis no bulcão do incendio e foram diminuindo, até morrerem entre espiraes pardacentas, cada vez menos espessas e alongadas.

— E' o cinema! T'arrenego, mardição!... Foi o meu azar! Figas, canhoto! Estavas jurado! Apre! Esconjuração do diabo! Bravo! Bravo! Ahi, cousa ruim!...

Fôra esse o tom da litania exclamatoria do Bucho-de-Piaba, louvando a torra da casa de diversão. E enquanto a fogueira illuminou e deu cinza, saudaram-na essas apostrophes do provocador á distancia d'aquelle auto de fé e de fascínio.

Em vez de dobrar o sino do rebate, cuja corda lhe tocava as espaduas, o Bucho frenetico batia palmas...





Noite de Natal em S. Paulo

(Phot. de Aehschin)

EM SANTOS

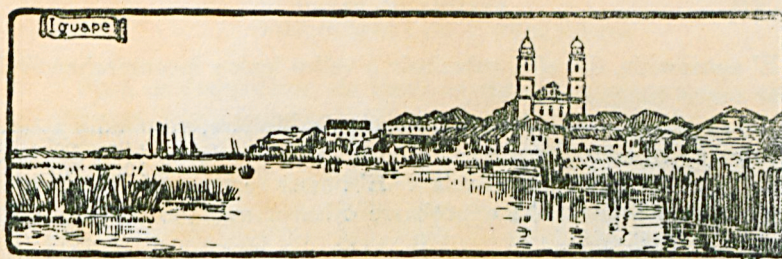


Tirando a rêde



(Phot. de Achtschin)





PHILOSOPHIA DE J. INGENIEROS

POR

HENRIQUE GEENEN

Expuzemos em artigo anterior os pontos de contacto entre o philosopho argentino e o brasileiro. Vejamos agora os pontos de divergencia.

CONCEITO DA METAPHYSICA EM FARIAS BRITO

O philosopho brasileiro acceta o conceito tradicional da metaphysica e a define como "a intuição que se forma do mundo interpretando o sentido real e racional da existencia". Na *Base Physica do Espirito* diz que "é a sciencia do sêr emquanto sêr, a indagação das primeiras causas e dos primeiros principios", é a concepção do todo, a synthese do todo, o conhecimento e a solução do problema do universo seja qual fôr o sentido em que o tomemos. Metaphysica é a concepção segundo a qual o mundo se interpreta como manifestação exterior do pensamento divino, como igualmente é a concepção segundo a qual tudo se resolve em materia e se explica pela evolução da materia. Escreve Binet nesse sentido: "O materialismo é a metaphysica dos que a não querem fazer".

Se seguirmos a idéa de Horacio: *Quem penes arbitrium est et juset norma loquendi*", nem o mesmo Ingenieros poderá contestar essa definição. Assiste-lhe apenas o direito de considerar chimerico esse conceio da metaphysica, por lhe não corresponder realidade nenhuma. E' o que elle faz.

CONCEITO DA METAPHYSICA SEGUNDO INGENIEROS

O philosopho argentino, com sua habitual independencia de espirito, rompe, de viseira erguida, contra a definição tradicional.

“E’ necessario, diz elle, substituir o velho lexico incomprehensivel por outro comprehensivel”.

O Esganarelo do *Medico á Força*, de Molière, respondia a Geronte que se admirára de ver o coração collocado do lado direito: “Nous avons changé tout cela”. E’ nesses termos que Ingenieros responderia a quem lhe exprobasse o haver mudado o sentido do termo *metaphysica*.

“Significava esse termo, diz elle, um mosaico de inexactidões proprias da poesia, ou a simples synthese das sciencias, ou uma vaga adivinhação do que transcende ás sciencias. Doravante será a *systematisação das hypotheses inverificaveis, extra experimentaes*”.

“Obra da imaginação creadora, elaborada por homens que evoluem num ambiente que evolue, representa um equilibrio instavel entre a experiencia que cresce e as hypotheses que se rectificam. Tem methodos, não tem dogmas.

E’ perfectivel, universal, anti-dogmatica, impessoal”.

Para que não lhe falte o ouropel das denominações mirabolantes, acrescenta que será a metaphysica um *systema de hyperhypotheses que, partindo do logico experimental, explicará o meta-logico que transcende ao experimental*.

Desenvolve essas idéas em sua ultima obra “Proposiciones”, á qual enviamos o leitor curioso.

Não escapou á agudeza de espirito de Ingenieros que tal conceito seria alvo dos ataques, tanto dos philosophos dogmaticos de todas as escolas, como, por motivos diametralmente oppostos, dos positivistas comtianos.

Denegarão, os primeiros, a Ingenieros, o direito de chamar “metaphysica” a um systema philosophico donde a certeza está excluida. Ainda que nem tudo na philosophia seja verificado, nem verificavel, o philosopho só acceta certos riscos, diz Bergson, porque ha cousas de que se sente inabalavelmente certo. E nisso Bergson é o porta-voz de todos os philosophos dogmaticos, quer intellectualistas, quer intuicionistas.

Ora, Ingenieros reconhece que onde só ha hypotheses não pode haver certeza. Está, pois, a certeza, excluida do seu systema.

Ha mais. Falando do modo especial pelo qual Deus manda no céu, disse Dante: “In tutti parti impera ivi regge”.

E’ o que os philosophos applicam á intelligencia, em se tratando do seu dominio na metaphysica. Manda em todos os conhecimentos, mas na metaphysica exerce ella o seu dominio proprio. Como, pois, não lhes causaria extranheza, e invencivel reprovação, o ter Ingenieros arrancado o sceptro á razão, nos seus proprios dominios, para o confiar á imaginação creadora ?



Para os dogmaticos, de todas as escolas, o monumento que Ingenieros erigiu á metaphysica se assemelha a um monumento funerario. Quiz insuflar-lhe vida, mas seu sopro foi de morte. Quiz fazer obra de reconstrucção, mas, só demoliu.

Attendendo ao acatamento que merecem a Ingenieros as sciencias, á certeza que lhes reconhece, ao valor que lhes tributa, estes philosophos dirão delle, o que já o sophista grego Gorgias de Leoncio dizia dos materialistas: que, pretendente á mão da rainha Penelope, (no caso vertente, Metaphysica) só lhe corteja as criadas (as sciencias).

Desnecessario se torna observar que subscrevemos esse veredicto sob a reserva, comtudo, de nos cingir ao sentido consagrado dos termos, do qual o philosopho argentino não faz grande caso.

Convir-lhe-ia, talvez, que renunciasse a denominar metaphysica ao seu systema. Assim fazem Ardigó, Le Dantec e outros; ou seria, por ventura, essa denominação, um ardil dos que o autor descreve no seu bello livro "*Simulacion nella Lucha pela Vida*", escolhido acinte para dar á sua doutrina maior probabilidade de medrar?

Quanto aos positivistas. Estes hão de incriminar a Ingenieros, não mais o scepticismo, que aliás não lhe parece ir com a indole e cuja declaração explicita não lhe levarão em conta, mas sim o dogmatismo disfarçado. E não seria caso virgem. Relata Sylvio Romero, no livro "*A Philosophia no Brazil*", que Luiz Pereira Barreto, nos seus "*Ensaio de Philosophia*" publicados em 1874 e 1877, já lançou esse esconjuro contra os monistas evolucionistas. Sylvio Romero, filiado a essa corrente philosophica, defende-se disso e francamente se defende mal. Appella para o elogio que Comte faz da hypothese em geral, lembra que os positivistas tambem accitam mais de um dado extra experimental, e reclama para o seu monismo evolucionista o nome de verdadeira doutrina positiva; mas não se purga da suspeita de dogmatico, de que fôra acoimado.

Não possuímos, infelizmente, a obra do Dr. L. P. Barreto, nem sabemos se elle ainda professa a doutrina alli explanada, já lá vae meio seculo, quasi; mas achamos em outro positivista a expressão clara e nitida do motivo que leva o comtista a incriminar de metaphysica dogmatista a doutrina dos partidarios do monismo evolucionista, acceito por José Ingenieros.

Eis o que Hervé Blondel escreve a este respeito em "*Les Approximations de la Verité*": "E' pelo subtil rodeio das hypotheses extra-experimentaes que muitos, tomando como base o desconhecido que fica além das sciencias, voltam á antiga metaphysica. Nenhuma experiencia vindo contrariar as hypotheses inverificaveis, todas virão confirmal-as, dando-lhes, por impercepti-



vel circulo vicioso, ares de dogmas inconcussos, não obstante o rotulo, que trazem, de hypotheses”.

Não nos parece desprovido de fundamento esses temores: pelo contrario, no caso particular da doutrina de Ingenieros, de que nos occupamos, parece-nos sobremodo justificados.

Seu scepticismo se nos afigura antes logico do que psychologico. No capitulo VII de suas “*Proposiciones*”, estende-o abusivamente a toda a metaphysica, quando só se legitima no caso de ser a metaphysica apenas um systema de hypotheses. Confessa que andou, e anda ainda, preocupado com a applicação á philosophia do calculo de probabilidades, tão bem estudado por Henry Poincaré. Terá essa applicação o fim evidente de nos obrigar a reconhecer nas suas hypotheses uma probabilidade que se approxima ou se equipara á certeza moral, a unica de que são susceptiveis muitos conhecimentos incontestaveis e incontestados.

Não hesita em affirmar que os resultados mais geraes das sciencias convergem para demonstrar as hypotheses fundamentaes do seu systema que é um monismo evolucionista e determinista.

Já vimos que para as distinguir das simples hypotheses scientificas, sempre duvidosas, emquanto não forem confirmadas por experiencias ulteriores, inventou para as designar o nome, algo estrambotico, de *hyper hypotheses* o que suppõe que haja tambem *hypohypotheses*!

Advinha-se-lhe a tendencia mal sopeada de alija-las, tanto do *hyper* como do *hybo*, para denomina-las simplesmente theses. Resolva o que resolver, será algo difficil a Ingenieros evitar a escolha, que se impõe, entre o positivismo, que só acceita certeza nos estreitos limites das sciencias exactas renunciando a toda a metaphysica, no sentido tradicional do termo, e o dogmatismo monista.

Não padece duvida que o philosopho argentino procura de-veras avantajarse aos demais philosophos e que envida todos os esforços para defrontar-se com os mais arduos problemas, desdenhando seguir trilhas já palmilhadas. Mas do confronto do seu Monismo evolucionista determinista com o Dualismo creacionista de Farias Brito ressaltará que isso não é mais do que deitar vinho velho em odres novos.

Tentaremos este confronto em trabalho subsequente.





Um episodio da Revolução Pernambucana de 1824

Passagem da ponte de Afogados

POR

MARIO MELO

Pernambuco tem primado na historia pela sua irrequietação, pelos seus movimentos de insubmissão, pelos seus sonhos de independencia, de republicanismo. Em 1654, sacudio do Brasil o jugo hollandez, contra a politica de Portugal, concorrendo para que a nossa pátria se estenda do Amazonas ao Rio Grande do Sul; em 1710 ,antes de qualquer movimento da América do Norte, fez uma revolução com carácter de independência e de republicanismo, sendo na câmara de Olinda erguido o primeiro brado de república na América; em 1801, tentou novamente constituir um govêrno independênte, dando-se a fusão de alguns patriotas; em 1817, instituiu de facto o primeiro govêrno republicano que houve no Brasil, sendo a liberdade afogada em sangue; em 1821, antes da proclamação da independência, antes do glorioso feito que a Bahia commemora sempre a 2 de Julho com tanto orgulho, expulsou revolucionariamente o último capitão general lusitano que o governou, e fez regressar á colônia o batalhão portuguez aqui estacionado, e em 1824, após a fundação do primeiro império, constituiu-se em república federativa, nas mesmas bazas da de 1889.

O movimento de 1817 teve o seu historiador, tão sincero e desapaixonado, tão fiel em suas narrativas e na apreciação dos factos, que um século depois, Oliveira Lima preferio annotar a história escripta pelo revolucionário Muniz Tavares, do que escrever outra, porque quasi nada achou a corrigir e muito pouco a acrescentar, limitando-se a esclarecer os factos com os documentos que appareceram depois.

O mesmo não se pode dizer da Confederação do Equador. A sua história ainda está por escrever, apesar dos capitulos esparsos que por ahi andam, dos depoimentos raros que têm apparecido.

Há na *Revista do Instituto histórico brasileiro* um estudo de Pereira Pinto. Mas nesse trabalho os republicanos não estão julgados com a devida justiça. Nem outra cousa se poderia esperar, porque o autor submetteu sua narrativa á apreciação de d. Pedro II, cujo pae dera causa ao movimento e mandara derramar o sangue dos que sonhavam com a liberdade.

Fóra disso, o que há de mais importante é um depoimento do major José Maria Ildefonso Jácome da Veiga Pessoa, publicado na *Revista do Instituto archeológico pernambucano* e commentado pelo desembargador Adelino de Luna Freire, depoimento por sua vez incompleto e quasi restrictamente pessoal.

Em traços rápidos, o movimento de 1824 se originou da dissolução da primeira constituinte. Pernambuco não fêz nova eleição, dizendo que seus deputados continuavam a merecer inteira confiança. A junta governativa de que fazia parte o morgado do Cabo, sentindo-se sem forças, demittio-se. O eleitorado do Recife e de Olinda elegeu nova, da qual foi Manuel de Carvalho Paes de Andrade escolhido para presidente. O imperador nomeou o morgado do Cabo presidente da provincia e mandou uma divisão naval para o empossar. A junta recusou dar-lhe posse. Manuel de Carvalho foi prêso por uma revolução e libertado da fortaleza de Brum por um contra-movimento. O imperador nomeou outro presidente extranho á junta. Não foi acceito. Emquanto se davam esses acontecimentos, estava sendo concertada a forma republicana com as provincias do norte, até que a 2 de Julho de 1824 o presidente eleito pelo povo proclamou a Confederação do Equador, adoptou provisoriamente a constituição da Colómbia, preparou o edificio da assembléa que deveria receber os representantes das provincias adherentes para a discussão da carta constitucional, mobilisou forças de terra e mar, encommendou armamento, creou a nova bandeira da Confederação, etc.

A reacção não se fez esperar pela côrte que enviou forças da marinha e do exército, para combater os revolucionarios e chamal-os ao aprisco. O exército legalista era commandado pelo general Lima e Silva. Compunha-se de tres batalhões de caçadores do Rio de Janeiro, quatro de Pernambuco e dois de Alagoas, um côrpo de cavallaria e outro de artilharia de Pernambuco e um esquadrão de cavallaria do Rio. Essas tropas invadiram a provincia pelo sul e avançaram pouco a pouco até a ponte



do Motocolombó, sobre o riacho Giquiá, no extremo sul da cidade do Recife, onde chegaram na tarde de 12 de Setembro de 1824.

O exército republicano, chefiado pelo coronel José de Barros Falcão de Lacerda — revolucionario de 1817 e um dos heróes de Pirajá — compunha-se de um batalhão de caçadores commandado por José Gomes do Rego Casumbá, do batalhão dos Henriques (negros) commandado pelo major Agostinho Bezerra Cavalcanti, do batalhão do major Benicio Mandurucú, do côrpo de artilharia do major José Maria Ildefonso, de duas guerrilhas de matutos bisonhos. Havia mais forças revolucionarias ao sul, na Barra Grande, e Falcão tentara juntar-se a elas para impedir o avanço de Lima e Silva, o que não conseguira.

Vae travar-se o combate da parte do Motocolombó, na freguezia dos Afogados, antes da entrada dos legalistas no Recife.

O major Ildefonso, indignado com a marcha victoriosa do inimigo, toma um batalhão que se acha nos montes Guararapa e uma peça de artilharia, e corre para os Afogados, por dentro de matas.

Quando chegou á ponte, já havia rompido o fôgo entre os republicanos que guarneciam a cidade e os legalistas, que se aproximavam.

Ouçamol-o no seu depoimento, a que nos referimos:

O major mandou estender o batalhão á esquerda da ponte e que todas as praças se deitassem, porque as balas já choviam sobre os mangues proximos; e, por ter sido prêso pelos adversarios o official que lhes mandou com bandeira parlamentaria, entendeu que nada mais tinha a esperar e principiou a agir.

“Colocou na entrada da ponte a peça que havia conduzido, em opposição ás duas das forças do governo, assentadas do lado da povoação, e começou um fôgo mortifero. Os liberaes tiveram alguns mortos e muitos feridos; dos que guarneciam a peça escaparam illesos apenas cinco ou seis e maior não foi a destruição pela impericia dos artilheiros dos contrarios.

“Muito maior foi a perda do lado das forças imperiaes, por serem certos os disparos dos revolucionarios”.

Os republicanos luctaram ainda quatro dias consecutivos nos bairros do Recife, Santo Antonio e Boa Vista, até a madrugada de 17 de Setembro, quando Lima e Silva se apoderou das fortalezas do Brum e do Buraco e da cidade de Olinda.

Manuel de Carvalho asilou-se a bordo de uma canhoneira ingleza, expatriou-se, e mais tarde foi senador do império.

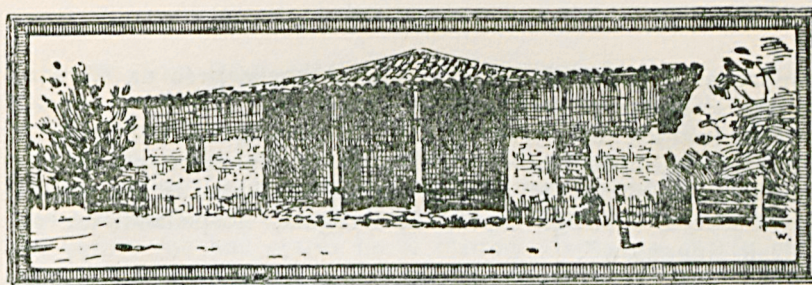
O restante das forças seguio para o norte, juntou-se aos revolucionarios da Parahyba e do Ceará, e rendeu-se no engenho



do Juis, na terra de Alencar, depois das promessas mais garantidoras.

O epilogo é conhecido. O solo pernambucano foi mais uma vez irrigado pelo sangue dos martyres, em cujo meio se achava a figura gloriosa de frei Canéca, o heróe dos heróes, que teve de ser arcabuzado ao pé da fôrca por não haver carrasco ou prêso, que mesmo a coice d'armas, quizesse garroteal-o.





NA INDIA

FOR

NAVARRO DE ANDRADE

Do livro no prelo "A VOLTA DO MUNDO"

PELO INTERIOR DE BENGALA

A's dez da noite de 23 de setembro parti para Goalundo, ponto terminal da Eastern Bengal Railway, a 150 milhas de Calcutta, proximo á confluencia do Ganges com o Brahmaputra, onde cheguei ás 5,20 da manhã. Alli, passei para bordo do "Buzzard" que, ás seis, partiu para vencer as 105 milhas que nos separavam de Naraingang. A viagem é feita, em grande parte, pelo Ganges, que dalli em diante toma diferentes nomes, como Padma e Meghna. Em Goalundo o Ganges é formidavel e com grande difficuldade se distingue a sua margem opposta. A viagem é agradabilissima e com trechos verdadeiramente imponentes.

A's 12,45 chegava a Naraingang, onde me esperava o Sr. N. S. Nahapiet, tio do nosso consul em Calcutta e a quem ia recommendado. Em poucos minutos, numa lancha de gazolina, fizemos o percurso até a casa do sr. H. M. Sirchore, gerente de uma das maiores empresas de juta de Bengala, onde me hospedei. O sr. Sirchore, typo do perfeito "gentleman", obrigou-me a ficar dois agradabilissimos dias em sua casa, acompanhando-me e fazendo-me acompanhar por um de seus irmãos na visita á sua fabrica e aos terrenos cultivados com juta nos arredores de Naraingang. Devido ás inundações, as nossas excursões foram todas feitas na lancha de gasolina, atravez de enormes plantações da preciosa fibra. Visitei em Ullookholá (Logar de cupins) um mercado indigena de juta, mostrando-me o sr. Sirchore todos os processos



empregados pelos hindus para augmentar o peso da fibra e, assim, enganar os compradores europeus.

Pela estrada de ferro deixei Naraingang com destino a Dolaingang, onde, em companhia do sr. Nahapiet, visitei outra grande fabrica de juta. A' tarde, partimos de automovel para Dacca, a antiga capital de Bengala, hospedando-me no "Dak Bungalow".

Os "dak bungalows" são modestos hotéis, ou hospedarias estabelecidas pelo governo em todas as localidades importantes e entregues ao cuidado de hindús que, geralmente, estiveram ao serviço de officiaes inglezes e que cobram preços fixados pelo governo pela hospedagem.

O "dak bungalow" de Dacca era bastante confortavel e contava entre os seus hospedes, quando alli estive, o rajah de Bogra.

Dacca, que teve grande importancia, conta hoje pouco mais de 100.000 habitantes e é actualmente a séde do governo de Bengala Oriental e Assam. A parte antiga é muito interessante e pittoresca; a parte moderna possui edificios magnificos, grandiosos mesmo, como, por exemplo, o da Secretaria de Agricultura. A região circumvizinha vive inundada nesta epocha do anno e é o centro de uma grande cultura de juta. Levou-me á Dacca a sua Estação Experimental de Juta, a cargo do sr. R. S. Finlow, considerado o mais distincto especialista da India. Visitei-a demoradamente e alli obtive indicações preciosas para a minha missão.

Visitei em Dacca a igreja de Nossa Senhora do Rosario, construida pelos portuguezes em 1677. Recebeu-me um padre portuguez, de Goa, muito amavel, que me pediu desculpas de preferir falar-me em inglez. A igreja é pauperrima e está mal conservada, o que é de lastimar.

Tendo que partir para Mymensingh ás sete da manhã, tratei, na tarde anterior, de desencantar o magistrado inglez que devia conceder-me a necessaria licença de partida. Andei por Secca e Mecca, falei a meio mundo e todos me diziam que nada tinham com o caso e que me dirigisse ao sr. Fulano. Nisto perdi, seguramente, duas horas e muita paciencia. Sómente ás seis e meia consegui pôr a vista em cima do verdadeiro magistrado, rubro de calor e de whisky, a quem me queixei do immenso tempo que me faziam perder com todas essas exigencias tolas e descabidas, fazendo-lhe vêr que eu era o representante de um governo alliado, em missão official. Disse-me muito sériamente, que aquillo tudo era feito mais no intuito de proteger-me do que de incommodar-me, para evitar que eu fôsse tomado por allemão, mettido na ca-



deia, etc., etc. Respon-di-lhe que, se me prendessem e fuzilassem summariamente, me dariam muito menos incommodos e aborrecimentos do que com toda a protecção que me queriam dispensar. O homem enguliu em secco, coisa, a que, parece, estava pouco habituado, e, na propria licença que me fôra concedida em Calcutta, escreveu: "Mr. Andrade appeared before me and states he is leaving Dacca on 28.9.18 en route to Mymensingh."

A's sete da manhã tomei o trem de bitola estreita para Mymensingh, a 74 milhas de Dacca, onde cheguei sá 11,30, sob um calor infernal, mais morto que vivo. Mymensingh é o centro da região em que se produz a melhor juta da India, quasi toda em cultura secca, o que muito me interessava. Hospedei-me no "dak bungalow", á margem do Brahmaputra, em que havia muito tempo não pisava viva alma. O encarregado da hospedaria andava longe e deu-me um trabalhão encon-tral-o e conseguir que me arranjas-se alguma coisa para comer. Escolhi o melhor quarto, com um enorme terraço sobre o rio, de onde se gosava um panorama estupendo. A' tardinha, começou o meu quarto a ser invadido por toda a sorte de insectos, ávidos de sangue humano. Passei tormentos.

Vistas as principaes culturas da região e a cadeia, cujos presos andavam a cortar juta, raspei-me, ás 3,30, da tarde do dia seguinte, para Jagganathgang, a 50 milhas de distancia, onde deveria tomar o vapor para, pelo Brahmaputra abaixo, alcançar Serajang, outro centro importantissimo de juta. A viagem de 23 milhas pelo rio é lindissima, apesar de feita de noite. Além de um luar admirável, o vapor levava na prôa um poderoso holophote.

Passei a noite no "dak bungalow", infecto e miseravel, por não ter querido ir, áquella hora da noite, incommodar o sr. J. M. Sirchore, a quem ia recommendado.

Tive um trabalho insano para conseguir, em Mymensingh, o visto do "district collector" na minha licença de viagem.

Estive em Serajgang dois dias e dalli, por outro caminho, regresssei a Calcutta, afim de tomar folego para nova excursão.

A 67 milhas de Calcutta, em Burdwan, ha outra estação experimental de juta, que, pela facilidade de transporte, visitei innumeras vezes. Apesar de poder sahir pela manhã e voltar á noite a Calcutta, tendo todo o dia disponivel em Burdwan, nunca me foi permittido fazer tal excursão sem prévia licença da policia. Pedi-lhe que me fornecesse um salvo conducto valido por uma ou duas semanas, mas nada consegui. Como sómente me davam permissão para a ida, eu era, todas as



vezes, forçado a perder varias horas em Burdwan para conseguir a licença de volta, o que me impediu muitas vezes de regressar no mesmo dia a Calcutta. Que se diria do nosso paiz, do seu governo, de nós todos se a um subdito inglez, em missão official do seu governo, se fizesse o que a mim innumeras vezes fizeram? Felizmente, no Brasil, tal não se dá e, infelizmente, em taes casos fornecem as nossas autoridades passes e todas as commodidade a esses figurões, quando não destacam funcionarios especiaes para acompanhá-los nas suas passeatas.

Burdwan é uma cidade pequena e antiga e que, além da estação experimental, só tem de interessante o palacio do marajah, com uma bella collecção de elephantes e camelos.

Ainda nas proximidades de Calcutta, em Chinsurah, existe outra estação experimental para a mesma fibra, que tambem visitei varias vezes, com eguaes difficuldades. Chinsurah pertenceu, durante 180 annos, aos hollandezes que a cederam aos inglezes em troca de Sumatra. Fresco negocio! Tem apenas interessante a antiga igreja hollandeza.

DARJEELING

A excursão ao Himalaya foi a mais difficil de quantas fiz na India. Foram taes as exigencias da policia para me conceder a necessaria licença para realizá-la que estive quasi, quasi, a supprimil-a do meu programma. Em Calcutta, o funcionario indiano que me attendeu, na policia, fez questão fechada de que eu lhe declarasse para que hotel iria em Darjeeling, sem o que não me daria a indispensavel permissão. Embora eu lhe dissesse que nunca lá havia estado e que ignorava por completo os nomes dos hoteis, o homenzinho teimou e só m'a concedeu quando me suppoz convencido a ir para o Hotel Belle Vue, que elle indicava, o que, porém, não impediu que eu fôsse para o Mount Everest.

O melhor trem parte de Calcutta ás 4,42 da tarde. Até as onze e meia da noite, quando se chega a Santahar, viaja-se em bitola larga e dalli a Siliguri, no dia seguinte ás seis da manhã, em bitola estreita, de um metro. Em Siliguri, toma-se a estrada de sessenta centimetros, unica capaz de vencer as formidaveis rampas e curvas para chegar a Darjeeling. A continuar nestas mudanças e nesta escala, não admiraria que acabassemos carregando as malas ou empurrando o trem, como na anedocta.



A distancia de Calcutta a Darjeeling é de 621 kilometros e a viagem até Siliguri pouco tem de interessante, se exceptuarmos a travessia do Ganges numa das maiores pontes da India. Antigamente, a travessia de Damudkia, na margem direita, para Sara Ghat, na esquerda, era feita em ferry-boat e levava 20 minutos. Disseram-me que a ponte havia custado dois milhões de libras e que as suas fundações foram feitas 45 metros abaixo d'agua.

Siliguri está a 120 metros de altitude e dalli a Dargeeling, ou melhor, á estação de Ghoom, que é o ponto mais alto da linha, sobe-se até 2.225 metros, numa média de 400 metros por hora.

Eramos 92 passageiros de primeira classe e respectivos criados, de modo que foi preciso dividir o trem em quatro partes, tendo-me cabido logar na terceira. A linha é tudo quanto se possa imaginar de mais extraordinario, com rampas fortissimas, zig-zags e curvas apertadissimas, de que muitas têm apenas 17 metros de raio.

Em Siliguri, tem-se a primeira vista do Himalaya, lindissima. A chegada a Darjeeling foi ás duas da tarde, atrazada, devido á quantidade de passageiros e á demora na estação de almoço. Hospedei-me no "Mount Everest Hotel", estu-pendamente situado a cerca de cincoenta metros acima da estação. O serviço de transporte de bagagens é feito exclusivamente por mulheres do Thibet, baixas e atarracadas, fortissimas, feias, com enormes turquezas nas orelhas. A minha mala pesava razoavelmente e eu, confesso, hesitei em dal-a a uma mulher para levar-m'a ao hotel, embora o seu physico me autorizasse a excluirl-a do sexo fraco. A rampa para o hotel é fortissima e eu não pude deixar de admirar a facilidade com que essas pobres creaturas a venciam carregando malas pesadissimas, ás costas.

Quando cheguei ao hotel, nada, absolutamente nada, se via do Himalaya, inteiramente coberto pelas nuvens. Passei a tarde nos arredores do hotel, até que o frio me fez caminhar para um fogão da sala de entrada do "Mount Everest". A's cinco da tarde, difficilmente se aguenta a temperatura ao ar livre, principalmente si se acaba de chegar da infernal Calcutta. Darjeeling está a 27 gráos do equador e numa altitude média de 2.000 metros acima do nivel do mar, de modo que nada admira que um pobre mortal alli trema de frio, como a mim aconteceu. Dormi com dois cobertores de lã de cabras do Thibet, a 600 kilometros de Calcutta!

Alli, como em quasi em todo o Oriente, janta-se tardissimo e o hotel, para tornar menos desagradavel a longa espe-



ra, organisa espectaculos, concertos, danças, etc. Na primeira noite que alli passei, representaram a Cavallaria Rusticana e varios artistas da Companhia italiana cantaram trechos de operas. Um delles cantou a barcarola de Salvator Rosa, que foi muito applaudida.

No dia seguinte, ao levantar-me, cedo, o meu primeiro cuidado foi ir para a varanda do hotel admirar a vista do Himalaya, que se mostrava, nitidamente, em todo o seu esplendor. E'-me completamente impossivel descrever a sensação que tive ao contemplar, coberto de neve, sob os raios de um sol lindissimo, o Himalaya, de que se destacavam os soberbos picos do Kinchinjanga, do Jannu, do Kabru e do Randim. Foi a coisa mais imponente, mais estupenda, mais magestosa, que vi em toda a minha vida. Nunca contemplára belleza semelhante, nunca imaginára espectaculo tão grandioso. Todas as fadigas das viagens, todos os tormentos deste Oriente em tempo de guerra estavam fartamente compensados pela estupenda belleza que me era dado admirar. Não sei quanto tempo me quedei pregado á varanda do hotel na contemplação do maravilhoso espectaculo. E durante toda a manhã conservou-se assim, estupendamente illuminado, o gigantesco Himalaya.

Nos dois dias que me demorei em Darjeeling sómente ás tardes fiz passeios pelos arredores, sempre com o receio de perder de vista os picos cobertos de neve. Visitei o mercado da localidade^a muito interessante com os seus typos thibetanos e os seus trabalhos de cobre e latão; o templo budhista e o jardim botanico, com admiraveis collecções da flora himalayana e onde pude admirar varios eucalyptos, que, supponho, são os que se encontram a maior altitude em todo o mundo.

Voltei a Calcutta pezaroso, duplamente pezaroso por abandonar todas estas maravilhas e por ir, de novo, supportar aquella temperatura infernal.

Com a minha viagem a Darjeeling fiquei conhecendo a India, na sua parte oriental, de ponta a ponta, desde o extremo sul, no estreito de Manar, até o Himalaya. Do extremo sul a Siliguri são tres mil kilometros de uma planicie immensa, riquissima, admiravelmente irrigada por formidaveis rios e canaes, coberta nesta parte do anno de arrosaes e sómente arrosaes. E ha dezenas de annos que esta terra é continuamente cultivada, sem o mais pequeno descanso. Bem dizia o grande épico:

“Agua do Gange, e a terra de Bengala,
Fertil de sorte que outra não lhe eguala,”



BENARES

Em cerca de um mez dei eu conta do recado que me levára á India, mas tive de alli ficar exactamente dois pela falta de meios de transporte e pela serie enorme de difficuldades a vencer para a sahida daquelle paiz. Em outubro, terminada a colheita da juta e nada mais me restando a fazer, procurei visitar algumas regiões e conhecer as principaes cidades da India. Custava-me deixal-a sem fazer uma excursão a Benares, a Roma do hiduismo, ardente desejo de todo o hindú. De Calcutta á cidade santa a distancia é de 772 kilometros e a viagem faz-se commodamente num trem bastante confortavel até Moghal Sarai e dalli, em 20 minutos, num ramal mais ordinario. Tendo partido de Calcutta ás 8 da noite, cheguei a Benares ás 9,15 da manhã. Hospedei-me no Hotel Clark, modesto, mas excellente e um dos mais sympathicos da India. Alli me indicaram como guia um hindú sympathicissimo e que acudia ao sonoro nome de Juggernath Prasad, cujos serviços nunca me arrenderei de haver accettato.

Benares, em hindú Kashi, a Esplendida, é uma cidade de 200.000 habitantes, onde, felizmente, não se encontra nem um unico mahometano, mas cuja população fluctuante deve ser de outros tantos. E' a capital religiosa da India desde tempos immemoriaes, o grande centro de adoração de Shiva, visitada annualmente por mais de um milhão de peregrinos, de todos os pontos do immenso imperio. Visitar Benares e alli banhar-se nas sagradas aguas do Ganges é o desejo ardente, o anelo supremo de todos os hindús. Os peregrinos além de visitarem todos os logares santos, devem fazer o circuito de Panch Kosi, á volta do territorio sagrado da cidade, numa extensão de 45 milhas. A peregrinação dura seis dias suppõe-se que primeiramente a cidade fôra edificada onde é hoje Sarnath, a seis kilometros de distancia de Benares actual, onde Buddha prégou, e que era um dos logares mais florescentes da India seis seculos antes da nossa éra.

Iniciei a minha peregrinação pelo Templo de Durga, tambem conhecido pelo Templo dos Macacos, devido á quantidade espantosa de taes animaes que alli vivem e são alimentados pelos sacerdotes encarregados da guarda do templo, enormemente auxiliados pelos pacotes de amendoim que todo o visitante lhes leva. Dalli, fui ao tumulo de marmore do grande asceta Bhaskaranand, tido por santo e como tal enterrado, em vez de ser reduzido a torresmos como succede a todos os hindús. Passei depois ao Templo de Ouro, onde está o poço da sabedoria, com uma agua infecta, mas que



todo o mundo bebe, não morre e fica igualmente estúpido. Tive ganas de trazer dalli alguns garrafões para uso dos homens de governo. E, assim, fui percorrendo a Mesquita de Aurangzed, o Templo de Annapura, o Sakhi Binayak, vi o boi sagrado e, num dos templos, uma verdadeira vaccaria.

As horas de maior calor passei-as no interessantissimo Bazar de Benares, onde se vendem os celebres trabalhos de cobre e latão, uma das especialidades da terra. Benares é afamada tambem pelos seus trabalhos em seda e bordados em ouro e prata, de uma perfeição inacreditavel.

A' tardinha, pela fresca, fui para as margens do Ganges. A cidade está edificada na margem direita flanqueada por monumentaes escadarias de pedra, que descem até a agua e onde se agglomera uma multidão de crentes, num vai-vem continuo.

Tomei um bote e fui percorrer o Ganges, lentamente, admirando o mais interessante espectáculo da minha vida. Ao longo do rio, nas immensas escadarias, milhares de hindús fazem as suas orações, silenciosamente. Quasi todos os rajahs da India fizeram construir ao longo do Ganges estupendos palacios em que se abrigam os peregrinos das diversas regiões do imperio.

Passei tres horas inolvidaveis percorrendo o Ganges e não pude resistir ao desejo de na manhã seguinte, ainda muito cedo, vir installar-me novamente num bote para apreciar o banho sagrado e outras praticas religiosas que me entretiveram longuissimo tempo, sem que eu o sentisse.

O sol nasce na margem opposta á cidade e é um espectáculo indscriptivel vel-o dardejar os seus raios sobre as escadarias de pedras coalhadas de dezenas de milhares de hindús! Junto ao rio vêm-se centenas de enormes guarda-soes abertos, sob os quaes personagens de categoria fazem as suas orações.

Deixei por momentos o meu bote para ir visitar o templo nepalez, em cujo exterior se podem admirar (e todo o mundo admira) os celebres "carving" immoralissimos. Um sacerdote leva a sua santidade ao extremo de se despojar de reproduções photographicas que possui para cedel-a aos visitantes... ávidos de sensações novas. Santa creatura!

Demorei-me algum tempo no Burning Ghat, o crematorio da cidade, igualmente, como tudo, á beira d'agua. Dezenas de cadaveres, envoltos em lençoes de varias côres (disseram-me que variam com o sexo, estado civil, idade, etc.), aguardavam a sua hora. Em baixo, junto ao rio, varios barbeiros tosquiavam esposos e outros parentes dos mortos.





Ilustração dos "Urupês"

(Desenho de Zimmermann)



Paisagem

(Óleo de T. Bassi)



Piranguinha

(Óleo de T. Bassi)

Fazem-se grandes pilhas de lenha, sobre as quaes collocam os cadaveres, largam fogo á pilha e... só lhes falta "o Corro a salvarti" do Trovador. Em Benares, talvez devido ao envoltorio, o espectaculo é menos impressionante do que em Calcutta, onde o vi em toda a sua hediondez. Allí, no Burning Ghat á beira do Ganges, abrem uma pequena cova no chão, pouco funda e do comprimento de um homem sobre a qual empilham artisticamente lenha, servindo a cova para facilitar a tiragem. Quando a pilha tem setenta centimetros de altura, collocam sobre ella o cadaver completamente nú, besuntam-lhe a cara de gordura, para activar a combustão, cobrem-n'o com mais lenha, até ficar a pilha com cerca de dois metros cubicos. Um sacerdote deita arroz sobre a cara do cadaver e põe-lhe ao lado uma serie de pratinhos de barro com toda a sorte de alimentos para a grande viagem. Começam dois hindús a girar em volta da pilha, com dois feixes de hervas incendiadas na mão, esguelando-se a cantar umas orações e, finalmente, largam fogo á pilha, que arde com uma rapidez espantosa. O fumo que se levanta é insupportavel, como intoleravel é o cheiro de carne assada. O cadaver arde muito mais lentamente do que se imagina e, quando é de algum cidadão edoso e, por isso mesmo, de cabeça mais rija, os dois hindús que lançaram fogo á lenha não vacillam e mettem-lhe o porrete sem dó nem piedade, até lhe rebentar o craneo, facilitando assim a cremação. Quando se rompe o ventre e surgem as visceras, o espectaculo é horripilante, macabro. Os parentes assistem impassiveis a esta scena toda! e são, em geral, os que recolhem as cinzas para lançal-as ao Ganges sagrado, caminho segurissimo do céu!

A India conta mais de duzentos milhões de habitantes hindús, em que a mortalidade deve ser enorme. Calculando-se em dois metros cubicos de lenha por cadaver, o consumo deve ser espantoso. Se por allí vegetassem sociedades agricolas, do teor patriotico das nossas, quantos protestos não teriam já surgido contra a devastação das mattas!

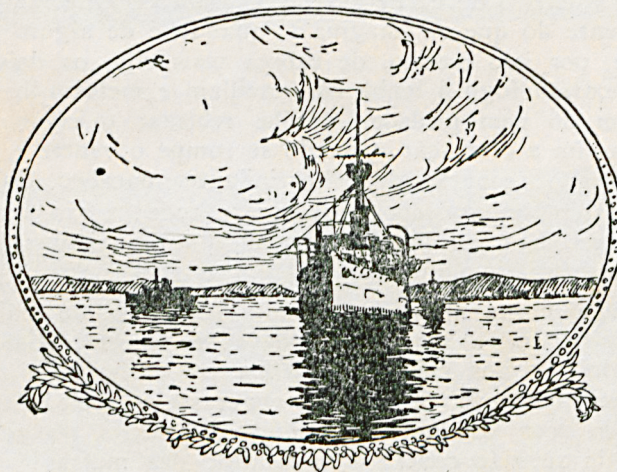
No Ganges, juntamente com os hindús, banham-se vaccas, bois, porcos, numa promiscuidade assombrosa. Todos estes animaes allí fazem as suas dejecções, o que não impede que, logo abaixo, milhares de hindús façam religiosamente as suas abluções, lavem a bocca e bebam varios goles dessa agua suja, barrenta, infecta, que, entretanto, até hoje não matou ninguém. Quem passeia de bote pelo Ganges fica horrorizado deante da quantidade de cadaveres de animaes que nelle boiam e da immensidade de immundicies que vão pelo rio

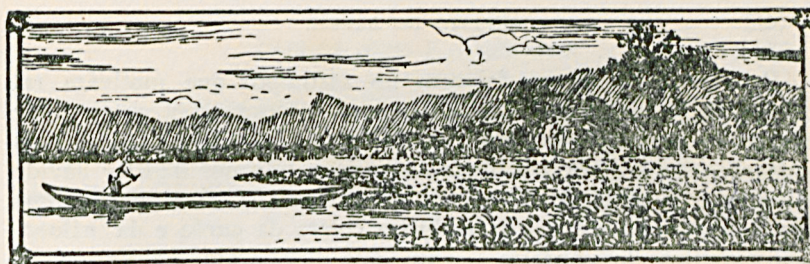


abaixo. E nas margens, indiferentes, os hindús ingerem essa agua infecta e nauseabunda.

Ao voltar para Calcutta, passei de dia pela enorme ponte sobre o rio Son, affluente do Ganges, com duas milhas de comprimento! Pelo que estou a vêr, é este o paiz das pontes monumentaes. E falamos nós no peso do jugo inglez quando ha mais de uma dezena de annos que andamos a pensar na construcção de uma ponte ligando S. Paulo a Matto Grosso, sem nunca a construir, é claro.

Se a ponte sobre o Ganges, com uma milha de extensão, no caminho de Darjeeling, custou dois milhões de libras, quanto teria custado esta do Son, duas vezes maior ?





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXX

O dr. Pinto da Silva morava á avenida Celso Garcia. Não havia necessidade de voltar pelo centro da cidade. O auto passou da Luz ao Braz em esfusiada de sonho. A taes horas nenhuns obstaculos demoravam a marcha, pelas ruas pouco animadas. De vez em quando a sereia despedia uma serie de gritos lamentosos, a tempo que Angelo, distrahido, via bailarem-lhe na imaginação, á semilhança de dois diamantes negros e acerados, os olhitos irrequietos do advogado.

O medico Pinto da Silva fôra muito amigo de seu pae, que em occasião de eleições, mandava votar com elle todo o operariado da vidraria. Recebeu-o por isso com extremos de amabilidade, censurando-o por não se ter lembrado logo logo de o procurar. Que diabo ! Pois não sabia que tinha nelle um amigo ? Esperasse um pouco. Ia pôr o sobretudo e o chapéo. Havia de fazer o possivel pelo pobre do rapaz. Comprehendia bem a cousa. Exploração vergonhosa em torno do nome e da fortuna do moço. Estava visto.

Quando entraram no automovel e o doutor mandou tocar para a policia central, Angelo suggeriu:

— Não achava melhor irmos a casa do delegado com quem corre o inquerito ?

O politico sorriu em toda a corpulencia bonacheirona.

— Nada... já é tarde e ninguem sabe onde pára o Mendonça...

O italiano olhou com admiração para aquelle barbaças risonho, que parecia tão seguro de obter tudo o que quizesse.

Pelo caminho pouco falaram no assumpto que motivára tal diligencia, a deshoras. Apenas o medico perguntou sem grande interesse se Leonardo era casado e affirmou, algumas ruas adeante, que era clara a illegalidade da prisão por não ter havido flagrante. Depois fez descansadas observações ácerca do clima de S. Paulo, maldisse sem nenhuma colera da *garôa* e da influencia malefica do nordeste — até que arribaram ás portas da grande repartição veladora da segurança publica.

Entraram. Informou-os um guarda de que o delegado de noitada estava dormindo num quarto á esquerda, bem para o fundo. Era o Sousa Castro, o sujeitinho amavel de quem Angelo tinha obtido licença para falar com o irmão.

— O senhor pôde esperar-me, disse o politico sempre tranquillo e remansado. E desapareceu, acompanhado por um empregado solícito, que tinha accorrido.

Aqui foi como um golpe de magica. Não eram passados dez minutos quando surgiu Leonardo, olhos espantados, como se não acreditasse ainda que estava realmente livre.

— Não ha duvida... Falo amanhã com o Mendonça... obtemperava o medico, sahindo do apartamento do fundo. E aproximou-se risonho, levantando a gola do amplo sobretudo:

— A noite está esfriando, meus amigos, observou á guisa de cumprimento.

Os dois irmãos precipitaram-se-lhe para as mãos, em signal de inenarravel gratidão.

Oh ! doutor, não sabemos como agradecer-lhe...

— Nada... nada... E foi mudando de assumpto: — Está um friozinho dos diabos... Hein ? Este clima !

E dirigiram-se juntos para o auto, que os esperava já taralhando ruidosamente, prestes para a corrida.

Ganharem a Varzea do Carmo, atravessarem-n'a e metterem-se pela larga avenida que só vae expirar em pleno campo, rumo da Penha, foi obra de breves minutos, tão desatada ia a velocidade. As triviaes amabilidades trocadas de caminho mal disfarçavam a commoção dos Orsini, a cujos olhos o bonançoso homemzarrão assumia as proporções de providencia juntamente bondosa e omnipotente.

Desceram em frente á casa delle e solícitos acompanharam-n'ó até a porta. Ahí redobraram de sinceras effuzões.

— Nada, meus amigos... Sempre a seu dispôr, atalhava despedindo-se. Quando precisarem não façam cerimonia... Incommodo nenhum...

Instantes depois chegaram ao portão do *chalet*.

Ao entrarem no jardim deparou-se-lhes um operario vizinho, muito amigo de Leonardo, que os esperava para contar-lhes que



Pataracchi partira para o Rio levando consigo Gina, de quem occultamente se tornára amante, algum tempo antes, — depois de se ter previamente certificado no registro civil de que a rapariga já havia cumprido os seus vinte e um annos...

XXXI

Maré de desillusões. Após a desillusão de Leonardo veio a de Viriato. Desillusão suprema, absolutamente irremediavel.

A lingua, a sua lingua patria era para elle uma verdadeira creação divina, um santo-dos-santos, uma arca sublimada em que seria monstruoso sacrilegio tocar com intenções subalternas e despreziveis. Devia ser venerada por si mesma, pela sua belleza intrinseca e mysteriosa, pela opulencia e vetustez de suas palavras, pelo esplendor de seu lexicon ou a musica dos seus sons. Chegava ás vezes ao absurdo de achar, senão de dizer, ao menos de sentir, que o fazer della vehiculo de conceitos e juizos, meio de communicações, de permuta de idéas e sentimentos era rebaixal-a e prostituil-a... Suas expressões, seus torneios de phrase, seus vocabulos constituíam para elle o objecto de um culto tão absoluto, que cada periodo prinunciado o obrigava a uma genuflexão da alma, que tinha o condão de paralyzar-lhe o curso do pensamento e a impôr silencio ás mais sinceras e fortes commoções...

Essa lingua divindade, que era a sua paixão, elle a fallava e escrevia mal, muito mal mesmo sob o ponto de vista mesquinho segundo o qual é a mesma ordenada a traduzir o que se passa na alma, a approximar os homens, — mas superiormente por certo á luz desse sentido mysterioso, commummente ignorado, que enriquecia a sua natureza humana com a superposição ou hypostase singularissima de uma natureza indefinivel que não se sabe como qualificar — apanagio ou monopolio, que é de grammaticos e philologos.

Por todas essas razões o professor votava ogeriza a tudo o que era moderno ou tinha nome desconhecido dos seiscentistas. O cinema era uma dessas birras. Detestava-o cordialissimamente pelo neologismo da denominação e pelo angolez das legendas. Gostava, entretanto, de “ver moverem-se na tela lindas figuras de lanterna magica...” E graças a esse engenhoso circumloquio ia ás vezes de fugida e á socapa espreitar na marmota criminosa das modernices os peccados do tempo presente. Mas sahia sempre arreliado e doente. Os *capolavoros* e outras macarronices linguísticas pegavam-lhe fôgo abrazador no velho coração de jurista intransigente. Renunciára por isso á distracção e ia já em dois annos que não punha os pés em taes açougues do castiço idioma.



Sucedeu, porém, que, por desgraça, se deixára ultimamente vencer da tentação. Levavam o *Quo-Vadis*. Primeiros tempos do christianismo... Reconstituição muito gabada... O pobre ancião andava muito doente e já banzando. "Perdeu a cabeça", perdeu-a, com deliquios de quem cae em francezia, e foi...

Foi ao cinema e voltou arrazado. Assistiu nada menos do que ao MASSACRE dos christãos, no circo...

Ante esse crime linguistico o professor estremeceu como uma torre abalada em seus fundamentos. Era demais.

De regresso a casa repetia como que num estupor:

— *Massacrados*, não! Os christãos não podiam ser *massacrados*... Assaltados, mortos, atassalhados, sim, sim, sim... *Massacrados*, nunca!

E cahiu num pesadelo incongruente onde se baralhavam todas as idéas, se subvertiam as ultimas luzes, deixando á tona, quaes restos de um naufragio, os vestigios apenas do seu grande amor na vida

— *Massacrados*, não! Os christãos não podiam ser *massacrados*...

Era a desgraça das desgraças. *Massacrados!* Não, o misero professor nunca mais se levantará. Eram pesadelos sobre pesadelos, terribilissimas visões em que, do fundo da sua decrepitude e enfermidade, não fazia mais do que ver e sentir, a cada momento, estrebuchando e vasquejando numa arena sanguinolenta impressionantes grupos humanos, pobres magotes de velhos, mulheres e creanças a debaterem-se entre multidões assassinas de barbarismos, gallicismos e solecismos, que lhe appareciam sob todas as formas hostis que se possam imaginar — punhaes, facas, estyletes, aspas, crurifragios, equuleos, vivicomburios, potros, um inferno inteiro de supplicios inominaveis. E no meio de tudo isso os primeiros christãos morriam uma morte estranha, entre todas horrível e nunca sonhada — morriam em máo portuguez.

(*Continúa*).





MÃES, POR DECRETO...

FOR

HERMES FONTES

Ao mesmo tempo que se crêa em Paris o “Alto Conselho da Natalidade”, reúne-se em Genebra o Congresso do “Tende filhos!” — nova proclamação gravada ao estandarte dos que, numa oportuna cruzada de acção pratica, querem refazer o equilibrio censitario do planeta, estrondosamente desfalcado com a ceifa da grande-guerra.

No velho mundo, pelo menos, o problema da repopulação é bem uma coisa seria — bem mais seria do que o decreto que acaba de crear o “Alto Conselho” e o Congresso que acaba de reproclamar o “Tende filhos!”

Na Europa os Congressos são, aliás, muito differentes dos ajuntamentos americanos, pretextos de convescote internacional, ou de *viagem gorda* facilitada pelo Estado a nullidades risonhas e bem fadadas. Não ha ali dinheiro, nem tempo, a esbanjar com salamaleques e phraseologias.

Mesmo em Paris, que, apesar das mutações *post bellum*, continua a ser uma cidade amavel, especie de *demi-vierge* ao mesmo tempo usuraria e pródiga, mesmo em Paris ninguem perde tempo a ouvir promessas e reclamos. E é preferivel perder tempo a fazer *triolets* do que a lavar decretos innocuos.

Por isso, — o decreto de fomento á Natalidade (*honny soit !*) não pode ser simples fórmula, simples theoria governamental. A iniciativa do governo é, aliás, tardia, e corresponde, reflexamente á iniciativa privada. . Em França, por exemplo, já existe uma Liga, afanada em provêr aos interesses nacionaes de amanha, tanto que, preocupada com o alarmante decréscimo da *civitas*, adia, para quando houver tempo, as sessões congratulatorias e entra no terreno da propaganda e da acção immediata.

Um telegramma recente informa-nos que um joven francez endinheirado — o sr. Fernand Boverat — não acha meio mais nobre de empregar a fortuna do que esse de tornar realidade o renascimento da sua gente e da sua terra pelo combate, vivo e assiduo á insufficiencia de natalidade.

Para isso, adianta o telegramma, serão distribuidos cartazes — acalmem-se os scepticos ! — e, além dos cartazes, serão distribuidos premios e pensões aos casaes prolificos, na proporção de 60 francos por casal de mais de tres filhos, etc., etc.

Com as medidas tomadas, parece que “era uma vez a doutrina de Malthus”. O *tende filhos* vae ser um factio. O novo *forceps* maravilhoso é o velho argumento auro-sonante: o Dinheiro.

Bem assim que ha capitalistas que protegem a creação de galinhas de raça, teremos agora, na esphera humana, o proteccionismo ás galinhas poedeiras.

Estou que será cumprido á risca o programma do Alto Conselho da Natalidade: não lhe ha de faltar a alliança da mulher franceza. E tudo se pode esperar da *petite-femme*, essa antiga boneca magica, essa voluvel heroina capaz de todos os milagres — capaz de incendiar Paris, para salvar o seu *apache* e capaz de incendiar o mundo, para salvar o seu Paris.

A proposito, por me referir eu com certa vibração a esses pequenos typos de heroínas e comediantes que são, ao mesmo tempo, o capim da *sociedade* humana e o cimento da *nacionalidade* franceza, perguntam-me, á queima-roupa, si ha identidade assignalavel entre a *petite-femme* parisiense e a “affectadinha” carioca, essa a que deslambidos chronistas, na sua meia-lingua de onanistas das idéas, chamam, não sei bem porque — “melindrosa” — termo que teve fragrancia e actualidade, applicado, quando o foi por um delles, homem de talento que, por displicencia, faz, tambem, mundanismos.

A' indecisão da resposta, enfiam-me nova pergunta: si a mulher carioca é a synthese da mulher brasileira, na sua linhagem ethica.

De momento, fico engasgado. Seria melhor fazer-se uma *enquête*. A Quaresma é epoca de *enquêtes* carnavalescas. Não seja essa uma de menos...

Peço misericordia. Misericordia é como quem diz — *habeas-corpus* celestial. Peço *habeas-corpus*.

Prefiro ler as noticias do “Tende filhos!” e das generosidades do sr. Boverat, o grande proteccionista da industria de carne e osso, o novo propugnador da “intensifique-se a cultura genesica”.



Que identidade descobrir entre a boneca franceza e a carioca? Do ponto de vista mimetico, todas as mulheres do mundo são bonecas francezas. Principalmente, as brasileiras.

Do ponto de vista de certas possibilidades — as possibilidades de heroismo e pundonor, nada tem a ver a mulher brasileira com o actual desengonçamento feminino do Rio — o almofadismo de ambos os sexos.

Nem se ha de comparar a *petite-femme*, a boneca de carne e osso, polvilhada de *esprit*, com a “affectadinha” improvisada, boneca de algodão e papelotes, polvilhada de *pó de arroz* falsificado.

O Rio, aliás, não é o que transparece das chroniquetas elegantes. Nem mesmo no conceito da elegancia e da belleza. Qualquer das nossas classes, qualquer dos nossos bairros são cheios de mulheres formosas e harmoniosas.

Ha, porém, uns dez ou doze nomes, muito discutiveis, que apparecem sempre e são uma especie de *stock* de garantia dos chronistas sem assumpto. São, em geral moças e rapazes *camouflés*, que querem forçar casamentos ricos e situações commodas e que, por necessidade de verosimilhança, acambulha com os seus nomes os de pessoas em destaque pela fortuna facil ou pelo brilho ephemero.

Todos sabemos e repetimos que o Lar “é a pedra angular da sociedade”. E’ um logar-commum digno de entrar para as phrases feitas do positivismo, de tão exacto e immutavel que é.

Ora, essa gente que anda a se arvorar em *leader* da sociedade, não tem base no lar, — vive na rua.

O “instantaneo” das melindrosas é feito, á porta das lojas, dos *chás*, dos cinemas e, ás vezes, á porta das casas de tolerancia, algumas das quaes escapam dessa expressão por só tolerarem as coisas platonicamente.

Pois então essas meninas que não sabem escrever uma carta soffrivel em nosso idioma e batem lingua destarameladamente em *argot* internacional; essas meninas que não sabem bater dois ovos para uma *omelette*, mas sabem bater no teclado a *valsa brune*, pois então, representam ellas a mulher brasileira, a admiravel mãe de familia, heroica, destemida, laboriosa e modesta?

Deixemol-as, as pequeninas *pierrettes* do permanente carnaval que é o nosso chamado *smart set*.

Deixemos que, contaminadas pela moda de cima, as proprias pretinhas cosinheiras, em folga dominical, tomem ares de bonequitas importantes, recém-sahidas da caixa de papelão.

O Brasil é dos poucos paizes em que, no bom sentido, pode haver feminismo, porque ha mulheres: Mulheres — que se fazem para casar, e casam para proliferar.

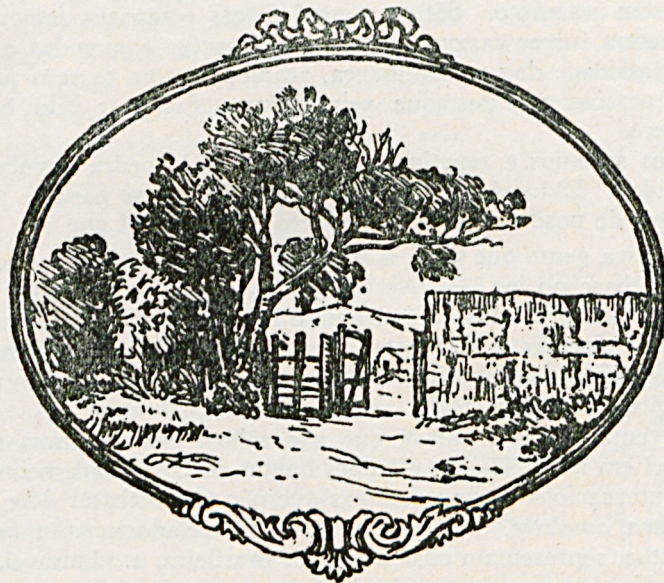


Nos sertões, ha mães com quinze e vinte filhos, algumas com vinte e cinco... Ainda mesmo no littoral, uma mediazinha de seis a oito não é conta exaggerada.

Emquanto a França reclama, por decreto, mães de familia, nós creamos o melindrosismo e renovamos, com meio seculo de atrazo, o genero *fanfrelouche*.

Mas o Brasil não é o Rio, nem o Rio é o "Alvear".

Fiquem-se os *manicures* da Arte e da Imprensa a cantar e encarecer o seu dedal de agua. O Brasil tem o oceano Atlantico...





ROMANCE BUCOLICO

S. GALEÃO COUTINHO

I

*Foi na simplicidade virgiliana
Destes montes que o tempo envelheceu,
Longe da turba hypocrita e profana,
Que o nosso amor, outr'ora, floresceu.*

*Nunca a mais leve sombra de tristeza
Nos enturvara os olhos sonhadores...
Occulto andava Deus na natureza,
Vigilante, a espreitar nossos amores.*

*Pelas devezas aromaes e rudes,
Despreoccupada, sem temores vagos,
Ias colher á margem das paludes
As flores venenosas dos nyctagos.*

*Toda esplendias de lyrical frescura!
Para a minha visão sentimental
Era vestida d'oiro e seda pura
Que ias sempre ás missas do arraial.*

*Nem me viessem dizer os positivos
Que castellan não eras, suave e loira;
Que não viam, tambem, torreões altivos
Na tua humilde casa de lavoira.*

*Porque, ao grande em que eu vivia,
Ardente cavalleiro enamorado,
Na singeleza deste amor havia
O meu sonho de glorias realizado.*



*Eram-me encantos minimas frioleiras
Dos teus ingenuos modos e falar:
Lá na fonte, a ajudar as lavadeiras...
De roca e fuso, nos serões, a fiar...*

*E poeta, mas affeito ao duro trato
Dos campos, forte plano eu concebia:
Que o idealista julga-se sensato
Quanto mais entretece a phantasia.*

*Breve, as encostas onde só medrava
O matagal bravio, inutilmente,
Ostentariam, á soalheira flava,
A victoria da seara florescente.*

*Já então serias moça e, já-casados,
Daqui contemplariamos, nós dois,
Lá em baixo, na extensão dos verdes prados,
Serenos, a pastar, os nossos bois.*

*E que bom eu andar, o dia inteiro,
No moirejo da ceifa e do plantio,
Sem temer os rigores de janeiro
Quando é mais forte e causticante o estio.*

*Emquanto, na domestica simpleza,
Indifferente a vans tafularias,
Atarefada, a mil cuidados presa,
Do nosso lar modesto cuidarias...*

*A recordar as primitivas eras
Das afoitas zagalas e zagaes,
Eu comporia, ao vir das primaveras,
Inspiradas canções e pastoraes.*

*E os meus versos seriam repetidos
Na melopéa triste dos amores,
Que sempre, á tarde, entoam, commovidos,
Os pobres e cansados lavradores.*

*Patriarchaes, morreriamos velhinhos.
Na calma destes rusticos logares
Resariam por nós todos os ninhos,
Teriamos a benção dos luares.*



II

*Tudo isso não foi mais que um desatino,
Inocuos idealismos, illusões...
Deu-nos contrarios rumos o Destino
Aos oppressos, afflictos corações.*

*Ao envez do que sonhara, esperançoso,
Rebanhos nos vergeis, verdes latadas,
Venho encontrar neste longinquo pouso
Terras incultas, desaproveitadas.*

*Nem meus olhos vislumbram, laboriosa,
Continuamente a trabalhar, a azenha;
A propria agua do arroio, rumorosa,
Não mais sobre o lagedo se despenha.*

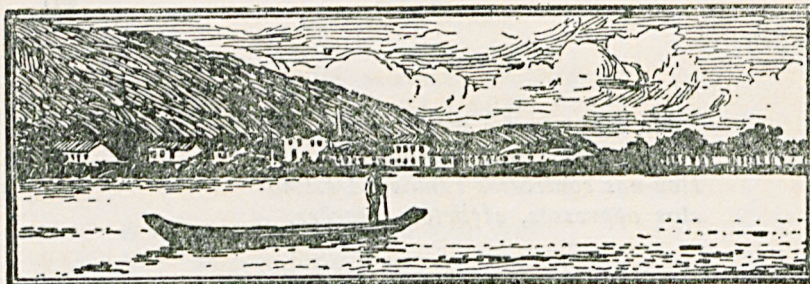
*Volvendo agora o olhar pelas alturas,
Como por accrescer a minha dor,
Vejo as penhas mais hispidas e duras
E mais apavorante o seu negror.*

III

*Não sei que extranho philtro propinado
Me foi por mão perversa e mysteriosa,
Que a longes terras fui, a sós, levado,
D'outras chimeras a alma desejosa.*

*Foram-se os annos e hoje, nesta plaga,
Nem o vestigio dos teus pés existe...
Como sombra fatidica, presaga,
Na minha angustia, partirei mais triste.*

*Partirei sem saber onde encontrar-te,
Como quem vae de uma illusão empós,
A presentir teu vulto em toda a parte,
Em toda a parte ouvindo tua voz.*



AFRANIO PEIXOTO

POR

JACKSON DE FIGUEIREDO

II

Afranio Peixoto, ao entrar o templo das letras, já vem armado cavalleiro e é com os dêdos de ferro da sciencia que lhe bate ás portas de oiro.

De facto, seu nome apparece, pela primeira vez, chamando a attenção geral, sobre a capa de uma thése de doutoramento, mas esta que lhe sahe das mãos para o julgamento dos mestres, não é — vê-se logo — o agrupamento ridiculo de meia duzia de paginas mal traduzidas, sobre um assumpto qualquer. E' um livro em todo o rigor da palavra, um livro que não póde ficar nas prateleiras de um Archivo de Faculdade. Mal se faz conhecido o seu trabalho sobre "Epilepsia e Crime" e já, pela recommendação das nossas maiores autoridades em tal materia, tem o joven scientista renome compensador e editor para o livro (1).

(1) Prefaciam-no então Nina Rodrigues e Juliano Moreira e este assim fala do successo obtido pelo novel scientista: "Da primeira tiragem desta monographia, exemplares foram enviados a varios scientistas do velho mundo. De lá não se fez tardar ao auctor a salutar incitação a novos empreendimentos. O sabio professor Enrico Morselli, director da clinica psiquiatrica de Genova, Benedikt, o emérito professor de neuropathologia em Vienna, Ch. Feré, o illustre medico da *Bicêtre*, Lacassagne, o notavel professor de medicina legal, Gabriel Tarde, o emerito jurista, Jules Christian, medico de *Charenton*, Charlin, do *Salpêtrière*, Ed. Toulouse de *Villejuif*, Miguel Bombarda, professor em Lisboa e director do hospital de Rilhafolles, enviaram ao Dr. Afranio Peixoto autographos que o honram. O Professor Clovis Bevilacqua, os Drs. Franco da Rocha e Viveiros de Castro tambem não lhe regateiaram louvôres. Este ultimo em uma excellente sentença publicada no "Jornal do Commercio" encomiou este estudo fundamentando razões em trechos daqui extrahidos". Pref. de "Epilepsia e Crime", pag. III — Bahia — Oliveira & Comp. Ed. 1898.

Dahi em deante, sente-se que todo o esforço de Afranio Peixoto se fixou no desejo de dar ao Brasil um verdadeiro Tratado de Medicina Social, de que "Epilepsia e Crime" e outras monographias como "A herança do adulterio" (tambem de 1898) e "Thanatocopia Judiciaria" (1901) não são mais do que dados esparsos do estudo dos males sociaes, estudo que, evidentemente, devia ser feito para que se firmasse a autoridade de quem desejava apontar meios de cura.

A mim não me cabe julgar destes livros a parte puramente scientifica (pois o meu dilettantismo a tanto não se affoita) senão as ideas resultantes das falhas de um systema materialista, de que o autor não percebe o illogismo.

Se além do ataque convulsivo outros signaes evidenciam a existencia do mal sagrado, se multiplica, se una a epilepsia, se degeneração, se molestia, quaes as suas causas mecanicas provocadoras, se o genio desaparece ou não sob a acção progressiva do mal, se Lombroso teve ou não razão na sua milionesima these, casando a epilepsia ao crime nada disto me interessa, de facto. São problemas que quase só se ligam á parte exterior da psychologia e, ao ultimo delles, no que contem de intenção materialista, dá o proprio Afranio golpe decisivo.

Interessa-me muito mais a verificação de que Afranio Peixoto, por isto mesmo que escolheu, em tal epoca da sua vida, semelhante these para a sua meditação, dava sem querer, sobre a escarninha face da vida, o traço definitivo da sua personalidade de imaginativo por excellencia.

De facto, nenhuma das realidades do mundo, que não seja o amor, aliás tão de mistura sempre com o crime ⁽¹⁾, mais do que este fere a imaginação e é causa de espantosos momentos em que a vida interior acolhe todas as côres do inferno e é varrida pelas chammias furiosas de hallucinações sobre hallucinações. Terrivel circulo este em que debate a consciencia, entre o relevo do criminoso, desafiando natureza e leis, com o seu mysterio, e a fragilidade de nosso juizo.

Uma penitenciaria resume tão poderosamente as feições infinitamente diversas da vida, que a sua só presença deante de uma consciencia viva será sempre motivo que explique a loucura. Um homem preso, encarcerado, temido de outros homens, como se fôra

(1) "L'amour qui tient une si grande place dans la vie et dans la litterature, en occupe une de plus en plus considerable dans les affaires criminelles et dans la statistique des suicides. Pendant que les romanciers et les poètes celebrent les vertus et les beautés de l'amour, les magistrats chaque jour les bonts, les desespérés, de fous et d'assassins; il n'est pas qui conduise autant de malheureux et de coupables á la Morgue, á l'asile d'aliénés et á la cour d'assises" L. Proal -- *Le crime et le suicide passionnels.*



um animal selvagem, veste toda a nossa miseria, não a sua somente, mas até a daquelle mesmo a que não chega o echo de seu soffrimento. A grande sombra de nosso mysterio, do mysterio que somos sobre a face da terra, delle deriva como deriva do coração de um santo, delle, do mais rude, do mais cynico, do mais temivel dos condemnados, distendendo-se sobre a terra de pólo a pólo e alcançando-nos a todos.

Eis porque a philanthropia de uns e o sentimento juridico de outros, nos agitados dias que antecederam e succederam á Revolução Franceza, foram buscar no fundo das prisões motivos de gloria e de maiores dores para o coração atormentado do homem.

Rousseau lançara já o germen, inquietante do romantismo, e o imperialismo deste, digamos assim, a paixão substituindo a theoria, passando pouco a pouco por cima de todo bom senso, acabou por dominar tambem a sciencia, em todas as suas ramificações. O romantismo scientifico foi somente mais tardio e, assim como o outro, ainda resiste ás investidas da critica, apesar de lhe não ser favoravel o terreno em que, inexplicavelmente, se implantou. A antropologia, por exemplo, agitada por tal espirito, maximé nos dominios de excepção, deu mostras das mais ridiculas encenações possíveis de imaginar. Dentro della, o tumulto foi igual (senão maior) ao que notou Afranio Peixoto no seio da Hygiene (1).

Quem recebeu dar tal ou qual origem ao homem, quem não buscou ligar o proprio nome a um qualquer fundamento da sociedade? Então, nos dominios de excepção, como disse, nos dominios da genialidade, do crime, da loucura, teve o homem interpretes taes e tantos que já não é mais possível enumeral-os. Simão Bacamarte que Machado de Assis encarcerou em Itaguahy foi, de facto, em certo momento, um typo universal.

Do que dizia respeito ao crime, facil foi esquecer-se que a miseria não é só do criminoso mas do homem em geral, e no afan de proteger-se aquelle, chegou-se, por fim, a desculpal-o e até justifical-o, tudo isto em nome da sciencia a quem cabia tudo resolver neste mundo. Reformadores accorriam de todos os lados e o philanthropismo scientifico poude chegar a taes extremos de carinho pelo homem que ferira a sociedade e por ella fôra repellido, que Carlyle, um romantico, aliás, porem de feição mais rude e

(1) "Com o advento da era pastoreana — diz Afranio — a causa-germen se estabeleceu com uma notavel precisão, dando á Higiene as suas primeiras noções scientificas. Em campo tão fértil e de tantas seduções o exagero era facil: no laboratorio o ponto de honra era descobrir, ao menos, um micróbio novo, na clinica era inventar uma doença desconhecida. O *bacteriologismo* foi moda, uma transição, como outras... O solo, a agoa, o ar... tudo tinha um aspecto calamitoso, recheado de bactérias, contados, cultivados, classificados, coleccionados, possibilidades de perigo, senão ameaças ou já aggressões, por toda parte..." (V. *Higiene* 2.ª edição pag. 8).

verdadeira, não se conteve que não protestasse, pugnando em favor do soffrimento maior que estava fóra das cadeias, mais desprotegido do que dentro dellas... Puis Malherbe vint... veio o diluvio, como dizia o bom velho Mello Moraes, isto é, veio Lombroso e á sua arca tantos foram os anthropologos, os sociologos, de todos os matizes, que o crime, no meio delles, perdeu para sempre talvez a sua physionomia repugnante, passando a ser ephebo maravilhoso, cuja filiação se ignora e uns dizem ser filho da lua, outros do sol e até ha quem o faça neto da Justiça.

Afranio Peixoto, aqui, nestes brazis, tambem colheu seu ramo de esperança e partiu em busca de Noé.

Não supportou muito tempo a bebedeira do patriarcha, mas se enfeitou tambem com as folhas do parreiral do velho sabio... Depois sahiu em companhia de outros, criticando-lhe os modos desabusados, sem reparar, porem, que aquella teimosia de "generalisar catalogações de minudencias", tambem lhe ficara como véso do espirito. A paixão materialista se lhe entranhara no coração, e é muito pouco a ambição do materialista deante da verdade. Basta-lhe parecer original... Assim, Afranio Peixoto, que nos dominios da pura sciencia, pudera verificar que, no epileptico, não se apaga, de todo a consciencia, mesmo sob o guante mais pesado da crise — facto este que só pode dar força ás theorias espiritualistas — tem no seu primeiro livro, como idéa defensavel, a da normalidade do criminoso, a que Albretch e Hamon tambem, se não me engana, já haviam dado fóros de cousa digna de ser ouvida e discutida.

Para chegar a esta asserção, ferido o bom senso, de modo tão impiedoso, se comprehende que o espirito não se cance em malabarismos, que lhe salvem o desejo de originalidade, e a differença estabelecida por Afranio Peixoto entre normalidade biologica e normalidade sociologica, deixa no ar quem interroque o porque em taes dominios os mesmos factos têm caracteres diversos, o porque taes dominios, elles proprios, entre si se differençaram e se destacaram do fundo nebuloso da vida. Claro é que, para um evolucionista, taes problemas deveriam ter importancia capital.

Idéa de character muito mais serio e mais digna de ser analysada é, com certeza, a que expõe Afranio Peixoto na monographia "Herança do adulterio", — a herança social, idea a que Pio Viazzi, nos *Archivos de Lombroso*, em 1899, chamou genial.

De facto, posto de lado o *jargon* materialista, sociologico, se a verdadeira philosophia, baseada no dogma da queda, não póde desconhecer os phenomenos de hereditariedade biologica (1), nem

1) Mercier — *Cours de philosophie*, vol. III — *Psychologie* t. I *Exposé du naturalisme vitaliste des scolastiques* — *Confirmation de la conception finaliste de la vie.*



tambem a influencia do meio, que predispõe (1), nem tambem a mesma influencia do temperamento sobre o character (2), não ha duvida que pôde ser discutida a idéa de uma herança social, em que, aliás, não fiquem esquecidos os casos de excepção, ou da reacção da livre vontade do homem. Em um meio familiar, absolutamente pervertido, é bem possivel que as gerações se succedam pervertidas, afundadas no mal, mas não impossivel a excepção gloriosa, que faz o heroismo ou o romance obscuro de uma alma. E o caso opposto da maldade que, repentinamente, se desenvolve em um meio que lhe é desfavoravel tambem não falta.

A verdade é que são, ante a razão, mysteriosas as leis que regem os nossos destinos, como é mysteriosa a nossa origem.

A fé somente nos illumina e nos dá a intuição do plano divino em que nos desenvolvemos. Um determinista, um materialista, como Afranio Peixoto o era, só tem dos factos uma visão toda exterior e descontinua. Palavra insuspeitissima é a de Haeckel neste caso: "Os naturistas da eschola exclusivamente empirica, dominados por uma estranha illusão, lisonjêam-se de poder construir o edificio inteiro da historia natural com factos isolados, sem os ligar philosophicamente entre si, e com simples noções isoladas, sem lhes perceber o sentido.

Sem duvida, todo systema puramente especulativo, absolutamente philosophico, que não se basêa no fundamento inabalavel dos factos empiricos, é um mero castello de cartas, que a primeira experiencia lançará por terra; mas tambem toda obra scientifica, puramente empirica, composta unicamente de factos, será, quando muito, um montão de pedras, nunca um edificio. Os factos são por si *aridos* e, como os apresenta a experiencia, são apenas materiaes grosseiros; se não forem fecundados pelo pensamento e ligados pela philosophia, nunca poderão constituir uma sciencia. . . um lamentavel antagonismo entre as sciencias naturaes e a philosophia, um empirismo grosseiro, que a maior parte dos naturalistas contemporaneos desgraçadamente proclama como *sciencia exacta* — taes são as causas de tantas e tão grandes faltas de logica, e da impotencia absoluta para tirar dos factos as conclusões mais elementares. . ." (3).

Haeckel é dos que erram por muito crerem em si proprios mas, ao menos, reconhece que nem tudo, em materia de conhecimento, é accumular factos sobre factos.

1) Sortais — *Traité de philosophie* — t. I — *Psychologie experimentale*, 470.

2) Sortais — Obr. cit. 560 — Th. Sinibaldi — *Elementos de philosophia* — II — 164 n.

3) *Hist. de la creation* — *Inconvenients de l'empirisme*.



Quando se desconhece a natureza livre do homem, taes factos pesam sobre as theorias particulares, afundando-as no erro mais grosseiro. Nada mais logico, realmente, que ser levado um determinista a dar o criminoso como homem normal, isto é, como um puro organismo que como "a immensa maioria dos organismos destroe, pilha, assassina e faz em uma palavra, tudo o que sabe e póde fazer por seu proprio proveito e beneficio sem cuidar de que o que faz é nocivo ou pernicioso para os outros organismos que o cercam".

Afranio Peixoto não generalisa tanto e tem mais pudor o seu materialismo, mas, é, por isto mesmo, illogico. Mais logico é, sem duvida, o proprio Albrecht, sujeitando tudo ao conceito da lei biologica, materialista.

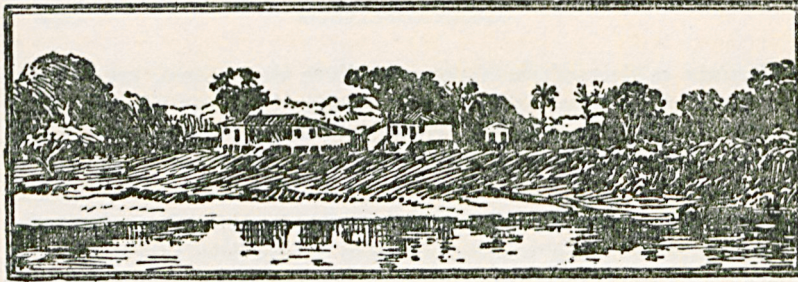
Se o proprio Afranio apresenta o criminoso como um typo natural (1), que importa que haja outros typos naturaes não criminosos? Como reconhecer entre elles superioridade? Esta, terão aquelles que, obedecendo á lei natural da selecção, mais se fizerem valer sobre a face da terra, e ninguem poderá dizer que a humanidade actual não é mesmo o conjuncto de seres criminosos já vencedores em grande parte e em breve, talvez, totalmente victoriosos na lucta contra typos naturaes mais delicados...

Saia deste circulo quem quiser, ou melhor, quem pudér e vá espiar de cima do Corcovado que fazem na praça publica codigos, leis, moralidades e bons sensos... Cuidado, que não caia lá de cima.

(Continúa).

1) *Epilepsia e Crime* — 80.





ESTUDOS DA LINGUA PORTUGUÊSA

POR

FRANCISCO ASSIS CINTRA

1) UM PSEUDO-BRASILEIRISMO

Dizem os grammaticos da lingua portuguesa que a expressão *VI ELLE* é um brasileirismo. E que é brasileirismo? Apprendamos o ensinamento dum grande mestre:

— “*Brasileirismos são termos e phrases peculiares ao portuguez fallado no Brasil*”. (Ed. Carlos Pereira, *Gram. Exp.*, 1918, pg. 264).

E o mestre, entre os exemplos, cita esse — *VI ELLE*. Essa expressão, entretanto, não é um brasileirismo, embora seja apontada como tal por todos os grammaticos de nossa lingua. Foi empregada por escriptores notaveis de Portugal, anteriores e contemporaneos ao descobrimento do Brasil.

O uso do pronome *elle* como completamente directo não é uma criação viciosa do povo brasileiro, como informam os grammaticos d'aquem e d'além mar. As obras mais notaveis da idade pre-classica (1200-1520) são as *Chronicas de d. Pedro, de d. João e de d. Fernando*, escriptas por Fernão Lopes. E para que se não diga que esse escriptor foi um obscuro, cujo depoimento carece de valor, aqui reproduzimos o juizo que, a seu respeito, formularam tres illustres criticos, de nacionalidades differentes: o brasilenso João Ribeiro, o portuguez Francisco de Almeida e o francês Ferdinand Denis.

Diz o primeiro que a figura de maior realce da idade pre-classica da litteratura portuguesa é Fernão Lopes, “o verdadeiro criador da prosa e do estylo da Historia em Portugal”.

Assevera o segundo que Fernão Lopes não foi sómente um optimo escriptor portuguez, mas tambem um dos mais illustres historiadores da idade média.

Proclama o terceiro que o auctor da Chronica de D. João I, além de mestre respeitavel de sua lingua, foi “un historien véritablement supérieur á son siècle”.

Vejamos, agora, os exemplos desse admirável escriptor antigo, cuja fama transpôz as raias das terras portuguezas, impressionando criticos illustres da França. Por essas transcripções, obteremos a prova flagrante e irrecusavel de que, em absoluto, os grammaticos de Portugal e do Brasil carecem de razão para ensinar que — *o emprego do pronome elle como complemento directo é um brasileirismo, vicio de lingoagem nascido no Brasil.*

Si dizemos *VI ELLE* e outras expressões equivalentes, para a analyse, nada mais fazemos que repetir um velho lusitanismo. *Brasileirismo* é que não. Os primeiros portuguezes, os primeiros colonos aqui aportados, certamente usavam essa expressão. E os caipiras, seus descendentes, ainda hoje a repetem. Tal syntaxe, aliás permittida no latim, conforme vimos em Arnobius e nas numerosas transcripções da *Portugaliae Monumenta Historica* (por Herculano) e *España Sagrada* (por Flôres) foi proscripta no fallar portuguez após a publicação das primeiras grammaticas de nossa lingoa: a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540).

Esses dois grammaticographos, que são os mais antigos da lingoa camoniana, reduziram os pronomes *elle* e *ella* ao caso recto sómente, tirando-lhes, portanto, a faculdade de serem complemento, como no latim.

Dos muitos exemplos encontrados nas obras de Fernão Lopes, aqui apresentamos os seguintes:

1) — E el-rei, sabendo isto, houve mui grande pesar e deitou-o logo fóra de sua mercê por sempre, e *degradou elle e os filhos* a dez leguas de onde quer que elle fosse”. (Fernão Lopes, Chronica de d. Pedro I, cap. V, pg. 28, ed. Luciano).

2) — E ás horas que o infante veiu foi recebido por uma mulher de sua casa, e levado escusamente onde d. Maria estava; e elle, quando entrou, *viu ella* e seus corrigementos assim dispostos para o receber por hospede que parecia que cada corrigento o rogava que ficasse alli aquella noite”. (Id., Chronica de d. Fernando, cap. 100, pg. 141, ed. Luc.).

3 — “E mestre D. Martin Eannes veiu alli olhar como ia a hoste, trazendo já comsigo muitos máis do que dantes trouvera, e *nomeamos elle*, mais que nenhum dos outros, porque elle, principalmente, era o que fazia fazer estas esporadas”. (Id., Chronica de d. João I, parte 2.^a, vol. V, pg. 7, cap. 55).

E, como esses, muitos outros exemplos poderíamos citar. Ora, Fernão Lopes morreu em 1460, quasi meio seculo antes do descobrimento do Brasil. Si elle escreveu — *viu ella, nomeamos elle* e outras phrases syntacticamente equivalentes, foi, certamente, porque esse modo de dizer era, em seu tempo, corrente em Portugal. Nos *Cancioneiros*, na *Demanda do Graal* e no *Amadis* os exemplos tambem são abundantes. Entretanto foram escriptos dois seculos antes do descobrimento do Brasil! E si o povo e os escriptores portuguezes, anteriormente a 1500, usavam a expressão *vi elle*, é claro que isso não é um brasileirismo e sim, podemos dizer-lo, um legitimo lusitanismo, trazido para o Brasil. Tal é a verdade.



E quem duvidar que manuseie as obras de Lopes, esse *encantador escrivão do rei d. Duarte*, no dizer de Luciano Cordeiro: esse *pae da Historia Portuguesa*, no expressar de Alexandre Herculano; esse *homem de descomunal sciencia e auctoridade*, no juizar de Gomes de Azurara.

2) EPOCHA OU EPOCA?

O grego *epokhe* deu ao latim classico o termo *epocha*. A lettra *h* ainda encontra adversarios em certos grammaticos, principalmente alemães, que se obstinam em não a reconhecer como verdadeira lettra. Realmente, o *h* é mais um simples signal do que uma lettra. Qual o seu som? Não se explica. Apposto a uma outra lettra elle lhe imprime um som guttural. Vorepierre diz que é um simples signal etymologico ou um signal alphabetico auxiliar. No alphabeto grego primitivo nunca, realmente, o representavam na aspiração e sim, exactamente, como excepcional articulação guttural. Mais tarde, pensaram os grammaticos gregos na criação dum symbolo do espirito rude e então recorreram ao *h* para tal fim. E como representasse dois *e* e breves deram-lhe o nome de *eta*. Essa transformação do *h*, de mero signal a lettra, foi attribuido por Plinio ao poeta Simonide no anno 448 antes de Christo. Diversas inscrições provam ainda que antes da invenção da lettra grega *psi* e do *X* os gregos representavam essas consoantes por meio do *pi* e do *kappa*, seguidos de *h*. Os latinos a principio conservaram a lettra *h* como consoante guttural. Depois foram, aos poucos, transformando o *h* em outras consoantes (*septem* de *hepta*, *serpo* de *herpo*, etc.). A ultima tendencia latina foi pela eliminação do *h* nas palavras em que se não fizesse a aspiração, como, por exemplo, em *epoca*, *caro*, *carta*, *escola*, que se encontram com *h* no latim classico (*epocha*, *charo*, *charta*, *eschola*) e sem *h* no baixo latim e no latim popular. Consulte-se, a respeito, o *Mediae et Infinae Latinitatis*, de Du-Cange, e o *Thesaurus Inscriptioinum*, de Gruter.

Diz Dupiney de Vorepierre que os latinos "dans beaucoup mots qu'ils écrivaient dans le principe avec le signe d'aspiration H, ils prirent l'habitude de le supprimer". (Encyclopedie, vol. II, pg. 95). E cita, como exemplo, a palavra *arupex*, que os classicos latinos escreviam *harupex*.

Na *Espanña Sagrada*, de Flores, ha muitas passagens latinas em que se encontram *epoca*, *carta*, *escola*, *caro*, sem *h*.

Si no latim classico já havia a tendencia para a elliminação do *h* ou para a transformação em outra consoante, si no latim barbaro encontramos o *h* ellimatorio em palavras como *carta*, *caro*, *escola*, *epoca*, porque o conservarmos em português?

Demais, o *chi* (*X*) grego que entra nessas palavras tem como unicos equivalentes o *c* ou o *k* do português. E' um som aspero, que nem o *c*, nem o *k* representam.



Nem tampouco o *ch*. Escreva-se, *epoca* (sem *h*) e *epocha* (com *h*). Mande-se qualquer letrado lêr ambas as graphias e elle as lerá do mesmíssimo modo: *epoca*, sem aspiração alguma. Assim, esse *ch* é inexpressivo no caso vertente. E, por tanto, não deve subsistir.

Pelo exposto, concluímos que o correcto é *epoca*, sem *h*, bem como *carta*, *escola*, *caro*, e não *charta*, *charo*, *eschola*. Quem escrever *epocha* com *h*, escreverá, por coherencia, *charta*, *charo*, *eschola*.

3) SARACENOS OU SARRACENOS?

O dicionario Aulete ensina que a palavra sarraceno origina-se do vocabulo *scharkin* (oriental). E a escreve com dois *r*. Nada mais disparatado... Tal affirmação é até ridícula. O vocabulo sarraceno, explica José Assemani na dissertação *De Arabum Origine* (fim do tomo XVIII da Historia Byzantina), derivou-se de Saraça, terra da Arabia, donde surgiram os primeiros conquistadores arabes. A formação da palavra se fez com o suffixo da baixa latinidade *enus* que entrou na constituição de quasi todas as linguas européas. Deu-se, pela syncope, a queda do *a*: *Saraça + enus = saraçenus = saracenos*.

O *r* não póde, nem deve ser pronunciado asperamente. E assim, o correcto é escrever-se e dizer-se *saracenos* e não *sarracenos*, como o dicionario Aulete registrou erradamente. O termo *scharkin* é que não gerou *sarracenos*.

Leoni, no Genio da Lingoa, 1858, vol. I, pg. 89, reconta a origem da palavra, consoante o *De Arabum Origine*.

4) MATTO E MATTA OU MATO E MATA?

Mato e mata originam-se do germanico. No fallar dos godos havia o vocabulo *mait* que significava cousa inculta, espessa, basta. A um fogo de chammas largas, movediças, altas, diziam os godos e visigodos: *brasmait*. Quando queriam exprimir a acção de enredar, diziam — *maiten* (appondo o suffixo verbal *en*). Para exprimir o contrario, isto é, desbatar, diziam — *maitan* (appondo o suffixo verbal privativo *an*).

Assim, tanto *mato* como *mata* apenas tem um *t*, porque se derivam do gothico *mait*, observando-se a queda do *i* medio pela syncope e o acrescimo da terminação substantiva *o*, *a*.

$$\text{gothico — mait} \left\{ \begin{array}{l} \text{mat} = \text{mat} + \text{o} = \text{mato} \\ \text{mat} = \text{mat} + \text{a} = \text{mata} \end{array} \right.$$

No latim barbaro já se encontra, de proveniencia gothica, a palavra escripta com um só *t*, como se poderá verificar no vol. I, pg. 374, da *Por-*



tugaliae Monumenta Historica, numa doação de Affonso Henriques:

— “et intra in illa aqua de ladeia usque iso illo ulmar et fert in mata furata.

5) CHAMEI-O SABIO OU CHAMEI-LHE SABIO?

O correcto é *chamei-lhe sabio*. O verbo chamar, no sentido de appellidar, foi empregado pelos classicos como intransitivo. Vem do latim *clamare*, mudando-se o *cl* em *ch*, como em *clavis* que gerou o português *chave*. No sentido de fallar para alguém vir, é transitivo:

— Chama o rei os senhores a conselho

E propõe-lhe as figuras da visão.

(Camões, *Lusiadas*, IV, 76).

No sentido de appellidar ou dar nome é intransitivo:

— “Avia hum corregedor da cõrte a que chamavam Lourenço Gonçalves”. (Fernão Lopes, *Chronica de D. Pedro I*, cap. 8).

— “E elle se soltou entom contra El Rei em desonestas e feas palavras, chamando-lhe treedor”. (Id., id. cap. 31).

— “Pozerom o dito arcebispo na cadeira chamando-lhe Urbano sexto”. (Id., *Chronica de D. Fernando*, cap. 107)..

— “A ella chamavam Maria”,

— “E ao pastor Chrisfal (Obras de Christovão Falcão, 1871, vol. I, pg. 1).

— “Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,

A quem chamaes vós outros Tormentario”. (Camões, V, 50).

— “Vivia por estes tempos em Lisbôa hum dos nobres do Reino, de aquella ordem a quem os portuguezes chamam Fidalgos”. (Francisco Manoel de Mello, *Epanaphoras*, pg. 8).

Diremos, pois: *chamei-lhe burro, sabio, feio, bonito, bom, máo, etc.*

6) EU ME PARECE...

Alguém, certa vez, inquinou de feia erronía a phrase: — *eu me parece que acertei*. Entretanto, o conhecedor do vernaculo não encontrará erro em tal proposição e sim um bellissimo *semitismo*. A lingua hebraica permite esse modo de dizer e quiça pela influencia judia em Portugal ganhou a expressão fóros litterarios no fallar português.

Latino Coelho (Elogios Academicos, vol. I, pag. 56-60), *Julio Ribeiro* (*Grammatica*, 1.º ed., pg. 257, n.º 457), *Candido de Figueiredo* (*Lições Praticas*, vol. I, pg. 124), *Ruy Barbosa* (Replica, pg. 65, nota), *João Ribeiro* (*Grammatica*, 1904, curso superior, pg. 212) entendem que o *semitismo* constitue uma belleza da lingua portuguezsa. Perfilhou-o duplamente o povo e acceitaram-no os classicos. Bluteau, em seu magnifico *Vocabulario*, que foi a fonte pura dos vocabularios modernos, transcreve varios bro-

cardos populares, nos quaes, patentemente, surge o semitismo. Entre os muitos exemplos classicos collidos, aqui apresentamos os seguintes que, em vernaculo, são como ouro de lei:

1) — “*Eu de hũa parte parece-me graça a sua opinião*”. (*Jorge Ferreira, Eufrosina, act. IV, sc. 1*).

2 — “*Eu que cair não pude neste engano*

Encheram-me com grandes abundanças

O peito de desejos e esperanças”. (*Camões, Lusíadas, canto II, est. 54*).

3) — “*Nós, o restante do mundo, é-nos licito não reconhecer...*” (*Castilho, Colloquios, pg. XI*).

4) — “*Ora, eu parece-me que desta sentença não ha sensatamente recurso*” (*Ruy Barbosa, Replica, pg. 64, n.º 36*).

Exemplos como esses encontram-se fartamente na livraria classica. Podem sêr centuplicados. Em virtude do exposto, concluimos que é correctissima a expressão: — *eu me parece que acertei*.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



W.

ARTHUR JACEGUAY

Successor de Teixeira de Mello na cadeira n. 6, eleito a 28 de Setembro de 1907, tomou posse em 9 de Novembro do mesmo anno, sendo recebido por Affonso Arinos. Nasceu a 26 de Maio de 1843, em S. Paulo e falleceu no Rio de Janeiro a 6 de Junho de 1914.

Bibliographia

- 1 ORGANISAÇÃO NAVAL — artigos — 369 paginas, Rio, Typ. Leuzinger, 1896.
- 2 O DEVER DO MOMENTO — carta a Joaquim Nabuco — 56 pgs. Rio, Typ. Leuzinger 1897.
- 3 QUATRO SECULOS DE ACTIVIDADE MARITIMA — (Portugal e Brasil) — 258 pags. Rio, Imprensa Nacional — 1900.
- 4 MARINHA — memoria inserta no Livro do Centenario pags. 71 a 147 do 2.º vol. — Rio, Imprensa Nacional — 1901.
- 5 ENSAIO HISTORICO SOBRE A GENESIS E DESENVOLVIMENTO DA MARINHA BRASILEIRA (é a edição em separado da memoria do livro do Centenario) — 207 pags. Rio, Typ. Leuzinger, 1903.
- 6 DE ASPIRANTE A ALMIRANTE — memorias — 5 vols. — 610, 404, 481, 598 e 300 pags. — Rio, Typ. do "Jornal do Commercio", 1909, 1910, 1913, 1917 e 1906.

Escreveu no *Correio Mercantil* onde publicou a correspondencia, quando em viagem de instrucção na corveta Bahiana, aos 18 annos de idade; No *Jornal do Commercio*; em *O Paiz*; na *Revista Maritima Brasileira*; na *Revista Brasileira* (3.ª phase): A nossa marinha de guerra, tomo VI pag. 268; A primeira missão brasileira á China, tomo XII pags. 74, 169, 193; na *Revista da Academia Brasileira de Letras*: discurso de entrada, n.º 5, pag. 97; no *Almanack Garnier* (1908): Batalha naval de Riachuelo.

Fontes para o estudo critico

- 1 *Arthur Jaceguay* — De aspirante a almirante — Discurso em o n.º 5 da Revista da Academia B. de Letras.
- 2 *Affonso Arinos* — Discurso de recepção n.º 5, Revista da Academia.
- 3 *José Verissimo* — Estudos de litteratura brasileira, vol. III, pag. 115 — Revista Litteraria do Jornal do Commercio de 28 -1-907.
- 4 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 341.
- 5 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 6 *G. P.* — Revista Brasileira — Bibliographia, tomo XI, pag. 187.
- 7 *Goulart de Andrade* — Discurso na Academia (elogio) — Revista Americana.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

O primeiro capitulo do volume I "De aspirante a almirante" é a copia da fé de officio de Arthur Jaceguay, cujo nome de familia era Arthur Silveira da Motta.

Filho legitimo do senador Conselheiro José Ignacio Silveira da Motta, nasceu na antiga provincia de S. Paulo e, agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay, mudou o nome no fim da existencia.

Não se coaduna com o caracter destas ligeiras noticias a reproducção dos factos e episodios mencionados em sua fé de officio. Esse genero de biographia é detalhado em demasia, chegando a minucias que destoariam do caracter de esforços traçados com referencia a escriptores civis.

Satisfeitas as exigencias legais, Arthur Silveira da Motta teve praça de aspirante a guarda-marinha no dia 4 de Março de 1858.

Concluiu o curso de official de marinha em fins de 1861 e emprehen-deu algumas viagens de instrucção. Em 1863 foi nomeado professor de hydrographia a bordo da corveta Bahiana.

Tomou parte, como official da conhoeira Mearim, no bloqueio do porto do Salto Oriental e foi, no posto de I.º tenente, secretario e ajudante de ordens do Almirante Tamandaré, commandante das forças navaes em operações no Rio da Prata, 1865. Em 1867, como capitão-tenente, foi nomeado commandante do encouraçado Barroso e distinguiu-se em varios combates, revelando competencia e bravura, o que lhe valeu nova promoção.

Desempenhou, terminada a guerra do Paraguay, muitas commissões importantes, com o posto de capitão de mar e guerra, e recebeu meda-lhas e condecorações.

No anno de 1880 foi encarregado de uma missão diplomatica perante a China e dous annos mais tarde foi-lhe concedido o titulo de conselheiro.

Por decreto de 3 de março de 1883, depois de exercer varios cargos



militares, foi promovido ao posto de chefe de esquadra e no anno immediato foi agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay. Attingiu ao posto de almirante a 8 de Outubro de 1902.

Falleceu em 1914, aos 71 annos de idade, deixando um nome glorioso na carreira militar onde se impoz como valente nas batalhas do Paraguay, como official de rara competencia e muito tirocinio.

A fé de officio do militar abrange 50 paginas do livro mencionado.

A sua eleição para a Academia de Letras onde conseguiu 23 votos, foi uma homenagem prestada ao bravo militar e ao patriota, prevalecendo o criterio de se permittir a representação de varias classes sociaes e de se render um preito de honra aos mais elevados expoentes das profissões intellectuaes do paiz. Não foram os seus meritos de escriptor nem os serviços prestados á litteratura nacional que lhe abriram as portas da Academia, como successor de Teixeira de Mello.

Tudo o que elle escreveu: livros, memorias, cartas e artigos; assumptos concernentes á historia naval e á technica militar; tudo está encerrado na obra a que denominou "Minha fé de officio documentada", como sub-epigraphe do titulo principal "De aspirante a almirante", de cinco alentados volumes.

O primeiro encerra, alem da fé de officio de onde extrahi os dados biographicos, o relatorio do professor de hydrographia (1863-64), o diario da campanha oriental do Uruguay (1864-65), o *fac-simile* de autographos de personagens notaveis na guerra do Paraguay, as cartas que recebeu e escreveu (1865-66), o extracto de um diario e as ordens e boletins de varios generaes.

O segundo contem as occorrencias durante o periodo de 1867 a 1870, em que o autor exerceu commando de alguns navios de guerra; a poesia "Primus inter pares" que José Bonifacio dedicou ao joven official, heroe da guerra; as cartas que lhe dirigiram varios amigos, os seus retratos em diferentes épocas e algumas outras curiosidades.

O terceiro abrange a recordação do seu casamento; os artigos que publicou no "Jornal do Commercio" sobre a lei de promoções da armada; tres conferencias sobre artilharia raiada, bem como os artigos de imprensa por ellas motivados; *fac simile* de autographos de brasileiros illustres; o commentario sobre a commissão hydrographica no Prata e as cartas que lhe escreveram de 1867 a 1874.

O quarto reúne a carta a Joaquim Nabuco — "O dever do momento" —, antes publicada em folheto e no *Jornal do Commercio* (1897); "Organização naval", collecção de artigos publicados na *Revista Brasileira* e no *Jornal do Commercio* (1896), tambem divulgada em volume; "A primeira missão brasileira á China", publicado antes na *Revista Brasileira* (1897); "Guerra do Paraguay", reflexões criticas sobre as operações combinadas da esquadra brasileira e exercito alliado (1900), parte integrante do livro; "Quatro seculos de actividade maritima"; e o projecto de tratado do Vice-rei Li-Hung-Chang.



O quinto, finalmente, collige “Duas questões de organização naval”, artigos publicados no *Jornal do Commercio* e *Revista Marítima* e reunidos em folheto de restricta edição (100 exemplares); os trabalhos impressos na *Revista Marítima* nos annos de 1897, 1899 e 1900; diversas publicações em *O Paiz* e no *Jornal do Commercio*; e o ensaio historico “Formação da armada brasileira até o fim do seculo XIX”, memoria publicada no Livro do Centenario, em collaboração com Carlos Vidal de Oliveira Freitas, sob o titulo “Marinha”, e depois editada no volume “Ensaios historicos sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira até o fim do seculo XIX”.

A sua obra é, como se vê, especializada e inteiramente consagrada a assumptos navaes.

A collectanea “De aspirante a almirante” não tem o sabor das memorias que legam á posteridade muitos escriptores illustres. E’ um verdadeiro culto de *egoismo*, preocupando-se exclusivamente com os meritos do autor, sob um character muito pessoal. Encerra, é verdade, assumptos de comprovada utilidade, principalmente os que merecem a publicação em volumes separados.

“Organização naval” reúne os artigos que elle escreveu sobre themas referentes á reforma ou aperfeiçoamento da marinha de guerra brasileira. E’ um trabalho de technica naval que revela a competencia do profissional.

Lendo “Balmaceda” de Joaquim Nabuco, lembrou-se de fazer-lhe um appello para reintegral-o nas funcções politicas, afim de prestar ao Brasil inestimaveis serviços á altura do talento e dos meritos do illustre publicista. Realçou-lhe as ideias liberaes e argumentou com a impossibilidade de se manter a monarchia no paiz, depois de decretada a abolição.

Nssa carta desenvolvida deixou-nos uma interessante pagina da nossa historia: a descripção dos ultimos momentos do velho e virtuoso imperador do Brasil.

A sua obra de maior valor é incontestavelmente a que escreveu com a collaboração de Vidal de Oliveira: “Quatro seculos de actividade maritima”.

E’ uma excellente contribuição para o estudo da Historia do Brasil, alem de se prestar, com muita propriedade, ao fim destinado, qual seja o de instruir os nossos officiaes de marinha, mostrando-lhes a importancia do poder maritimo na historia, como o fez o Capitão Mahan nos Estados Unidos da America do Norte.

A parte que coube ao Almirante Jaceguay desenvolver, refere-se á guerra do Paraguay, em a qual, além do trabalho de coordenação dos factos conhecidos, elle prestou o seu depoimento pessoal, narrando com vivacidade os feitos da nossa esquadra e a bravura dos nossos marinheiros. Acompanhou a successão de episodios com opportunos commentarios e apreciação critica de um technico competente.



São modelos no genero as paginas que escreveu sobre as batalhas do Riachuelo e de Humaytá, narrativas animadas e de colorido intenso que serviram de argumento aos propugnadores de sua admissão na Academia.

Outro livro do mesmo genero, mas subordinado a intuitos differentes, é o "Ensaio historico sobre a genesis e desenvolvimento da armada brasileira", memoria escripta para commemorar o 4.º centenario do descobrimento do Brasil.

Com o mesmo collaborador que tomou a si a parte referente a Portugal, o autor condensa a evolução do nosso poder naval, desde os tempos coloniaes até fins do seculo XIX, tendo apenas em vista definir a efficiencia e os elementos de nosso aparelhamento para a defesa maritima.

Já eu disse que a sua entrada na Academia obedeceu ao criterio de se render homenagem aos homens de valor que se distinguem em varias classes sociaes. Foi essa a opinião geral e a intenção da Academia, segundo o consenso dos que lhe deram os votos, inclusive o do proprio almirante que disse em seu discurso de recepção: "A que poderia eu dever tamanha distincção a não ser á circumstancia de pertencer a esse pequeno numero, cada dia mais reduzido, dos veteranos da campanha do Paraguay,..." E proseguindo: — "Demais, pertenço a uma classe que é objecto do carinho e da especial sympathia de todos os povos em que ella tem existencia historica. Sou um marinheiro!... E é-me grato reconhecer que em minha mediocre pessoa, no meu apoucado nome, quizestes render preito á Armada Nacional em cujo rôl figuro ha meio seculo!"

Para corroborar a minha affirmação, lembro a circumstancia de haver elle, perante o cenaculo, confessado ignorar a vida e a obra do seu predecessor, destoando das praxes academicas ao se excusar de tecer o elogio de Teixeira de Mello. Não era admissivel semelhante desistencia, porque facil seria ao almirante lêr parte das obras do antecessor e compulsar os livros que delle se occuparam. Preferiu, porem, render-se ao culto do egotismo, esboçando a sua auto-biographia, porque nunca admitiu que *le moi fosse haïssable*. Teve o máo gosto de bordar o proprio panegyrico, embora não lhe escasseiasse a cultura indispensavel para conceber o discurso sob molde diverso.

Elle havia lido Lamartine, Castilho e Alvares de Azevedo na adolescencia; narrou episodios da Illiada, quando descreveu as batalhas do Paraguay; conhecia os principaes classicos da litteratura universal e a geração romantica no Brasil e era muito versado em historia.

Affonso Arinos confessou os intuitos da Academia e soube compôr um discurso de recepção muito a caracter para o successor de Teixeira de Mello.

Refere-se José Verissimo ao periodo em que se reuniam os nossos homens de letras nas palestras da *Revista Brasileira* e narra a impressão



que lhe causou o Almirante Jaceguay: "Conversador dos mais agradáveis, variado, interessante, cheio de espirito e intelligencia, conhecendo não só o navio e a marinha, mas o gabinete de estudo, os salões, os livros, a poesia e as artes; um marinheiro forrado de um intellectual, um soldado homem de sociedade e homem de cultura, com uma vasta erudição technica e geral, sabendo nas suas minucias a historia naval do mundo...".

Durou sete annos a sua permanencia na Academia onde a sua figura permaneceu apagada, em penumbra discreta, sem que tivesse ensejo de justificar o criterio dos seus eleitores, como si tivesse vida artificial em estufa.

Summario para um estudo completo

A carreira de um marujo — Patriotismo e glorias — Depois de consagrado heróe — De aspirante a almirante — O dever do momento — Historia naval brasileira — O tecnico — Sua eleição para a Academia — Ultima phase — Jaceguay perante a classe e fóra do seu meio.



GOULART DE ANDRADE

Successor de Arthur Jacquay na cadeira n. 6. Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, no Estado de Alagoas, a 6 de Abril de 1881. Foi eleito para a Academia a 22 de Maio de 1915, por 21 votos, contra 9 conferidos ao príncipe D. Luiz de Orléans-Bragança, e tomou posse a 1 de Outubro de 1916, sendo recebido por Alberto de Oliveira.

Bibliographia

- 1 POESIAS, 1.^a serie (Livro bom — Livro prohibido — Livro intimo), 162 pags. — Rio, H. Garnier, 1907.
- 2 THEATRO, 1.^a serie (Depois da morte — Renuncia — Sonata ao luar — Jesus) — 169 pgs. Rio, H. Garnier 1909.
- 3 THEATRO, 2.^a serie (Os Inconfidentes, peça 4.^a) 133 pgs. Rio, H. Garnier — 1910.
- 4 POESIAS, 2.^a serie (Nevoas e flammias) — 84 pgs. Rio, H. Garnier, 1911.
- 5 ASSUMPÇÃO — romance (1.^o milheiro) — 244 pgs. — Rio, Francisco Alves & Companhia, 1913, (publicado antes no "Correio da Manhã" do Rio).
- 6 NUMA NUVEM — fantasia romantica em 2 episodios, 77 pags. — Rio, Jacintho Silva.
- 7 A GLORIA DE D. RAMIRO, traducção do romance de Enrique Larreta, 421 pgs., Rio, Livraria Francisco Alves — 1914.
- 8 DISCURSO PRONUNCIADO NO CENTRO ALAGOANO — Primeiro centenario da Emancipação politica de Alagoas, folheto de 42 pgs. — Rio, Typ. Veritas — 1917.

Conserva ineditas algumas conferencias litterarias de fino lavor, como "Balladas e vilancetes", "Mestre Valentim", "Gil Vicente", o estudo sobre Casimiro de Abreu e outros mais. Traçou o perfil de

Arthur Jaceguay, no discurso de recepção da Academia, além de outras produções litterarias. Tem collaborado assiduamente em "A Noite" do Rio, no "Correio Paulistano" e já escreveu no "Correio da Manhã" e na "Caretta", revista ilustrada do Rio.

O seu discurso sobre Jaceguay foi publicado pela "Revista Americana" (n. de Novembro de 1916), em cujo primeiro numero se encontra a poesia "A procellaria". No "Almanack Garnier", de 1909, appareceu pela primeira vez a poesia "Farandola das horas".

O seu retrato tem sido reproduzido em varias revistas illustradas.

Fontes para o estudo critico

1 JOSE' VERISSIMO — Revista Americana — anno 3.º ns. 5-6, pag. 502.

2 MARIO DE ALENCAR — Idem, 2.ª phase, tomo I, fasc. 2, pg. 87.

3 PEREIRA DE CARVALHO — Os membros da Academia em 1915.

4 ELYSIO DE CARVALHO — As modernas correntes estheticas na Litteratura Brasileira, pag. 153.

5 ALBERTO DE OLIVEIRA — Discurso de recepção na Academia, n.º de Novembro de 1916, da Rev. Americana.

6 GUSTAVO DE AGUILAR PANTOJA — Almanack Garnier (1908) pag. 203.

Sei que outros escreveram sobre o poeta alagoano: José Verissimo ("J. do Commercio"), Coelho Netto, Alcides Maya, Arthur Azevedo, Victor Viana, João do Rio, Castro Menezes, Pereira da Silva, etc.

Noticia biographica e subsidios para um estudo critico.

Incrível parece afirmar que as primeiras velleidades do poeta das "Nevoas e flammis" fossem refugadas, por denotarem carencia de vocação artistica. Pois foi o que succedeu ao joven José Maria Goulart de Andrade, quando, aos 16 annos de idade, enviou ao irmão, destinados ao "Guttenberg" de Maceió, doze sonetos de sua lavra.

Havia logrado a publicação do primeiro — "Collo", — no jornal de Euzebio de Andrade, mas quando ensaiou o vôo mais ousado, outro irmão, Aristhêo de Andrade, o poeta do "Noivado", cortou-lhe as azas, aconselhando-o a tentar outra cousa, pois lhe faltava a intuição poetica indispensavel á sua pretensão.

Occorreu esse facto em 1897, primeiro anno de sua permanencia no Rio de Janeiro e de frequencia na Escola Naval.

Goulart de Andrade completou os estudos primarios em Maceió, sob os cuidados do professor Agnello Barbosa e, mais tarde, do tio Francisco de Barros Pimentel Goulart.



Ainda no seu estado natal concluiu o curso preparatorio ou de humanidades, com assistencia do professor Adriano Augusto de Araujo Jorge e, aos 16 annos de idade, matriculou-se na Escola Naval onde fez o denominado curso previo, de 3 annos, com excepção de uma cadeira.

Não se distinguiu como aspirante de marinha, mas soffreu alguma perseguição, por haver sido hospede de Floriano Peixoto.

Abandonando a Escola da Ilha das Enxadas, empregou-se na Prefeitura Municipal, primeiro como auxiliar de escripta e mais tarde como ajudante extranumerario de engenheiro.

Nasceu em Jaraguá, porto de Maceió, a 6 de Abril de 1881.

Seu pae, Manoel Candido Rocha de Andrade, fôra official de marinha e, quando exercia o cargo de engenheiro de Obras publicas do Estado de Alagôas, casou-se com d. Leopoldina Pimentel Goulart de Andrade. Desse consorcio houve sete filhos varões, dos quaes tres vivos: Euzebio Francisco de Andrade, senador federal, jornalista e advogado; Joaquim Goulart de Andrade, director da Escola de Aprendizizes Artifices de Alagôas, advogado e jornalista, e o poeta.

Casou-se o autor de "Assumpção" a 3 de Outubro de 1906 com D. Luiza, filha do dr. Araujo Lina, e, depois de contrahir nupcias, obteve o diploma de engenheiro geographo pela Escola Polytechnica, do Rio, prevalecendo-se dos exames que prestára na Escola Naval.

Só lhe vieram duas filhas, Lecticia e Sylvia, desse matrimonio.

Goulart de Andrade trabalhou nas obras novas de reforço do abastecimento d'agua do Rio de Janeiro, sob a direcção do dr. Sampaio Corrêa, é engenheiro da Prefeitura Municipal, redactor dos debates da Camara dos Deputados e director do Gymnasio Pio Americano.

A sua obra litteraria é ainda restricta; mas o poeta tem outros volumes em preparo e a entrar no prélo: "Plenitude", poesias, 3.^a serie; "Transfiguração", romance; "Discursos e conferencias"; "Redempção", romance "S. Francisco de Assis". O seu ultimo livro data de 1914 e elle tem mantido actividade litteraria, escrevendo na imprensa e cuidando de augmentar a sua producção de character definitivo.

Destacam-se tres feições no escriptor: a do poeta, que é a predominante, a do dramaturgo e a do romancista.

Goulart de Andrade reconstituiu a ballada classica do tempo de François Villon e Clément Marot, adoptando o molde de tres decimas e uma quintilha, em versos decasyllabos. Cultiva tambem, com rara felicidade, essa especie de ballada conhecida sob o nome de canto real, contendo cinco estrophes de onze versos e o offertario, esse imponente systema lyrico da versificação franceza, tão bem adaptado á poesia brasileira. E tambem rejuvenesceu o rondó, o rondel e o vilancete.



Foi o poeta das "Nevoas e flammás" classificado pela critica como parnasiano. E' indubitavel que elle participou do influxo de Banville, Prudhomme, Leoconte de Lisle e outros, que determinaram o apuro da forma e a riqueza do verso, em Bilac, R. Corrêa, Alberto de Oliveira e os modernos poetas brasileiros. Mas, é esse o seu merito principal, Goulart de Andrade manteve uma feição propria e original, assimilando tambem a influencia dos symbolistas, bem como de varios poetas primazes de matizes distinctas, e conservando o lyrismo proprio e expontaneo, com adornos e atavios.

Manifesta preferencia pelos themas, antigos: quadros historioes, descripções architectonicas e assumptos medievaes, quando se afasta dos ternos cantos de amor ou de lyrismo suave que interpreta a alma humana. E nessa feição caracteristica dos meridionaes perpassa um sopro ardente de sensualismo, impregnando as suas imagens de um perfume capitoso e inebriante que nos incute a illusão da mocidade eterna.

Como exemplos, destaco "Ascensão perigosa", "Esteril não serás", "Soror Clara" e muitas outras dos dous volumes de versos.

O feitio de parnasiano se manifesta em "Ouro", "Forte abandonado" e quasi todas dos livros; o sainete symbolista se divisa em "A Gloria", "Luar", para somente citar as mais accentuadas. Mas confesso a minha predilecção pela reconstituição das fórmãs antigas, das balladas e dos cantos reaes, tão bem acclimados na poesia brasileira.

No genero theatro, Goulart de Andrade continua a ser o poeta estimado entre os contemporaneos, apreciado pelos intellectuaes, sempre expontaneo, imaginoso, sem as preoccupações da technica da litteratura dramatica.

Seja em "Depois da morte" e, principalmente, em "Renuncia" e "Sonata ao luar"; seja em "Jesus" ou em "Os inconfidentes" e, mais frisante, em "Numa Nuvem", resaltam a inspiração do poeta, o estro dos talentos privilegiados, o lyrismo imaginoso e ductil, como qualidades predominantes. Do consorcio da poesia com o drama, sobrepuja o elemento feminino, governando o esposo, com a primazia da intellectualidade e da indole.

As peças de Goulart de Andrade adquirem realce na leitura e exigem bons actores dramaticos, para que se não offusquem á luz da ribalta.

Não desejo que se estiole a faculdade do poeta em produzir dramas em verso; julgo que se lhe deve estimular a pertinacia, afim de realçar um genero quasi abandonado em a nossa litteratura. O viço do seu talento de escól, a esthetica de aprimorado artista e sobretudo, a sua capacidade imaginativa, podem supprir a carencia de vocação.



O mesmo phenomeno se tem observado em muitos autores dramaticos que externam de preferencia os requisitos de poeta, quando se iniciam em composições theatraes. E' o caso, entre varios, de Victor Hugo, Banville, Gautier, Catulle Mendés, D'Annunzio e mesmo de Ed. Rostand e Zamacois. Como elles, Goulart de Andrade muitas vezes prejudica o effeito theatral, a intensidade dramatica, pela exhuberancia de expressão poetica, amplificação das imagens e das ideias, vigor das anthitheses e das comparações, abundancia de sentimentalidade e predicados excessivos de poeta inspirado.

A fórma prejudica a emoção, a fluencia do verso e os effeitos de sonoridade encobrem os pensamentos e o caracter dos personagens.

A feição do romancista, esboçada em "Assumpção" e agora continuada nos romances ineditos, veio-lhe de um capricho ou quiçá de uma provocação. Percebe-se a narrativa de um caso pessoal, atravez das paginas do romance.

O poeta Sylvio, no lar, seduzido pelo brilho intellectual, fulgor de seducção, deixa-se attrahir pelo fóco luminoso, como incauta mariposa que busca a morte na chamma. E todo o romance desenvolve-se, accentuando a lucta entre o dever conjugal, o apego á companheira de longos annos de vida em commum, a amizade á esposa virtuosa e dedicada, e uma esphinge diabolica, mixto de volupia e de encantos, a desenvolver uma força hypnotica de seducção.

E ainda uma vez a fortaleza do sexo de Adão, é derrocada pela astucia de Eva; a força indomavel de Sansão se abate perante o dominio das caricias de Dalila.

Eis o thema do romance "Assumpção" que requeria o Bourget do tempo de "Un crime d'amour" ou a subtileza de Marcel Prevost, para melhor accentuar o temperamento de Martha.

A delicadeza do poeta das "Nevoas e flammas" não se coaduna com a função de escarpello moral capaz de desvendar os mystérios da alma feminina, quando a intelligencia arguta, a vibratilidade de um systema nervoso e o cultivo do cerebro conseguem disfarçar sentimentos e simular attitudes.

O romance de Goulart de Andrade offerece ao leitor muitas paginas do bello estylo descriptivo, mas não lhe empresta a emoção exigida que talvez o autor a sentisse com sinceridade, sem que a pudesse transmittir.

Ainda uma vez sente-se a falta de adaptação do artista, ávido de patentear o seu talento pujante, esquecendo-se de haver adquirido individualidade litteraria no dominio da poesia.

Não deve permittir que se lhe evolem da memoria as palavras proferidas por Alberto de Oliveira, no discurso com que o acolheu na Academia:

"O escriptor em vós, sr. Goulart de Andrade, é primacial e essencialmente o poeta. Outras partes se louvam em vossa penna, desde



a de autor de composições theatraes ás do chronista e romancista, as quaes todas vos têm propiciado occasião a vos revelardes verdadeiro homem de lettras. Aquella, porém, a de poeta, a qualidade, apolinea por excellencia, é o titulo mais bello, o vosso mais alto pregão de escriptor.”

“Ao Sol não é preciso o conduzam ao meio do céu para que o vejam todos em sua luz”.

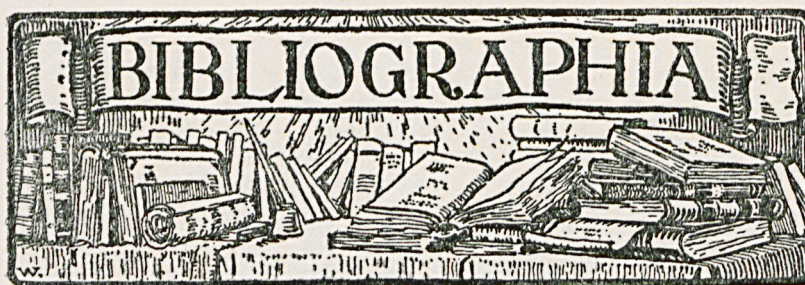
Tambem dos seus livros escriptos em verso, inclusive as peças theatraes, não se faz mister transcrever excerptos demonstrativos do valor que assume Goulart de Andrade na poesia brasileira.

Summario para um estudo completo

Notas biographicas — A estreia do poeta — O caracter da poesia de Goulart de Andrade — A sua predilecção para a litteratura dramatica — Conflictio entre o poeta e o dramaturgo — O romancista — A sua esthetica — Como orienta o seu futuro.

ARTHUR MOTTA.





JÉCA TATÚ E MANÉ CHIQUE-CHIQUE. — ILDEFONSO ALBANO — Livraria Araujo — Rio.

“O chique-chique, explica o A. é um cardo da patria de Mané. Nasce e prospera em qualquer terreno bom, mediocre ou ruim; mas, sobrio, resistente, tenaz e rude, prefere a todos a pedra nua, a rocha dura. Alli, onde parece impossivel a vida, onde qualquer planta estiolaria e outra semente encontraria a morte, alli se firma, alli encontra seus elementos de vida: a atmosphaera clara e limpida, cheia de luz e batida pelos ventos geraes; a agua, que cae dos céos e sempoça em cima da pedra, e a humidade, que sinfiltra na rocha; para alimento, algum detricto vegetal, que o vento lhe traga, e os productos mineraes, que seu proprio esforço vae buscar nas fissuras da rocha. Si lhe falta o alimento, gasta as reservas; si a agua sevapora, as raizes penetrantes senfiam por uma brecha na rocha dura e vão buscar a lympha vivificadora, onde ella estiver. O chique-chique nunca perde sua roupagem verde, quer

no inverno diluvial, quer na secca a mais tremenda. Filha extraordinariamente; corte-lhe o caule em dezenas de pedaços: de cada um, qualquer que seja o tamanho e a posição, em que caia, nasce uma nova planta. Depois de uma secca brotam com mais exuberancia os rebentos, parecendo que a natureza se apressa em preencher os claros, que abriu...”.

Pois, segundo o A., o caboclo que prolifera em o Nordeste do paiz representa, zoologicamente, o papel interessante dessa planta “sem-vergonha”. Tambem resiste a todas as calamidades meteorologicas dominantes no seu **habitat**. Dahi a alcunha com que, neste volume, o apresenta á admiração do paiz — Mané Chique-Chique.

O caracter e os hábitos de Mané Chique-Chique são assim:

“Si ha fartura, Mané come bem. **Dimenhãsinha** toma sua chicara de café, **de uma só mão**, adoçado com rapadura, quando ha; aperta o cós da calça e sae para o roçado. Quando o dia **'stá bem alto**, elle almoça; si o **legume 'stá vasqueiro**, satisfaz-se com uma banda de rapadura, um

punhado de **farinha de pau** e uma caneca d'agua. Si nem isso traz no **aiforge**, elle é o mesmo homem, aperta inda mais o cós da calça e continua no trabalho, debaixo dos raios calcinantes do sol tropical, até apontar no horizonte a **papa-ceia**. Quando elle chega em casa, já se destacam no firmamento o **Sete-Estrello**, as **Tres Maria** e, de horizonte a horizonte, o **Carreiro de S. Thiago**.

Franco, de mãos abertas, sempre prompto a socorrer o miseravel, Mané foge da usura, pois elle sabe que "Da pataca do usurario o diabo tem tres 'tões e dé réis".

Hospitaleiro, Mané reparte com o viandante, seja elle quem fôr, a sua mesa, farta ou parca, e para dormida lhe offerece a sua **tipoiã** mais alva e o melhor recanto da casa. O perseguido lá encontra franco agasalho e protecção. "Snr. moço, o que vomincê **quinzé**, aqui tendo, não se **apouque** não!"

Mané Chique-Chique falla pouco, mas age muito. "**Fallá é fol'go, trabaíá é sustança!**"

O sol ardente bronzeou-lhe a face. A labuta honrada callejou-lhe as mãos. O solado dos pés é endurecido, nelles não fazem mossa as pedrinhas da estrada, nem os offendem os espinhos do caminho.

O tempo de Mané é precioso; elle dorme pouco. "**Drumí munto, esbilita.**"

Tal como ahi se pinta, Mané, que o A. dá como o irmão vali-

do de Jéca Tatú, merece-lhe a mais larga e commiserada sympathia. E a tal ponto é delle entusiasta, que chega a emprestar-lhe a autoria de todos os feitos celebres da historia patria:

"Quem deu o exemplo a Pedro I? Quem precedeu a Isabel, a Redemptora? Quem se adeantou a Deodoro?..."

Foi Mané Chique-Chique!

Quem venceu Riachuelo, Tutyhy e Campo Grande? Quem desbravou a Amazonia?...

Foi Mané Chique-Chique!"

E como, apezar de todas as benemerencias, Mané lá jaz esquecido e abandonado, emquanto governos sobre governos só se occupam de encher a barriga vadia de Jéca, felizardo parasita do Sul, o sr. Ildefonso Albano escreveu a epopéa do primeiro, afim de que, lendo-a, os homens que tudo podem e mandam debaixo do cruzeiro, se resolvam a desviar para aquelle, uma pouca que seja da publica pecunia.

O que seria justa recompensa ao seu civismo pois, se é dos governos esquecido, na parte que lhe toca, "politico arregimentado, Mané é filiado a um partido, porém com independencia elle aprecia a acção dos homens publicos do Estado. O retrato dos politicos, que lhe são sympathicos, é cortado dos jornaes e das revistas e pregado á porta da sala ou guardado em uma lata de flandre, juntamente com a patente de Guarda Nacional, os papeis, documentos e cartas importantes. Mané decora trechos de



discursos parlamentares, está ao par do movimento político da Nação, conhece os vultos salientes e sabe critical-os com espirito. "O marechá Herme entrou na tenda, mas não aprendeu o offiço".

SERTÃO EM FLOR — Catullo da Paixão Cearense. — Liv. Castilho — Rio de Janeiro — 1919.

O caboclismo é, evidentemente, o "chique-chique" da literatura nacional. Corrida daqui, acossada dali, requeimada acolá, é baldado dar-lhe a critica com os seus conceitos e theorias: o caboclismo, cortado cerce, rebrota, com o primeiro chuvisco, e deita folhas e flores... Enfesadinho, tolhido, enrugado, contrafeito — mas vivo. E' praga que não se extirpa.

Prova-o o alarido indignado que se levanta onde quer que alguém ouse dizer que o caboclo é madracento, é supersticioso é... um elemento inutil como factor economico-social. Prova-o o variegado e abundante da producção literaria caboclophila que annualmente despejam as typographias.

Victima desse andaço de caboclismo graçante pelo Brasil afora é o sr. Catullo da Paixão que, como já tivemos ensejo de dizer, seria um notavel poeta se, ante os motivos estheticos e emocionaes que o seu paiz lhe offerece, cuidasse de interpretal-os pura e simplesmente, em linguagem de gente...

Mas o caboclismo dominante obliterou a noção que da arte ainda relevava o sr. Catullo no seu livro

anterior a este. Havia naquelle, debaixo dos andrajos linguisticos a que se convencionou emprestar fóros de dialecto, uma pouca de poesia. Mas como, ao que parece, do que mais gostou o povo foi dos andrajos, mal attentando para o que debaixo delles vinha, o poeta, seguindo um pendor muito humano, ao elaborar livro novo carregou a mão, resultando do feito que já agora só se topam os farrapos, que não mais encobrem coisa nenhuma.

De facto, que diabo de poesia haverá nisto:

"Uma sumana despois,
cahí doente de cama.

O cumpade do Mironga
mandou chamá p'ra me vê
um doutô de munta fama.

O doutô pôz um canudo
aqui prú riba do peito !...

Mandou ispírrá, tussí;

bateu cum as ponta des dêdo
na bocca do istombo... aqui,
e ao despois, cum munto geito,
me preguntando se eu éra
sortêro ou pai de famía,
me disse que era percizo
eu fazê minha viage
dentro de dois a trez dia,
apois eu táva soffrendo
d'um má, que não tinha cura,
chamado: lertzão cardía.

Apreparada a bagage,
abracei seu Dizidéro
e lá do Rio partí
prá matá minha saudade,
e morrê, mais á vontade,
cá nos matto onde eu naci !" ?

E para que se não diga que de má fé truncámos o pensamento do poeta, aqui o deixamos completa-

do: o caipira deixa o Rio e volta para a sua terrinha, onde, afinal, vem a verificar, rijo e são, que a tal lesão não era lesão: era saudades da supradita terrinha.

Ora, não vemos poesia alguma nesse caso. Verdadeiro, apenas revela elle a pouca mestria ao diagnostico, do esculapio que ao caçá-ra deu a consulta.

OS POSTULADOS DA GUERRA

— Santos Netto — Typ. Baptista de Souza — Rio — 1919.

Diz o proprio A. no Prefacio apposto ao seu presente volume, que:

“São muito raros os que, em face do formidavel conflicto, conservando uma linha serena, como que se mostram collocados a uma longa distancia d'elle, perquirindo-lhe as causas, explicando-lhe os motivos, sem intenções preconcebidas”.

Realmente, espiritos dotados dessa superior faculdade de afastar-se para um ponto de vista convenientemente distante e infensó ás refracções dos apriorismos sentimentaes — são espiritos que raramente se encontram. E, em face da ultima guerra, a escassez chegou quasi á mingua completa, tal a paixão que esse facto, pelas suas proporções desusadas, logrou despertar em toda a gente.

Mas, com não se avistarem observadores naquelles pincaros

quasi inacessiveis da impessoalidade perfeita — nem por isso se poderá dizer que todo o mundo para ahi se tenha constituido em paladino ou arauto de sublimidades alheias e problematicas. Sempre ficaram alguns que, não attingindo a imparcialidade absoluta, conservaram, comtudo, boa dose de independencia mental, subtrahindo-se aos influxos dos patriotismos telegraphicos com que propagandistas de Pariz e de Londres alliciavam recrutas pelos quatro ventos do orbe.

Entre esses o sr. Santos Netto, que acaba de publicar, neste seu livro — **Postulados da Guerra**, o que verdade lhe pareceu durante os annos em que varias parcellas da humanidade se degladiaram na Europa. Possuidor de cultura muito acima da vulgar, dispondo de uma singular faculdade de synthese e manejação proficientemente a lingua, o sr. Santos Netto elaborou, neste volume, um livrinho que ficará distinctamente salvaguardado, pelo muito de solido que encerra, de ser arrastado na enxurrada do tempo de permeio com outros mil e um calhamaços de ardentes inanidades que têm innundado as livrarias nacionaes á custa das heroicidades com que se convencionou aureolar uma das facções ha pouco em rixa.

Neste livro, deixou o A. muito reduzida a parte reservada ás declamações enthusiasticas; pelo que a sua leitura se faz agradável e, até avançado ponto, convincente. Estudando a evolução social e politica da Allemanha,

pela Historia abaixo, mostra como é digno da admiração dos que sóem admirar coisas, um paiz como aquelle, que conseguiu, contra todos os obices interiores e externos, chegar á homogenea unidade progressista e culta que ostentava até os primeiros annos da contenda. E, isso, fel-o o A. sem deixar um momento sequer, a compostura de uma apreciavel serenidade, que o livrou de recorrer, para a sua argumentação, aos improperios, ás metaphoras, ás apostrophes e demais logares communs que são vezo da maioria dos que, em sentido inverso, têm tratado por aqui e por toda a parte, do assumpto.

Não que o A. seja indifferente em face dos dois grupos combatentes. E' clara e lealmente ostentada a sua admiração pelo bloco germanico. Mas tão pequenina é a acção desse sentimento no desenvolver as theses que se propôz, que é quasi como se fosse imparcial. E' o que faz deste livrinho, elegantemente elaborado, typographicamente, um bello trabalho, que ha de ter cada dia maior numero de leitores e, quando a moda da eloquencia balofa, que felizmente vae já passando, estiver acabada de vez, figurará em todas as estantes criteriosas.

LIÇÕES DE MECHANICA ELEMENTAR — Marcos Lindenberg — Ed. Weisflog Irmãos — S. Paulo, 1919.

O presente trabalho, que versa a materia apenas de accordo com os programmas dos gymnasios offi-

ciaes do Brasil, sem ser, porisso, um tratado completo que a esgotasse, destina-se a preencher satisfactoriamente os fins que se propôz o A. ao elaboral-o, isto é, evitar os estudantes daquelles cursos a fadiga de compilar, de compendios escriptos para cursos superiores, as noções de que necessitam para fazer galhardamente os seus exames.

E' um compendio organizado com muita clareza, em que as noções se apreendem com a maior facilidade compativel com a natureza da materia e forma um elegante volume, solidamente cartonado e impresso com esmero e nitidez em optimo papel.

VIDA ELEGANTE — Raul de Azevedo — Liv. Ed. Antonio Maria Pereira — Lisboa — 1913.

"Vida Elegante" abre com o capitulo "Mascaras", que é um episodio dialogado, cuja primeira personagem, Genoveva, vem caracterizada na seguinte rubrica:

"(Genoveva de L. tem sessenta annos. Ha quarenta devia ter sido uma bella mulher. Rosto encarquilhado, ainda tem vida nos olhos negros, d'um brilho raro. E' alta, de fórmias desenvoltas, e a sua mocidade tempestuosa arruinou-a physicamente, ha muito. Tem uma grande paixão, não correspondida, por Mauricio V., bello rapaz, vinte annos, solteiro)."

Pois essa Genoveva, que assim arruinada physicamente por uma tempestuosa mocidade, ainda consegue dar mostras de ter sido uma linda pessoa ha quasi meio seculo,



em lugar de ir para uma igreja, a rezar, ou para uma varanda, a pontear um pé de meia — essa Genoveva abre o debate nestes termos:

“Genoveva — O carnaval! Elle ahí está alegre e endiabrado! Como eu adoro a Folia, e que saudades d’aquelles bellos tempos! Tão distante... N’aquella epoca tudo prazeres, e os homens mendigavam um sorriso meu. Hoje... Eu era a primeira nos bailes entusiastas e frementes. A primeira! Reminiscencias adoraveis...”

Caduquices da velhota, evidentemente.

A FORÇA E O DIREITO — Augusto Hygino Filho — Typ. do “Jornal do Commercio” — Rio —1919.

O poeta d’“A Força e o Direito” é daquelles que se enthusiasmam pelo Direito e se indignam diante da Força. Esse Direito e essa Força, todo o mundo o sabe, depois de 1914, são, respectivamente, os alliados e os seus adversarios.

Amostra do enthusiasmo:

“A’s armas, povo heroico! A’s armas, oh Francezes!
Vinde todos salvar, a patria e a dignidade!
E’ chegada a *revanche*, e que a vil crueldade,
Seja agora vingada e os antigos revezes!”

Para a gloria marchae, já tida tantas vezes!
Recordae o passado e vêde a gravidade:
Periga o solo patrio e vossa liberdade!
A’s armas, cidadãos, oh! bravos, oh! Gaulezes!

E tendo despertado a *revanche* esperada
Ide tirar das mãos dos barbaros Prussianos
A provincia chorosa e que foi usurpada!

Morrei, filhos da patria oppressa ha tantos annos,
E do paiz natal expulsae os profanos,
Que morrer com a victoria é morte desejada!”

Amostra da indignação:

“Contempla agora, Monstro, a atroz devastação,
O flagello que augmenta ao trôar do canhão;
Contempla a avida morte estendendo seu manto
Sobre a terra que chora inconsolavel pranto;
Contempla o incendio acceso em mais de cem cidades,
A desappareição das prosperas herdades;
Contempla a mãe buscando o idolatrado filho
Que pela phantasia immunda de um caudilho
Se atira ao turbilhão sangrento do exterminio
E se perde e confunde ali no morticinio!”

Contempla ainda, Matoide, as creanças innocentes
 Decepadas as mãos, os bracinhos pendentes;
 Mulheres pelo chão, assassinadas, núas,
 Outras, com o ventre roto, estendidas nas ruas;
 Virgens postas ao fogo, ardendo as carnes castas,
 De teus homens saciando as vontades nefastas;
 Velhinhos nos jardins pelos sabres crivados,
 Alguns inda com vida em muros apregados;
 Invalidos que têm as palpebras cortadas,
 As orbitas em sangue, escuras e vasadas;
 E por fim, e por fim — oh! verdades fataes —
 Ultrajado até Deus em suas cathedraes!”

VANA — José Lanes — Typ. Piratininga — S. Paulo — 1920.

Vana é um lindo livrinho que contém mais de cem paginas de fina poesia. O sr. José Lanes é um moço dotado de todos os predicados de um excellent poeta: cultura, sentimento, medida e

equilibrio. Este seu primeiro volume é solida promessa de muitos outros livros optimos que se podem esperar ainda da sua penna. Todas as composições são alli labores caprichosos, onde, ao lado de suave emoção lyrica, predomina o acurado da fórma. Leia-se, por exemplo, o soneto

DA CARTEIRA DE UM TISICO

Numa estranha alameda, á luz bizarra e fria
 de um roxo plenilunio e onde ninguem passasse,
 numa estranha alameda é que eu desejaria
 que esta cançada vida em breve me deixasse...

Ah! como me ensombra a alma esta melancholia!
 Como seria bom que esse exodo chegasse!
 Numa estranha alameda, após suave agonia,
 sem hyssope, sem cruz, sem **requiescat in pace**...

Na quietude feral das noites estrelladas
 sonharia, feliz, meus sonhos de outros mundos,
 tendo perto de mim, como guardas paradas,

dois renques lateraes de palmeiras sem palmas,
 altas, quasi tocando o azul dos céos profundos
 para onde embalde vòa a esperança das almas...

O volume, que está magnificamente impresso, apresenta na capa uma bella allegoria, a côres, assignada por Paim.

Recebemos:

— Typ. do "Jornal do Comercio" — Rio — 1920.

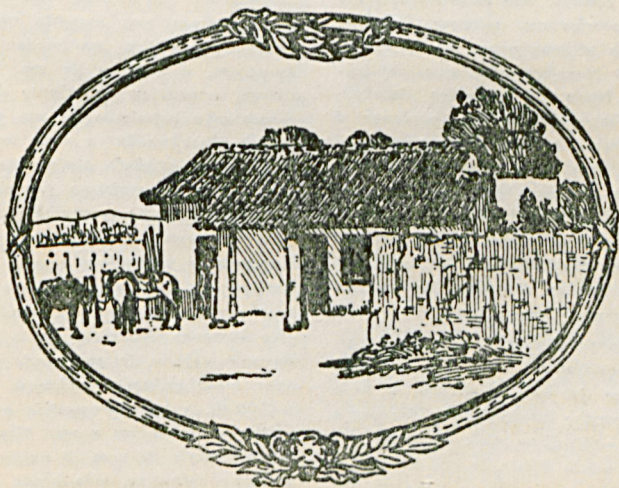
ASSUMPTOS DE DIREITO. —

Dr. Costa Filho — Conferencia
— Imp. Official — Aracaju —
1919.

**FACTOS E PERFIS DA CIRUR-
GIA BRASILEIRA. —** A.
Guimarães Porto — *Monogra-
phia* — Imp. Nacional — Rio
— 1919.

**FARIAS DE BRITO E O MO-
VIMENTO PHILOSOPHICO
CONTEMPORANEO. —** Carlos
da Veiga Lima — Conferencia

DO QUE PRECISA S. PAULO.
— Milciades Porchat — Casa
Duprat — S. Paulo — 1920.





NOTA POLITICA

Annunciaram ha dias os jornaes que o governo mineiro adquiriu uma fazenda para localisação de immigrants. Li a noticia e entrei a meditar no que não viriam a ser as gloriosas Minas dos nossos antepassados, se essa pequenina medida, á primeira vista insignificante, se ampliasse e multiplicasse até o ponto de o grande Estado central, tão maravilhosamente dotado de riquezas naturaes, abraçar francamente o programma de Albierdi, programma transfigurador que em breve espaço levou a Argentina da barbarie ao imperialismo: — governar é povoar. Nessas palavras está sem duvida alguma redempção economica e mesmo ethnica do nosso paiz. Porque, uma vez que sabemos defender e guardar a nossa lingua e as nossas melhores tradições, nada perderiamos, — antes só teriamos a ganhar com uma larga transfusão de sangue rico e puro.

Ha a proposito duas orientações oppostas e irreconciliaveis, — a dos que vêm a patria no passado e querem a todo custo conserval-o intangivel e a dos que a desejam e estremeceem mais no porvir dos filhos dos nossos filhos do que no brevissimo e confuso decurso da nossa historia.

Esta ultima attitude, que já se projectou em nossa liberalissima constituição graças á desafogada visão de um Taunay, ha de ser fatalmente a triumphante pela força mesma dos acontecimentos. Assim é que a grande naturalização e ou-

tras disposições que dão preponderancia ao jus soli sobre o vetusto jus sanguinis, accito ás nações antigas, já assignalam nos altos horizontes da magna carta brasileira a unica direcção consentanea com a nossa grandeza futura, soberbissima rota de alvorada e oiro vivo em cuja entrada, á guiza de fachada, rutila o grande asserto de Ruy Barbosas "A America é da humanidade".

Verdade é que o genial Alberto Torres se arremessou com inaudita vehemencia contra essa politica sem medo com que Sarmiento, á maneira de um titan demiurgo, remodelou no minuto de alguns decennios a população de seu paiz, sem todavia dissolver-lhe a alma nacional... Não é menos verdade, porém, que nas proprias obras do sociologo patricio se encontram elementos maravilhosos de um magnifico sonho de futuro que de nenhuma sorte se compadece com a estreiteza do primeiro movimento. Quem foi que prophetizou uma epoca de grandes migrações humanas, epoca em que o Brasil seria uma especie de prazo-dado universal, onde todos os povos poderiam encontrar a Canaan, a terra promettida que Réclus julgou descobrir em nossas plagas, e isto sob o imperio de uma só lingua, de uma só alma collectiva, mão grado a diversidade de raças e estirpes?

Não tenhamos horror ás renovações. Transfiguração é cousa muito diversa de dissolução. Assim multipliquem os dirigentes mineiros, sem nenhuma vacillações, as medidas tendentes a povoar os vastos desertos das uberribas geraes. Se-

jam como esses homens de que nos falla Maximo Gorki — que não se arreceiam de olhar de frente o sol que nasce. ...

J. A. NOGUEIRA

AVES DE ARRIBAÇÃO

Como as nubias infelizes que, atravessando os areiaes amplissimos, abandonam as terras escaldantes do Nilo Branco, em busca das paragens menos crueis do Nilo Azul, todos os annos desce uma alluviação de moços nortistas para as menos barbastras terras centraes e meridionaes.

Que os accossa?

... Todo um entrelaçamento de factores ciada qual mais implacavel.

Esbocemol-os. Estas linhas são uma denuncia.

Nasce o idéalista; e com o "quebrar de barras" das suas esperanças, alvorece um grande amor pela terra e um maior amor pelos homens. Quer eleva-la, engrandecel-os. Estuda. Batalha. E cada gesto da maldade humana encontra na sua alma um protesto grandioso.

Começam dahi as ameaças, primeiro, vagas, depois, intensificando-se cada vez mais, surgem em seguida as perseguições, até que um dia o batalhador comprehende que é demais na sua terra. E com o coração cheio de dor, a abandona aos abutres insaciaveis. Parte. Vae em busca do Rio ou das planícies do sudoeste.

Tal é a tragedia nas suas linhas geraes.

O Norte despovoa-se.

Toda uma mocidade gloriosa vendo suas energias sopitadas, abafado o seu infinito aneio de elevação, obrigada a sujeitar-se ás olygarchias dominadoras, emigra para terras longinquas.

Ora, este facto é profundamente grave, sendo um attentado contra a vitalidade do septentrião brasileiro.

Porque lá o que predomina é o truão discursador, vasio e inepto; é o politico, symbolo das nacionalidades crepusculares; é a multidão fanatizada; é o natural espurio que se allia aos capitalistas estrangeiros, devoradores do torrão nortista; é a alta burocracia espoliadora do pequeno funcionalismo que por sua vez explora os pequenos burguezes; é o chefe dos municipios, especie de *hamba* ou regulo africano, senhor de pendão e cal-

deira que dispõe á farta das vidas de todos os subditos, patrão do bacharel, um pobre diabo que, após um batalhar de muitos annos vae ganhar a miseria de pouco mais de 100\$ mensaes, sujeitando-se a esses capadocios politicos.

Eis a curiosa aristocracia nortista.

Quaes os typos que compõem o povo?

Veamos alguns: os trabalhadores ruaes, mendigos sem esperanza de melhorar de sorte; os vaqueiros devassadores das catíngas; os pescadores que desafiam as maretas lagunarias; os praieiros que em jangadas frageis se lançam no alto mar, deixando os farilhões de madreporas ou de arenito do littoral; os cortadores de pipiriri ou de madeiras. Tudo, gente miseravel.

E párias tambem como estes, os moços trabalhadores, litteratos ou empregados do commercio, que não podem mais supportar o meio e deixam a terra natal, accossados pela prepotencia dos poderosos, pela falta de emprego, pela estreiteza do horizonte, pela inadaptação á atmosphaera de covardia, de imbecilidade, de banditismo legalisado.

E estes, como aquelles, são typos heroicos do Septentrião.

O Norte é a terra desses heroismos anonymos. Dos sertanejos aos praieiros lateja um grande sopro de energia, por aquellas almas.

Mas, coitadas!

Após um batalhar de dezenas de annos, a conclusão cruel é a seguinte: têm de abandonar o meio ou de resignar-se á derrota. E' um dilemma terrivel.

Que isto fique bem accentuado: depois de annos de lutas heroicas, quando em outros lugares o combatente vae gozar o fructo de tamanho labor, pois bem; no Norte elle cae vencido, esmagado pelo antagonismo do meio.

Por isso, comprehendendo toda a crueldade do ambiente, os moços cheios de esperanças estão abandonando as terras septentrionaes e vindo para as centraes e meridionaes.

Preciso gritar bem alto: O Norte despovoa-se, incaracteriza-se pelo abandono forçado de todos os seus filhos de valor, aves de arribação, *curáus* de nova especie.

Ora, isto necessita uma reacção formidavel: é imprescindivel desde já emprehender um combate violento pela

penna contra as sanguessugas politicas; atacal-as, desmoralizal-as; mostrar que aquelle recanto glorioso do Brasil está entregue a uma quadrilha de salteadores e mediocres; revelar o desespero cada vez maior daquellas populações sobrecarregadas de impostos; contar os roubos e assassinatos; denunciar todas as miserias — a physica, a moral, a economica, a intellectual; provar que a terra é um portento, mas que o homem é uma irrisão.

A quem compete isto?

Aos filhos do Norte, que se viram obrigados a deixal-o.

Cumpre á mocidade gloriosa moralizar o Norte.

E' o grito da minha alma.

OCTAVIO BRANDÃO

(D' "A Noticia", Rio).

A AGUIA E O AVIADOR

Voando recentemente, de Paris a Madrid, um official britannico pilotava uma machina Scout, para uma pessoa, passando sobre os Pyreneus, ao amanhecer de um bello dia de outomno O aparelho corria com uma velocidade approximada de cem milhas por hora. Uma aguia enorme perseguiu o aviador, esforçando-se por alcançal-o.

"Parecia que a ave me estivesse desafiando — disse o aviador — porém, o sorriso morreu em meus labios quando eu pensava que um encontro com o passaro-monstro, em pleno ar, poderia esmagar o aparelho contra as rochas que se achavam debaixo de mim.

A aguia vôou em torno de mim, numa velocidade de noventa milhas por hora, lançando-se precipitadamente ao mesmo nivel do aparelho, quando nos observamos, mutuamente. O ar era então, limpo como um crystal e eu pude distinguir perfeitamente a mais pequena penna do passaro, quando nos encontramos como dois adversarios acima da frente occidental.

A aguia partiu elevando-se e eu a segui depois, passo a passo. Incapaz de resistir por mais tempo, atirei-me precipitadamente para baixo, fazendo um circulo em torno della. O animal fez grande esforço para agarrar o appare-

lho, o que lhe fez perder a resistencia. As suas azas deram então uma fraca batida e com toda a apparencia de um aeroplano attingido por um disparo, deixou-se cair. Segui-a em sua quêda de 1.200 pés, vendo-a aterrada perto de uma aldeia, ao pé de uma montanha, completamente exhausta".

(Do "Correio da Manhã", Rio).

LENINE: O POLITICO E O ORADOR

Pequeno mas de hombros largos, o gesto brève e sem graça, Lenine gira como um pião, no estrado reservado aos oradores. E sua cabeça quasi completamente despida de cabellos é solidamente plantada sobre um pescoço muito curto; sobre a vasta face de mongol, pequenos olhos, curiosos, scintillando maliciosamente, e uma nuvem de desprezo para os que o cercam lhe dá alguma coisa de inquietante. A sua elocução é um pouco monotona, mes elle a eleva desde que fala de seus inimigos, por inflexões de voz terrivelmente incisivas, entrecortadas de rizinhos sarcasticos. A sua linguagem não têm o menor artificio oratorio. Elle é primitivo, ao alcance de todos: as mesmas phrases, as mesmas idéas se repetem no correr do discurso quasi nos mesmos termos, e, se comprehende que o orador o faz scientemente, que elle quer "enterar o prégo", na cabeça dos seus ouvintes. As formulas são breves, muito claras, já-mais pittorescas. Um camponez astuto, teimoso, sabendo o que quer, intratavel quando preciso, maneiroso na apparencia, prompto a esquivar-se sem que o notem: tal é o homem, segundo uma testemunha que o ouviu falar em varias reuniões publicas, e no comité central dos Soviets, tal é o chefe do governo bolchevista.

Lenine é um primitivo. Desde que adoptou a doutrina da luta das classes, elle rejeitou de proposito deliberado toda investigação scientifica e moral. Elle não vê, não quer ver, outra coisa na sociedade actual, e qualquer que seja o acontecimento que se dê ante seus olhos, por complexo que seja, com um simplismo sereno, elle o disseca, sem dar attenção aos incidentes, até encontrar ou acredite encontrar um dos aspectos da luta das classes.

Com este exercicio quotidiano elle se

consumiu singularmente e espantaria ao mais sceptico pelo seu racionalismo elementar. Elle só vê na vida a relação das forças, baniu de suas preocupações toda idéa de justiça ou de moral e, só observa mesmo a força do ser materialista em tudo; tornou-se cynico e cruel, senão na vida privada, pois, na vida privada elle é muito affavel, marido e filho exemplar, mas seguramente na vida publica. Completamente fechado, aliás, a todas as manifestações de arte, e apesar de seus esforços nunca pôde comprehender a musica ou a literatura. Nas obras de Tolstoi só viu a luta de classes.

Elle evolue com mais facilidade no dedalo da politica interior.

Lenine é um politico. Tem faro. Sabe desfazer muitas vezes com uma precisão admiravel as linhas geraes da politica interior do seu paiz. Esteve quasi só no seu partido a preconizar o golpe de Estado que o guindou ao poder, e, quando se lê, a dois annos de intervallo, suas séries de artigos, nos quaes expunha com toda publicidade os pontos fracos do regimen Kerensky, e as probabilidades de exito de uma nova revolução, fica-se verdadeiramente sorpreso de sua lucidez.

Depois que tomou o poder faz prodigios de equilibrio para nelle manter-se. Ora, lisonjeia e protege uma camada da população, os "proletarios", por exemplo, contra uma outra, os camponezes ricos; ora, ao contrario, por medidas apropriadas, attrae os camponezes ricos contra aquelles que elle defendia hontem, e tudo com uma arte incontestavel. É verdadeiramente o maior opportunistas da politica russa. E' a sua qualidade essencial de homem politico.

Lenine tem uma vontade de bronze. No exilio era sempre o chefe ou antes, o dictador de um grupo, e, entre os socialistas russos no estrangeiro, ninguém ignorava que, na fracção leninista, era preciso submeter-se ou demittir-se. Considerava sempre os homens que o seguiam peões de um xadrez.

Quando não podia servir-se de alguém, desinteressava-se completamente d'elle, a menos que esta pessoa não se tornasse um adversario politico perigoso. E' preciso fazer-lhe esta justiça que, ao contrario

de Trotsky, fundamentalmente máo e vingativo, Lenine não guarda rancor.

O seu fim supremo era alcançar o poder, afim de fazer uma grande "experiencia social" — a palavra é d'elle — e é por isso que se agarra nelle e apezar da rigidez apparente de seus principios, não recua de nenhuma palinodia para continuar a ser o chefe do governo.

Em summa, Lenine não enriqueceu o pensamento humano com idéa alguma nova. Procurar-se-á, em vão, em suas obras escriptas, antes e durante a revolução, outra coisa além de commentarios mais ou menos engenhosos da these de Karl Marx. Mesmo quando escreveu, em 1908, sobre a pretendida superioridade do regimen dos soviets, não achou outro argumento em favor de sua these senão citações tiradas das obras de Marx, das quaes está cheio o seu livro. Aliás, a pobreza de pensamento é a caracteristica de toda revolução russa, em todos os seus periodos.

Os bolchevistas pretendem que Lenine é o unico discipulo de Karl Marx, que tenha guardado em toda a pureza, a doutrina. E, Lenine, têm em grande conta esta fama. Mas, em theoria, como na vida, a habilidade de politico o torna menos intransigente.

Calculado e frio, elle tolera, senão encorajado, os crimes de seus subordinados. Chefe de uma oligarchia, muito mais afastado do povo na realidade que os socialistas que elle persegue, visceralmente russo, Lenine não pôde vencer a autocracia antiga, senão inaugurando uma autocracia nova.

(D' "O Jornal", Rio).

IDÉAS DE GOVERNO

.....
A proposito de commentarios da imprensa parisiense em torno de individualidades e de assumptos sul-americanos, me vem sempre á mente um curioso episodio, que me narrou illustre politico paulista, ha tempos. São Paulo tinha interesse, na victoria de um nome á presidencia da Republica. Nos Campos Elyseos conversava-se em dado momento, na necessidade da imprensa européa tratar do problema da successão brasileira, exaltando o candidato das sympathias do



grande Estado. Partiu para a Europa, na occasião, um senador amigo do governo e a quem foi dada a incumbencia de provocar os commentarios desejados. Levava 20 mil francos para as despesas. Primeiro elle esteve no *Temps*. Queria, disse ao secretario, um artigo de 1.^a columna, sobre a individualidade do politico brasileiro X. O secretario lhe respondeu que as encommendas de editoriaes sobre o assumpto eram tratadas diariamente com a Agencia Havas. O senador foi ao escriptorio dessa empresa telegraphica, e combinou o preço do artigo. No dia seguinte, o boletim do estrangeiro era uma joia sobre o vulto brasileiro, cujo elogio fôra até medicamente pago.

Satisfeito com o exito da primeira parte da missão, dirigiu-se elle ao *Matin*. Bastaria o pronunciamento de dois órgãos da grande imprensa parisiense: o *Temps*, a tradição politica e conservadora; o *Matin*, o boulevard, esse mesmo boulevard cujo espirito está em tomar o sul-americano como marchante e Queiroz. No *Matin*, o serviço foi mais limpo. O corrector de transacções procurou o secretario e expoz-lhe o fim da sua visita. Com o mais amavel dos sorrisos, o homem levantou-se, fazendo-lhe um gesto: *passez á la caisse!* O senador foi a caixa. Ali se discutia e ajustava o preço das idéas que iam dirigir a opinião. O caixa logo o surpreendeu com a lista de colaboradores do jornal. Por qual delles queria fosse escripto o artigo?

Elle não sabia opinar, porque, vivendo afastado do commercio da imprensa, desconhecia o valor individual, a autoridade dos jornalistas parisienses, em geral, e muito menos dos que escreviam no *Matin*. Imperturbavel, como se jogasse com sul-americanos muitas vezes aquella scena comica, o caixa ia lendo os nomes dos escriptores da sua folha. De repente, elle gritou um, que veiu impressional-o:

— *M. Camille Pelletan, ancien ministre!*

— Sim, este serve. O artigo escripto pelo sr. Pelletan nos conviria.

O caixa passou a mão á cabeça, e disse, um pouco vexado:

— O diabo é que M. Pelletan não está ahi. Foi para as aguas, e o sr. tem urgencia do artigo... Mas não faz mal, observou depois de breve hesitação. Este

contratempo pôde ser corrigido perfeitamente, porque o secretario do nosso collaborador lhe imita o estylo muito bem. Vamos ao preço.

O ajuste foi concluido. No dia seguinte, Camillo Pelletan, antigo ministro da marinha, se occupava da politica brasileira e da crise da nossa successão presidencial, com uma subtileza e um conhecimento de causa incomparaveis. O seu secretario escrevera e assignara o artigo por elle, que só teve no caso uma surpresa, aliás amavel: a remessa de um cheque, na estação de aguas onde se achava, por aquelle artigo extra, em que gentilmente, a redacção lhe puzera a assignatura.

A. CHATEAUBRIAND

(Do "*Correio da Manhã*", Rio)

OS REIS DUM DIA

Nos ominosos tempos da corrupta e decrepita monarchia, como lá dizia o outro, era velho uso colonial e patriarchal fazer todos os annos o Rei dos Congos e o Imperador do Divino. Para a maior gloria de taes soberanos momentaneos e apalhaçados, de mãos dadas concorriam particulares e poderes publicos civil e religioso. O Rei dos Congos, escolhido pela escravaria, e o Imperador do Divino, que devia ir sob o pallio da procição do Espirito Santo, eram os verdadeiros monarchas do dia e tinham até o direito de arranjar a graça dos condemnados.

O costume não era original do Brasil. Vinha de longe, da idade média, em que o Papa dos Loucos mandava, durante um dia, na cidade em que era eleito; dos reis de Carnaval da Roma antiga e de semelhantes habitos orientaes ainda mais velhos e já perdidos na noite dos tempos. Entre nós, com a Republica, cujo começo foi o dominio do positivismo ridiculo, que quiz matar todas as nossas tradições, desapareceram o rei preto e o imperador menino. Na França, entretanto, as instituições republicanas não conseguiram assassinar a velha "Reine des Halles", que Napoleão já respeitava.

Não só sobre a terra se verifica a existencia da antiga usança de dar um



dia de plena liberdade aos homens de condição inferior, não qual elles possam gozar plenamente as delicias de se não sentirem sob as ordens de outro chefe, senão daquelle que elegeram por livre e espontanea vontade, podendo julgar-se iguaes aos que os commandavam até aquelle dia e após elle continuarão a commandal-os.

Sobre o mar tambem existe o rei dum dia, mais poderoso até que o cocheiro-chefe da facção vencedora, azul ou verde, no antigo hippodromo de Bysancio, cujas rixas faziam ás vezes perder o throno o basileus pallido que as assistia do alto do Cathisma ornamentado como a tampa dum relicario.

Neptuno, rei do mar, das sereias, dos polypos, dos monstros marinhos e dos navios, é um marinheiro escolhido pelos seus pares, no dia em que o barco no qual vivem atravessa o Equador. Não é tão antigo como o Papa dos Loucos ou o Rei do Carnaval, o soberano do mar, porque é relativamente recente a data em que começaram os navios a passar além da linha equatorial, avistando o surgir do fundo do oceano, como o lembrou Heredia, a multidão das novas constellações: a Lyra, o Centauro, o Escorpião e, "abrindo os braços de luz", o Cruzeiro do Sul.

Certamente, não encontraremos esse costume nas naves phenicias ou punicas nem nas triremes gregas. Ainda não o acharemos nos galeões grossos de Veneza ou nas palandrias bysantinas de velas côr de purpura antiga. Mas já o veremos nas náos da India e nas caravellas que partiam de Palos, de Sagres e do Tejo, com os velachos, os traquetes, as mesenas e os latinos enfundados, como as azas brancas das gaivotas. Depois, nunca mais houve embarcações que transpuzessem a linha, que não tivessem a bordo as scenas tradicionaes de Neptuno e Amphitrite presidindo o baptismo dos neophytos, isto é, daquelles que nunca atravessaram o Equador.

O vapor matou as velas brancas, mas herdou o habito que se creára com ellas e a bordo dos transatlanticos ou encouraçados nunca se deixou de eleger o rei do mar nem de se realisar o baptismo tradicional.

Mesmo a presença de hospedes illustres a bordo não impede que a maruja se divirta do mesmo modo. Quando o "Northumberland" demandava Santa Helena, com Napoleão prisioneiro, a scena nepturiana se passou na presença do vencido de Waterloo, cujo olhar vago mal pousou na face pintada a vermelho de Neptuno caricatural e cujos labios pallidos nem sorriram diante das cambalhotas desastradas dos baptisandos na tina dagua suja.

A cerimonia da passagem da linha obedece a ritos estatuidos desde longa data. Na vespera, a maruja elege Neptuno, escolhendo Amphitrite e os demais membros da côrte, entre os que já atravessaram o Equador. Quasi sempre, Neptuno é o marinheiro que já passou a linha o maior numero de vezes. A tarde, o secretario do deus apparece no tombadilho a communicar ao commandante a chegada do seu soberano no dia seguinte ás tantas horas, sendo recebido com todas as formalidades da pragmatica militar ou simplesmente maritima, conforme o navio é de guerra ou mercante.

No dia seguinte, á hora determinada, Neptuno surge no convéz, seguido de sua côrte, na qual figuram Amphitrite e suas damas, o seu almirante, o general das suas tropas, o seu chefe de navegação, carrascos, barbeiros, escribas e sereias, todos marinheiros, disfarçados de modo engraçado e curioso. No meio da embarcação, ha, estendida, uma linha vermelha. Neptuno corta-a com uma grande tesoura. Está transposto o Equador.

Desde sua chegada a bordo, é elle o Papa dos Loucos da marinagem, o Rei dos Congos, o Imperador do Divino daquelle dia. Todo o mundo lhe obedece, desde o commandante até o derradeiro taifeiro. Na verga do mastro grande, içase a sua bandeira e elle pára ou governa o navio ao seu bel prazer. Tem guarda de honra, toques de corneta, armas apresentadas e póde mesmo fazer perdoar os marinheiros que estão de castigo. Depois de sentar-se no throno que lhe preparam, começam seus carrascos a ensaboar e dar banho, com mergulhos e outros trotes, em todos os neophytos.

Essa velha tradição terrestre e marítima dos reis dum dia, máo grado o materialismo dos tempos que correm e o esquecimento constante das velhas cousas, ainda não morreu. Hontem, assisti, a bordo deste encouraçado americano, o maior do mundo, á chegada de Neptuno com o ceremonial da praxe antiga, recebido pela officialidade de espada e luvas, pela guarnição formada. Vinha seguido de toda a sua côrte, içou a bordo o seu pavilhão, commandou o navio, perdoou tripulantes de castigo e fez baptisar na piscina de natação, pelos seus carrascos e sereias, officiaes e marinheiros que ainda não tinham atravessado a linha. E por meio dia me julguei a bordo das náos antigas, cujas velas alvas corriam sobre o mar, roçando as vagas espumantes como as azas brancas das gaivotas...

JOÃO DO NORTE

(Da *Gazeta de Noticias*, Rio)

UMA VELHA QUESTÃO ACADEMICA

A reforma da orthographia

Parece que d'esta vez a Academia brasileira vae dar uma solução definitiva á velha questão da orthographia.

Vae fazel-o na ultima sessão d'este anno, por uma proposta assignada pela maioria dos socios d'aquelle instituto.

A proposta revoga todas as disposições anteriores da reforma graphica e faz voltar a questão ao "statu quo", desinteressando-se de todos os systemas e theorias dos neographos da actualidade. Reconhece, pois, a existencia e a generalidade evidente da graphica antiga ou usual que tem resistido aos pruridos de reforma phonetica.

É um acto de tolerancia, de liberalidade, e de bom senso, que exonera os academicos da obrigação (aliás quasi nunca observada), de seguir um systema de escripta repudiado da opinião publica e de todos os brasileiros que escrevem.

Accresce que á nossa educação latina, quasi exclusivamente feita pela França, e á nossa longa e uniforme tradição litteraria, repugna a alteração das antigas imagens com que se vestiram as nossas idéas.

Mas, acima de tudo, a experiencia demonstrou a inutilidade da tentativa.

A imprensa brasileira não prestou ouvidos á deliberação academica.

Uma grande folha de S. Paulo, tendo a infeliz lembrança de adoptar a reforma portugueza, recebeu logo a advertencia (e não sem prejuizo de vulto), de que não podia proseguir no caminho. E logo voltou atraz. Essa questão orthographica que ha mais de um decennio agita as duas academias litterarias, a do Brasil e a de Portugal, volta, pois, de novo na melhor oportunidade, a preoccupar a attenção.

Acreditamos que está inteiramente morta a tendencia simplificadorá que produziu, cá e lá, varias reformas ou revisões supplementares, estereis, em pura perda.

Realmente, a orthographia deve ser um trabalho nacional que reuna e não disperse, que unifique e não fragmente as tendencias communs.

Não pode ser a combinação clandestina ou a especie de cabala em que se comprazem algumas sociedades restrictas, sem echo na opinião.

A verdade é que a experiencia, que não faltou, de quasi vinte annos, deixou evidente a repulsa e até a repugnancia da imprensa, de auctores e amanuenses por uma forma de escripta que parecia impertinente e inopportuna.

Não a quizeram os escriptores, não a quiz o publico, nem a quiz a imprensa. Alguns solitarios seguidores do systema restaram "vozes clamantes in deserto". E estes mesmos simplistas não guardaram inteira disciplina e fizeram reservas acerca de certas particularidades.

De modo que o pequenino grupo de fieis se contaminou de inconsequencia e de anarchia.

Os mesmos que haviam contribuido para a reforma reconheceram a tempo a inutilidade da empreza que tomaram a hombros. E não só a reconheceram, verificaram que na pratica as coisas eram diversas e fugiram á toleima da logica ou da coherencia com o absurdo.

Estimulado provavelmente pela reforma da nossa Academia, o governo portuguez nomeou uma commissão de homens doutos que por sua vez elaborassem a nova —



Orthographia decretada, como era justo e natural, para "Portugal e suas colonias".

Fizeram a promessa de uma consulta illusoria á Academia brasileira, do que, por fim, prescindiram.

Desde logo, o lusismo inveterado de uma parte dos nossos letrados viu naquelle decreto uma taboa de salvação que vinha a proposito no naufragio da reforma phonetica.

Buscaram adherir á reforma portugueza, que mantinha os mesmos defeitos e ainda maiores inconvenientes sobre os das nossas tentativas.

Alguns professores primarios de S. Paulo pediram a adopção da orthographia do governo portuguez. A essa primeira e imprudente manifestação, respondeu a nossa Academia com alevantado protesto, defendendo a nossa injusta diminuição inexplicavel deante da displicencia geral pela neographia academica.

O presidente de São Paulo, Rodrigues Alves, teve o bom senso de indeferir o pedido dos professores paulistas.

Continuava, entretanto, em surdina, mas pertinaz, ainda que raro e pouco significativo, o espirito de submissão ao decreto portuguez.

Foi por um periodo silencioso da Academia (em que só figuravam oito ou dez academicos para quarenta do seu numero), que alguns lusophilos da incoercivel tempera consumaram a submissão desejada, fazendo passar como nossa a reforma portugueza, revogando o antigo protesto de que foi orgão por escolha da companhia o saudoso José Verissimo, e annullando todas as disposições anteriores discutidas, acceitas e votadas na materia.

D'esta arte, dez academicos puzeram termo á questão, sem audiencia do maior numero, e adoptaram o decreto portuguez, "ipsis verbis et ipsis literis".

Não sei se isso cairia em desagrado ou em ridiculez. Caiu em meio ainda peor, caiu no vacuo absoluto.

Ninguém tomou nota ou reparou sequer n'essa resolução anodyna, disparatada e secreta. Nem, ao menos, conseguiu a agitação do outro tempo.

A imprensa, a literatura, os auctores, continuaram indifferentes áquella fermentação serodia e improductiva.

Os fieis ainda eram os mesmos sujeitos, discordes, anarchicos, em qualquer caso raros e rarissimos.

Convém dizer que em Portugal as coisas seguiam com proporcional indifferença ou indisciplina. As publicações officiaes, os livros didacticos, apparecem, de facto, escriptos segundo a neographia official e obrigatoria; mas varios escriptores guardam inteira independencia. Aqui mesmo, temos registrado e criticado livros portuguezes, como os do conde de Sabugosa, que não seguem a orthographia official e adoptam a usual, e a antiga. Outros, como Lucio de Azevedo seguem naturalmente a graphia official nas publicações da Academia de Sciencias, mas quando publicam trabalhos sem o bafejo ou os auspicios d'aquella instituição (por exemplo a, — Historia de A. Vieira —), recobram a liberdade de escrever, e seguem a orthographia tradicional e antiga.

Assim, tanto em Portugal (onde a neographia phonetica é lei da Republica), como no Brasil, onde é apenas a tenaz impertinencia de meia duzia de excentricos amadores de singularidade ou de exotismo, estão inteiramente mortas de inanição as cacographias academicas e phoneticas.

Se ninguem as quer! e que coisa peor poderia haver para ellas, que o não serem queridas!

Pouco adianta lembrar ou discutir os varios aspectos da questão. A mania (outro nome não merece) que fez dar a essa convenção de alguns estudiosos portuguezes o titulo de "obra scientifica" não desperta mais que um commentario jovial.

A neographia simplificadoradora nem é sonica nem etymologica nem tradicional. Só por não ser tradicional deixa de ser scientifica, porque toda a sciencia da linguagem é essencialmente historica e trabalha sobre a tradição.

É um "volapuk", ou "esperanto", graphico qualquer, que parece corresponder, um momento, ás conveniencias de brevidade e facilidade stenographica.

É o ultimo vestigio na civilização portugueza das virtudes crematorias dos autos de fé.

Não era preciso ir tão longe no incendio das effigies e das imagens. A iconoclastia phonetica podia abster-se de tão criminosos excessos.

Nos ultimos tempos a meticulosidade dos estudos phoneticos parecia reclamar imagens mais fiéis.

Em geral, os anatomicos não veem a alma e tomam o esqueleto pela vida.

Pensam, talvez, na commodidade dos caixeiros viajantes, da gente cosmopolita que não sente a profundeza do tempo e se contenta da presença do espaço e da paisagem actual.

O que ha atraz d'isso não lhes interessa.

A tendencia phonetica em verdade, é na escripta uma aspiração antiga que só é possível realizar, em todas as linguas, por uma acção superficial, moderada, diuturna, longa, discreta e limitada e pequenas alterações successivas e accumuladas.

Aqui, como alhures, a theoria ou o systema das catastrophes é contraproducente, sobre falsa e inutil. Não é da noite para o dia, como na semana da Creação, que se transforma sete vezes a face do mundo.

A Academia avaliou mal e erradamente as suas forças e suppoz que as indicações microscopicas do seu sismographo, familiar iriam subverter n'um terremoto a supposta inercia de coisas antigas e longevas.

Agora (de Philippe a dormir para Philippe acordado) a Academia mais completa em seu "quorum", por grande e experiente maioria e não por dez vezes reunidas eventualmente, irá dizer effectivamente se lhe convem sair na via publica com mascaras a perguntar pelas outras... que se deixaram ficar em casa.

A verdade logo se tornou evidente desde o começo da reforma phonetica. Machado de Assis submetteu-se disciplinadamente, mas logo entregou a um revisor habil o cuidado das palavras ao seu parecer, picadas de variola ou da traça do futuro desfiguradas e irreconhecíveis.

Outros (e pessoalmente me conto n'este numero) tentaram a experiencia difficil e ingrata, e ainda guardam a lembrança horrivel dos vocabulos em mangas de camisa, despidos, desnudos, sem chapéo ou sem sapatos.

Por evitar a etymologia que os levava aos trajes do Lacio, agora a phonetica os atirava á longinqua indumentaria do Pae Adão.

Em geral, nas pessoas e nos espiritos de insegura educação classica, o passado não resurge, a tradição é uma nevoa informe e silenciosa, sem linhas e sem vozes. D'ahi a facilidade de "tabula rasa" com que tudo aceitam.

A maior parte, porem, ainda que ignore o passado, conserva em si o "inconsciente" que é o maior quinhão, o mais indispensavel do espirito, e é o que poderíamos chamar a physiognomia da especie. O individuo é sempre uma alteração infinitesimal sobre essa invencivel e obscura massa da vida.

O individuo propõe, mas a especie dispõe.

As tradições humanas, litterarias ou de qualquer ordem, arruinam-se lentamente por esfoliações granulares e imperceptiveis. A obra orthographica é, de natureza, secular.

As imagens e os hieroglyphos apagam-se de extincção propria quando lhes mingua vitalidade.

Este é o momento e o outomno das coisas.

Os allemães quizeram, de uma feita, supprimir com enorme discreção e parcimonia alguns poucos "h" "h" incomodos do meio de varias palavras e assim o fizeram. Mas logo perceberam que "ruhm", gloria "rhum" caxaça, ficavam reduzidos a uma unica imagem. E logo decidiram que a "gloria" pelo menos merecia não a forca, mas a gravata inutil de um "h".

Hoje a falta da gloria dispensaria talvez a obnoxia excepção.

E, entretanto, a reforma não passava de minusculas alterações litterarias.

Na França, como na Inglaterra a attitude — excessiva dos reformistas não tem conseguido mais nem melhor que algumas regras de tolerancia na complicação insolita dos participios. E o pouquissimo que lá se tem feito em uma ou outra circumstancia, temos cá a pachorra de o ir copiando elegantemente, insensivelmente, francezmente.

No inglez, os absurdos phoneticos chegariam a desesperação. Segundo o dito popular, em inglez, a palavra "chá" lê-se "café" e significa "chocolate".

Repetiu-o Candido de Figueiredo.

A gente britannica cultiva o esplendido isolamento; e todo inglez, como dizia Novalis, é uma ilha.



Chá, ou chocolate, "con su pan se lo coma".

Resta a Hespanha que se não creou lentamente uma graphia etymologica foi porque não temia a ameaça portugueza. E foi de facto, por patriotismo e anti-liberismo que Portugal a pouco e pouco latinizou desde o seculo XVI a sua escripta.

Quando o Brasil começou a ter uma litteratura regional (e foi naquelle seculo) de herança recebeu a orthographia etymologica.

Conservemol-a, como traço differencial e imagem familiar e domestica. Não convem extirpar as coisas inuteis e superfluas que tanta belleza dão a utilidades grossas e expropriaveis.

JOÃO RIBEIRO.

(Do "Diario de Pernambuco").

GECA TATÚ, PESCADOR...

Era a vez primeira que realizava uma travessia perigosa, isto á mingoa de energia, ou talvez por amizade a uma creatura de minha estima, a quem, desde os dias mais louros da infancia, me sinto ligado por estreitos laços duma irresistivel sympathia mental. Fui. A canôa, muito comprida, já gasta por um serviço continuado, deslisava calmamente sobre as aguas do Sanhaú.

Sentados, eu e o meu amigo, dr. Henrique de Almeida Filho, divagavamos sobre o destino das coisas, ambos senhores de horisontes philosophicos mais ou menos oppostos, cada qual blindado nos conhecimentos que a vida proporcionára num breve curso, quando o pescador, caboclo baixo, ainda joven, cara picada pela be-xiga, calcanhares rachados e unhas comidas pelo sal marinho, nos chamou a attenção, entre delicadeza e timidez, indicando com o labio inferior:

— Allí fica o Boqueirão, mais adeante a Ilha dos Coqueiros, além a Stuart, depois o Tiriry! Ha cinco annos que não venho a essas bandas. Não encontro differença, acreditem.

Voz de cerimonia o nosso amavel Géca Tatú, meio enfiado com a espontaneidade de sua franca expansão, affigurava-se-me tal qual o typo que a ardente imaginação de Monteiro Lobato déra tintas de ridiculo, criticando-o com o seu claro tino de escriptor elegante e definitivo.

— E' verdade. Que lindo panorama! Jámais imaginára que a minha terra, aqui bem perto, ás suas barbas, possuísse tanta natureza jubilosa, tanta formosura, tanta harmonia, tantas riquezas inteiramente abandonadas á sorte de tempos melhores...

O rio estava calmo na serenidade de sua belleza. Atirei, então, com violenta caricia, uma pequena pedra que tinha ás mãos. A agua, ferida, arripiou-se, formando um circulo ondulante, que se alargou, ampliando-se, crescendo até morrer...

Assim á direita, os *sapateiros* se agitavam ao vento nordeste, que soprava tepidamente. Os carangueijos corriam de patas abertas, enquanto o *chama maré* se abanava negligentemente, num rythmo de quem sente calor, deseja viver e ausentarse das vistas humanas.

— E os coloridos de negro e encarnado?

— São os aratús. Que *ponche* bom, meu mocinho! Ás vezes, quando não consigo pescar fóra, venho até aqui e, munido de dois páus, a bater um no outro, assobiando alto, arrebanho o maior numero possivel, levando-os para casa em cordas pezadas. Que *ponche!*

— E' assim, hein?

— Quando ha carinho, que nunca me vem, fica até uma delicia, sem haver necessidade de tempeiro algum.

— E você vive mal com sua esposa?

— Qual! Esse *povo* não me faz falta. Tenho a minha mãe velhinha, e bastante doente, para dar de comer.

— Mas, isto não lhe impede de procurar uma companheira fiel.

— Não, não *magino* em mulheres, pois a venda do Tiburcio cada dia que se passa mais careira fica. Um horror, um fim de mundo.

— Ha-de melhorar. O inverno vae ser de fevereiro a outubro.

O pescador, suspirando, continuou a remar, exhibindo forças, em vista dos largos elogios propositaes que faziam aos seus musculos séccos e lustrosos.

A expressão é tudo... Via naquella alma de analfabeto intelligente, feliz na escuridão de sua completa ignorancia, a photographia de milhares e milhões de outras semelhantes, tão desoladoramente espalhadas no littoral e no vasto *hinterland* brasileiro. A minha tristeza cresceu, tomando vulto...

— Trabalho de sol a sol, meus mocinhos, e, abaixo de Deus, este Sanhauá é o meu pae e o meu patrão.

— Ganha muito...

— Nem sempre. Amanheço muita vez sem sentir o *cheiro* dum vintem. Não ha movimento de vapores. As barcaças chegam de mez em mez.

— O porto vae ser feito e você, então, ha-de vêr muito dinheiro ao seu alcance. Os homens estão fazendo tudo para que seja brevemente construído um amplo caes. A Parahyba vae ficar rica, brilhante e ninguém mais terá difficuldades...

— Ah, Deus querendo!

— E você acredita nelle?

— Ora, nem se pergunta. Dependemos de Deus, que nos governa com superioridade, justiça e sabedoria. Os homens não valem nada. Aparecem na terra e *um dia* vão voltando de olhos fechados. Não tenho, a falar positivo, nenhuma confiança nas suas promessas.

— Então para que vae ás eleições?

— Quem disse que eu sabia lêr? Também não mantenho lá essas amizades com gente branca, que não conheço e não vejo nunca.

— Sabe, porém, quem é o presidente do Estado...

— Não senhor.

— E o da Republica?

— ! ? !

Fez-se mudo. Depois meneou levemente a cabeça, sorrindo, impulsionando os braços com o remo, dizendo-me num tom de ingenuidade:

— Quer divertir-se commigo. Sou *sarado*... Pensa que acredito no que está a dizer. O moço bem comprehende que para mim só existe um homem, e esse é o meu padrinho, o commendador Santos Coêlho.

— Sei quem é...

— Pois.

Havíamos atravessado o rio, que começava a encher, encrespando-se chispante á luz solar, enorme, parecendo áquellas horas vespertinas, o mar esverdeado que afaga ás nossas praias num perenne susurro de queixa e amor.

Saltámos, enfim, na Ilha Stuart e, alargando os olhos desmesuradamente, deparava-se-nos a capital lá em cima: uma viva perspectiva de chacara erguida com elegancia no apice duma colina, a ostentar o

esplendor duma esmeralda vegetativa, que o labyrintho de mangues e ilhotas fornava uma como intensa palpitação de forças telluricas e eternas.

ADHEMAR VIDAL.

(Da "*União*", Parahyba do Norte).

AS TABOLETAS EM VERNACULO

A muito nobre Edilidade
Desta mui pobre capital
Quiz dar-lhe prova de amizade,
Melhor: — de amor, intenso e leal.

Pois que entre gente bem nascida
Habito é velho e de bom tom
A offerta, á dama preferida,
De um mimo, em dia de anno bom,

Por um vilão porque a não tomem
Dar o seu mimo tambem quer;
(Em tempo: a Edilidade é homem,
Pezar do nome de mulher...)

Pensa no mimo que daria,
Em dez, em vinte, em trinta, em cem;
Mas que presente agradaria
A' filha audaz do velho Mem?

Palacios novos de architectura
"Virzi, Maria!" os pés para o ar?
Lenções immensos de verdura,
Seccando ao sol, á beira mar?

Acceita a idéa e aprovada,
Entre palmas effusivas,
Acclamações, urrahs, vivas
Foi logo em lei transformada.

O prefeito sanccionou-a
E o mesmo fez o Zé Povo,
Que applaude tudo que é novo,
Mesmo coisa que lhe dôa.

Por isso a *Notre Dame* já hoje a vemos
Mudada em *Nobre Dama de Paris*
Na *Maison Chic* a *Mesa Chica* temos;
E o *Paradis* chismou-se; é — *O Pará* diz!

E' a *Red Star*, — *Arreda Estrado*; o *Parc*
E' o "*Par que...*" vae ás compras. *La*

[*Poupée*

E' "*a Poupada*". Que tudo se remarque
Conforme a traducção que melhor dê.



Petit Marché traduz-se, facilmente,
O *Petit do Marquez*. A *Light* é a *Lata*
Que atada ao rabo leva eternamente
Esta nobre cidade, nobre gata!

O melhor mimo, portanto,
Para a cidade amantissima,
Será uma lei urgentissima
Que passe sem discussões:

Rele em cada canto
Se imponha o dizer immáculo
Do purissimo vernaculo
Do Sôr Luiz Vaz de Camões.

Seja a "lei das Taboletas"
Seja a lei taboletifera
Contra essa invasão pestifera
De francez, inglez ou chim!
Em letras grandes, bem pretas
Em lingua luza, castilica
ou, quando muito, brasilica,
Bororó ou tupiniquim,

Sejam graphados os nomes
Em typos simples ou artisticos
Nas taboletas, nos disticos
Do commercio grosso ou não:
Haute Gomme? — O outro *Gomes* —
Sem mais aquella, traduz-se;
e *Le Grand Palais* reduza-se
A um termo só — Palação.

Novas, modernas avenidas,
De norte a leste, oeste a sul,
Cortando o mappa? e mais compridas
Que as pernas finas do Raul?

Novas estradas suburbanas
A Guaratiba, a Camboatá,
Para o intercambio das bananas
E o alto commercio do fubá?

"Mas que alto dom, galante e regio,
Far-te-emos nós, pobres edis?
Se tu já tens o privilegio
De fazer figas a Paris?!

Mas eis que uma voz se escuta
Entre os edis. Fala trémula:
"Nós, esta cidade, vemol-a
Só no aspeito material.
E nisso ella é, sem disputa,
A mais linda, não da America,
Mas de toda a crosta espherica
Deste mundo espheroidal.

Encaremol-a, senhores,
Não pelo seu lado esthetico,
Porém, de um modo synthetico
Pelo moral, mais subtil;
Que vemos? Negros horrores!
As taboletas, os disticos,
Com dizeres cabalisticos,
Esriptos em linguas mil!

CURIOSA COLLECÇÃO ZOOLOGICA

Alem da zoologia official, dos natura-
listas, ha uma zoologia profana, criada
pelo povo para o seu uzo e que não cabe
nos compendios dos sabios.

A guiza de "panopticum" vamos inau-
gurar aqui um museu creado pela lin-
guagem popular e, de accordo com a
praxe uzada por occasião de inaugura-
ções de institutos semelhantes, pedimos
escusas aos visitantes por abrimos as
portas de collecções ainda tão pobres
quando sabemos que ha por ahi tantos
especimens não representados nas vitri-
nes. Os curiosos são desde já convidados
a collaborar nesta collectanea que, des-
pida de outros meritos, ao menos pôde
ser taxada de bem curiosa.

Entrando na sala dos mamíferos de-
frontamos logo com o *macaco* (não o de
Darwin, dito nosso antepassado) sob for-
ma de um aparelho engenhoso, que ser-
ve para levantar grandes pesos, espe-
cialmente carruagens, etc.

Segue-se o *cavallo*, que aqui é o tron-
co de qualquer especie vegetal, e que
leva um enxerto nobre. Vemos ain-
da o *burro*, de uso dos alumnos vadios,
os quaes, só com seu auxilio conseguem
traducções primorosas. O *cão* figura na
espingarda, o *gato* nos trabalhos typo-
graphicos de mão compositor; a *porca*
está na rosca de um parafuso, o *carneiro*
no cemiterio; o *bóde* é um simples mu-
lato, o qual ao mesmo tempo pôde ser
onça si é valente, e *cabra* se é "esco-
vado".

A sala das aves é menos rica: temos
apenas a *andorinha* que faz as mudan-
ças de mobiliarios, o *tico-tico*, serra muito
fina armada entre as duas pontas de um
arco de ferro; o *gallo*, apezar de preoc-
upar bastante o seu proprietario, pouco
interessa os clinicos, porque é apenas
consequencia passageira de uma pancada

na cabeça. Ha duas especies de *papagaios*, sendo que ambos são de papel; mas um é brinquedo innocente das creanças que o "empinam" ao passo que o da outra especie é um documento de divida que ao menos o credor considera cousa muito seria; mas em geral poucos gostam de receber taes aves, para não serem considerados *araras*, especimen que tambem figura nas nossas vitrines.

Das outras classes de vertebrados podemos mostrar apenas as seguintes: o *sapo* dos jogadores, onde este animal é de facto amphibio, porque é sapo sómente emquanto é "de fóra", deixando de o ser logo que entra para a roda. Durante a sua mocidade, como *sapinho*, esse curioso animal pertence á collecção medica, como mal das creanças de peito. O *jacaré* é da gyria dos ferroviarios, tendo como parte principal a agulha dos desvios.

O salão dos arthropodes contem: o *carangueijo*, especie de tenaz com alavanca, que serve para segurar o arame que se quer bem esticado; a *aranha* é um typo de vehiculo ligeiro de duas rodas, de especial predilecção dos italianos mais abastados que ainda não querem ou não podem sustentar o luxo de um automovel. Entre os insectos notamos: o *percevejo*, vulgo tacha de desenhista, o *grillo*, terrivel classe de usurpadores de terras

alheias; *borboleta* companheira da "porca", mas provida de duas azas que facilitam a acção de apertal-a.

Da *mosca* ha duas especies, congengeres, pois ambas são destinadas a enfeitar o rosto humano — o sexo barbado temna sempre abaixo do labio, ao passo que as moças criam-na em qualquer parte do rosto, hoje aqui amanhã acolá, pela simples applicação de um pedacinho redondo de tafetá preto; o *gafanhoto* é bicho de origem ainda recente e designa o menor retalho dos bilhetes de loteria.

Na classe dos seres inferiores encontramos especies de subido valor — são os *solitarios*, não vermes, mas diamantinos e que tem parentes bem mais pobres, que são as *bichas*. A *concha* faz as vezes da colher.

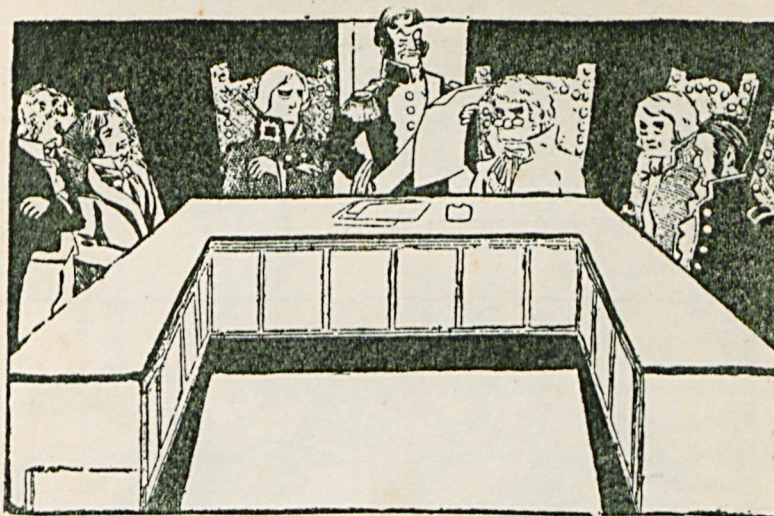
Em uma sala especial o director do museu reuniu todos aquelles seres infelizes que por qualquer motivo especial soffreram o vexame de serem comparados a certos homens. Ahi estão: o *porco*, o *burro*, o *camello*, *zebra*, *cabra*, *onça*, *bóde*, *rato*, *arára*, *lesma*; outros são apenas lembrados pelas suas qualidades: *leonina*, *abelhuda*, *viperina*.

Felizmente todos esses animaes ignorarão para sempre esse juizo que delles fazemos...

R. v. I.



CARICATURAS DO MEZ



A inauguração da Academia dos Esquecidos, em 7 de Março de 1724, segundo um desenho da época

Por ser um dos mais modestos colleccionadores de cadeixos, alguém da "A Rua" lembrou-se de explorar a minha paciência em beneficio da curiosidade de outros, e isso só porque os doutos e profissionaes de nossa "fossilographia" não podem dispensar, em vespéras do primeiro centenário de nossa independência, as energias que lhes exigem as obras monumentaes que no momento preparam.

Como sou um desconhecido amador de nossa historia medica não me envergonho de satisfazer em momento de apuro, a curiosidade alheia, desde que possam ser solucionadas por meus libricos.

Sem possibilidade de ser algum dia douto ou profissional "fissilographo", não excavo senão para leitores leigos, o que quer dizer que copilo sem commentar.

Pedem-me noticias sobre a primeira sociedade literaria fundada no Brasil, isto é sobre a Academia Brasilica dos Esquecidos, que por iniciativa de D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, vice-rei do Brasil, foi creada na cidade da Bahia na tarde do dia 7 de Março do anno de 1724.

A essa sessão preparatoria, realizada no palacio do vice-rei, compareceram, convidados por D. Vasco Fernandes Cezar de Menezes, o padre Gonçalo Soares de Franca, o desembargador Caetano de Brito Figueiredo, o desembargador Luiz de Siqueira da Gama, o dr. Ignacio Barboza Machado, o coronel Sebastião da Rocha Pita, o capitão João de Brito Lima e José da Cunha Cardozo, os quaes discutiram e combinaram as bases da nova sociedade.

A Academia dos Esquecidos, continuando a funcionar no palacio do vice-rei, realisava a sua sessão inaugural a 23 de Abril do anno de sua fundação.

A existencia da Academia dos Esquecidos foi ephemera, pois, após ter realizado algumas sessões quinzenaes, dissolvía-se com a ultima, que teve logar a 4 de Fevereiro de 1725.

Entre os trabalhos apresentados a essa sociedade, que tinha como principal objectivo o estudo da historia brasilica, posso citar: "Dissertação da Historia Ecclesiastica do Brasil" pelo padre Gonçalo Soares de Franca.

Os principais academicos da Academia dos Esquecidos faziam isso de pseudonymos, assim é que vemos os sete que acima mencionamos usarem os seguintes appellidos: *obsequioso, nublado, occupado, laborioso, infeliz, venturoso, e vago* que se reservava para o historiador Sebastião da Rocha Pita.

A Academia Brasilica dos Esquecidos, ainda que não primasse, pelos elogios mutuos, foi bem uma sociedade, onde os encomios ao vice-rei chegaram ao ridiculo e em suas sessões, o fito historico era quasi sempre affastado para dar logar á expansão da musa *engrossativa* dos esquecidos que se esforçaram por se fazerem lembrados do vice-rei.

Com as informações que acima dou, creio satisfazer, dentro de meu programma, a curiosidade alheia. — A. G. ("A Rua", Rio).

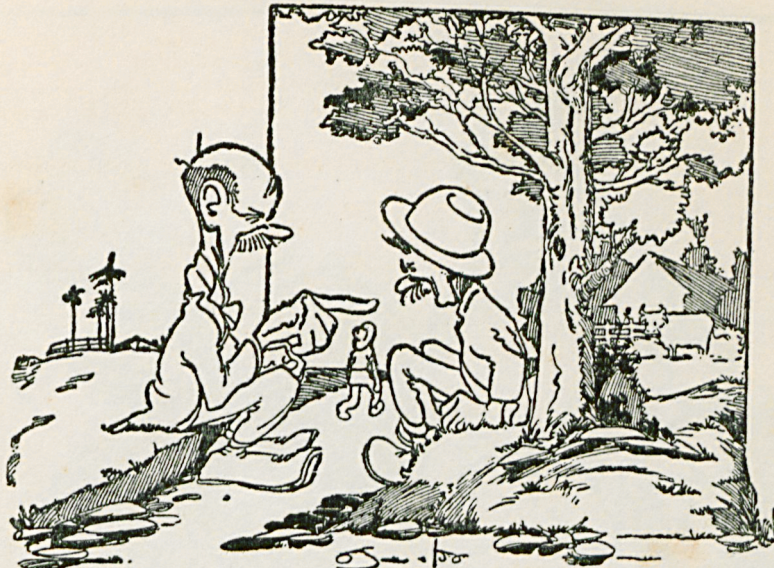
OS NAVIOS ALLEMAES



Mas se aos pombaes as pombas todas voltam,
Elles ás nossas mãos não voltam mais!

B. B. (Kosmos, S. Paulo)

E' PRECISO ESCLARECER...



— Um medico de Strasburgo affirma que a dyspepsia é uma scisma ; e cita casos de individuos dispepticos que foram para a guerra e não mais se queixaram do mal.

— Mas, elle dá os nomes dos individuos, os numeros dos regimentos e diz em que combates morreram?

Oswaldo (O Jornal, Rio).

ESTRAGANDO A PAIZAGEM



— Quem seria capaz de nos adivinhar aqui?

— Cala-te, filha! Sabes lá de quanto é capaz um "cadaver"?

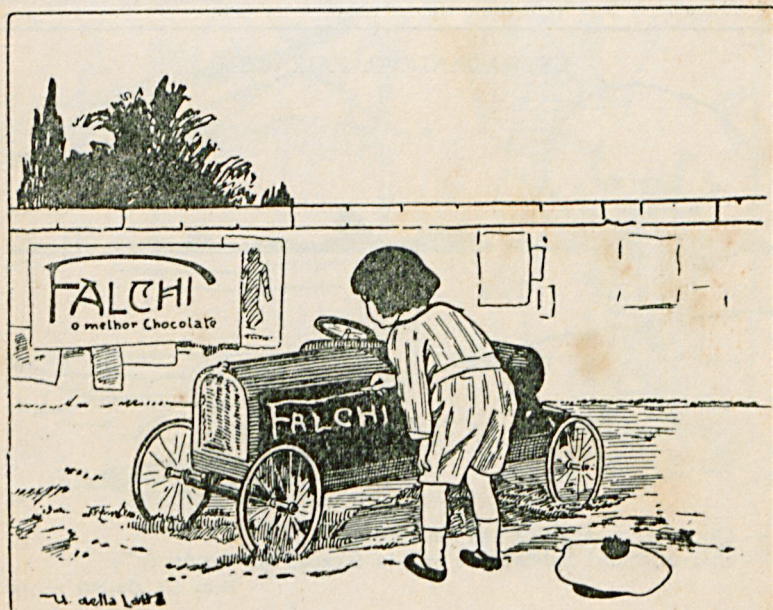
Fritz (D. Quixote — Rio).

O TRATADO DE PAZ COM A TURQUIA



A... systematisaao do Imperio Ottomano.

Voltolino (Pasquino, S. Paulo).



INDICE GERAL DO VOLUME XIII

N. 49 — Janeiro, 1920

	PAG.
<i>O Momento</i> , Redacção	3
<i>A arte religiosa no Brasil</i> , M. Moraes Andrade	5
<i>Magua que rala</i> , Lima Barreto (conclusão)	13
<i>Versos</i> , Carvalho Aranha	21
<i>Coisas de Espanha</i> , Martim Francisco	25
<i>Do archivo de Ubaldino do Amaral</i> (cartas de Salvador Mendonça e Prudente de Moraes)	34
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	38
<i>A philosophia de J. Ingenieros</i> , H. Geenen.	44
<i>Na bacia do prata</i> , Alipio de M. Ribeiro	50
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	55
<i>Bibliographia</i> , Redacção	71
<i>Resenha do mez</i>	80

N. 50 — Fevereiro, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	93
<i>A arte religiosa no Brasil</i> , (II), M. Moraes de Andrade	95
<i>Tio Euzebio</i> , Albertino Moreira	104
<i>Dr. Ricardo G. Daunt</i> , C. Magalhães Azeredo	111
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	116
<i>Coisas de Espanha</i> (II), Martim Francisco	121
<i>Os taboleiros alagoanos</i> , Octavio Brandão	132
<i>Na bacia do Prata</i> (II), Alipio de M. Ribeiro	137
<i>Versos</i> , Thales de Mello	144
<i>O segredo de Mauer</i> , R. Roquette-Pinto	147
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	152
<i>Bibliographia</i> , Redacção	165
<i>Resenha do mez</i>	169

N. 51 — Março, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	189
<i>Educação republicana</i> , Noé de Azevedo.	191
<i>O romance do Chupim</i> , Monteiro Lobato	196



	PAG.
<i>Pagina relida</i> , C. Magalhães Azeredo	204
<i>Versos</i> { Paulo Setubal	212
{ Basilio Magalhães	215
{ Milton de Assis	217
<i>Afranio Peixoto</i> , Jackson de Figueiredo	218
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	229
<i>Archipelago de Fernando de Noronha</i> , Yvon.	235
<i>Calcutta</i> , Ed. Navarro de Andrade	241
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	248
<i>Autographos</i> , Silveira Martins	259
<i>Bibliographia</i> , Redacção	261
<i>Resenha do mez</i>	272
<i>Caricaturas do mez</i>	282

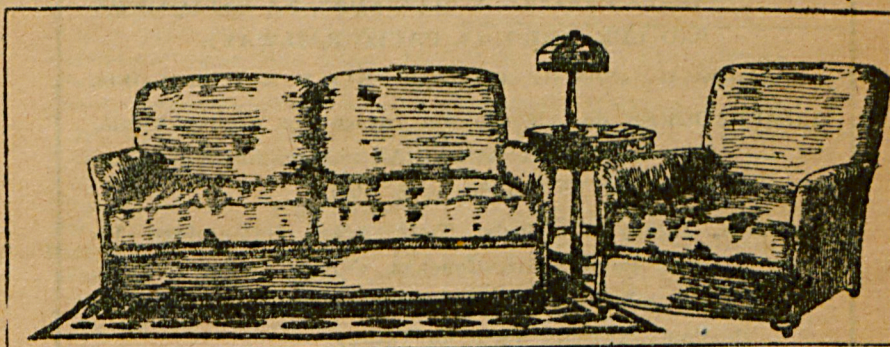
N. 52 — Abril, 1920

<i>O Momento</i> , Redacção	287
<i>Arte religiosa no Rio</i> , M. Moraes de Andrade.	289
<i>Bucho-de-Piaba</i> , Alberto Rangel	294
<i>A philosophia de J. Ingenieros</i> , H. Geenen	303
<i>Um episodio da Revolução Republicana de 1824</i> , Mario Mello	307
<i>Na India</i> , Ed. Navarro de Andrade.	311
<i>Paiz de ouro e esmeralda</i> , J. A. Nogueira	321
<i>Mães, por decreto...</i> , Hermes Fontes	325
<i>Versos</i> , Galeão Coutinho	329
<i>Afranio Peixoto</i> , Jackson de Figueiredo	332
<i>Estudos da lingua portuguesa</i> , Prof. F. Assis Cintra	338
<i>Academia de Letras</i> , Arthur Motta	344
<i>Bibliographia</i> , Redacção	356
<i>Resenha do mez</i>	364
<i>Caricaturas do mez</i>	377



MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. — São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

PEREIRA IGNACIO & CIA.

Industriaes

FABRICA DE TECIDOS "PAULISTANA" E "LUSITANIA"
NESTA CAPITAL, E "LUCINDA", NA ESTAÇÃO DE
SÃO BERNARDO, (S. PAULO RAILWAY).

VENDORES DE FIOS DE ALGODÃO CRUS E MERCERISADOS.

COMPRADORES de Algodão em caroço em grande escala,
com machinas e AGENCIAS nas seguintes localida-
des todas do Estado de S. Paulo.

Sorocaba, Tatuhy, Piracicaba, Tieté, Avaré, Itapetininga, Pi-
rajú, Porto Feliz, Conchas, Campo Largo, Boituva,
Pyramboia, Monte Mór, Nova Odessa, Bernardino de
Campos, Bella Vista de Tatuhy.

GRANDES NEGOCIANTES de algodão em rama neste e nos
demais Estados algodoeiros, com Representações e
filiaes em Amazonas, Pará, Pernambuco, Bahla, Rio
de Janeiro, Rio Grande do Sul.

ESCRITORIO GERAL EM S. PAULO:

RUA DE SÃO BENTO N.º 47

TELEPHONES: 1536, 1537, 5296 - CENTRAL

CAIXA POSTAL, 931.

Proprietarios da conhecida "PLATINA"
Agua Mineral

Cognominada a Vichy Brasileira — A melhor Agua de
mesa — Acção Medicinal — A Platina cuja Fonte Cha-
padão, está situada na estação da Prata, é escrupulosa-
mente captada, sendo fortemente radio-activa e bicarbo-
natada sodica como a Vichy e é, como esta agua franceza

Vendida em garrafas escuras.



INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIAES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corretor official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Comercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Comercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond

Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Peçam á "REVISTA DO BRASIL" os Annaes de Eugenia, grosso volume com todos os trabalhos, conferencias e estudos da Sociedade Eugénica de S. Paulo. - Preço: 8\$000, incluído o porte.

DESCONTO DE 20 % AOS ASSIGNANTES E REVENDEDORES.

Vôo nupcial

Interessantissimo romance de costumes mineiros, por
Albertino Moreira.

Brochado - 3\$000

Pedidos á REVISTA DO BRASIL — Caixa, 2-B
S. PAULO.

Lampadas Electricas

DE FILAMENTO METALICO E MEIO WATT, PARA
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent -
Bronzes et Marbres d'Art - Services en
Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO

INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS

EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES



QUINIUM, CARNE,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL,
 PEPSINA E GLYCERINA

VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO

TONICO E NUTRITIVO
 Na tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.



EXIJAM A NOSSA
 MARCA



HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SEÇÃO DE OBRAS DE "O ESTADO DE S. PAULO"

